

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

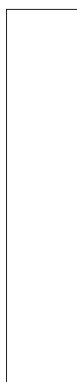
Habitar com sentido:

A CASA para a Perturbação do Espectro do Autismo

Bárbara Nunes Reis



2026



HABITAR COM SENTIDO:

A CASA para a Perturbação do Espectro do Autismo

A prova pública de defesa da presente Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura decorreu na Sala Plana da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, a 22 de julho de 2026.

Júri:

Presidente: Prof.^a Doutora Maria Raquel Nunes de Almeida e Casal Pelayo

Arguente: Arquiteto João paulo Loureiro

Orientadora: Prof.^a Doutora Marta Rocha Moreira

O júri atribui a classificação final de 20 (vinte) valores.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Marta Rocha, pelo **Conhecimento** partilhado, pela sensibilidade e pelo acompanhamento incansável.

Àqueles que, através da escuta, da partilha e do questionamento, contribuíram para a **Avaliação** da problemática.

Pelo **Suporte** que tornou este percurso possível:

Aos meus pais, pelo amor incondicional e por serem, todos os dias, o meu maior exemplo:

À minha mãe pelos *bilhetes* inesperados, por me encher a vida de provas de amor e ao meu pai, pelas canções cantadas a sussurrar em refrões que ainda hoje sei de cor.

À minha mana, porque desde que existe tudo é mais bonito a partilhar. Aos meus avós, por terem os melhores abraços do mundo, e ao meu padrinho, por garantir grande parte das gargalhadas pelo caminho.

Ao Pedro, por ser o meu porto seguro, por caminhar ao meu lado e por tornar tudo mais leve e bonito.

Pelo **Acolhimento**, pela leveza e por todas as memórias construídas ao longo destes anos:

Ao Gabi, à Bia e à Renata, por todas as vezes em que o Porto coube numa mesa, numa conversa ou num abraço.

Aos Quazis, pelas histórias improváveis, pelas gargalhadas inevitáveis e pelo caos organizado; e a todos a quem não se agradece, em especial à Constança.

Ao Ucal, pelas noitadas dentro e fora da FAUP, à Chiquinha; à Carol; à Joaninha.

À Martinha, por nunca se cansar de olhar para a *Torre Eiffel* comigo.

À Joana, por caminhar ao meu lado mesmo noutra cidade.

A todos os que fizeram do Porto um lugar mais solarengo e fácil de *Habitar com Sentido*, e que de diferentes formas, fizeram também parte d'A CASA que sonhei.

ABSTRACT

In an increasingly fast-paced and individualised contemporary context, the growing number of Autism Spectrum Disorder (ASD) diagnoses highlights the need to reconsider how architecture responds to different ways of experiencing the world. Despite increasing awareness of autism and its sensory specificities, significant gaps remain in the creation of spaces capable of supporting autistic individuals and their families throughout life. Within this framework, the home assumes particular importance as a place that fosters dignity, autonomy, and quality of life.

A CASA emerged from the desire to understand how architecture can contribute to more sensitive environments, capable of valuing diverse spatial experiences without relying on segregated or overly specialised models. Positioned between housing and support, and between family, collective, and individual life, the design of A CASA explores ways of living together in which care becomes an integral part of everyday life and the community. Conceived for Porto, adjacent to the City Park, A CASA is structured around the ideas of **Autism, Cognition, Assessment, Support, and Accomodation**. Rather than proposing a unique or definitive solution, it explores more inclusive ways of inhabiting, understanding diversity as a fundamental condition for thinking about architecture and for dwelling with purpose.

Keywords

Autism
Home
Sensations
Inclusion
Community

RESUMO

Num contexto contemporâneo cada vez mais acelerado e individualizado, o aumento do número de diagnósticos de Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) evidencia a necessidade de refletir a forma como a arquitetura responde às diferentes formas de experienciar o mundo. Apesar da crescente consciencialização em relação ao autismo e às suas especificidades sensoriais, continuam a existir lacunas na criação de espaços capazes de acompanhar estas pessoas e as suas famílias ao longo da vida. Neste cenário, a casa assume particular relevância enquanto espaço que promove dignidade, autonomia e qualidade de vida.

A CASA surge da vontade de compreender de que modo a arquitetura pode contribuir para ambientes mais sensíveis, capazes de valorizar diferentes experiências do espaço sem recorrer a modelos segregados ou excessivamente especializados. Entre habitação e apoio, entre a vida familiar, coletiva e individual, o desenho d' A CASA explora formas de viver em conjunto onde o cuidado faz parte do quotidiano e da comunidade. Pensada para o Porto, junto ao Parque da Cidade, A CASA organiza-se em torno das ideias de **Autismo, Conhecimento, Avaliação, Suporte e Acolhimento**. Sem pretender constituir uma solução única ou definitiva, explora formas de habitar mais inclusivas, entendendo a diversidade como condição fundamental para pensar a arquitetura e Habitar com Sentido.

Palavras-Chave

Autismo
Casa
Sensações
Inclusão
Comunidade

Nota Prévia

A presente dissertação foi escrita segundo o novo acordo ortográfico.

Para uma melhor leitura deste trabalho, aconselha-se visualização do documento em formato de dupla página.

Todas as citações presentes ao longo da narrativa textual, originalmente em língua estrangeira, foram livremente traduzidas, para português pela autora, a fim de se estabelecer uma continuidade de leitura.

As legendas e referências das imagens encontram-se apresentadas lateralmente, junto aos respectivos elementos gráficos.

Em citações, as expressões que se encontram entre parênteses retos [...] referem-se a intervenções da autora, com o intuito de facilitar uma melhor compreensão do conteúdo citado.

No corpo de texto, as expressões que se encontram em itálico são referentes a palavras ou expressões de língua estrangeira, podendo igualmente assinalar conceitos ou termos cuja distinção se considere relevante para a leitura.

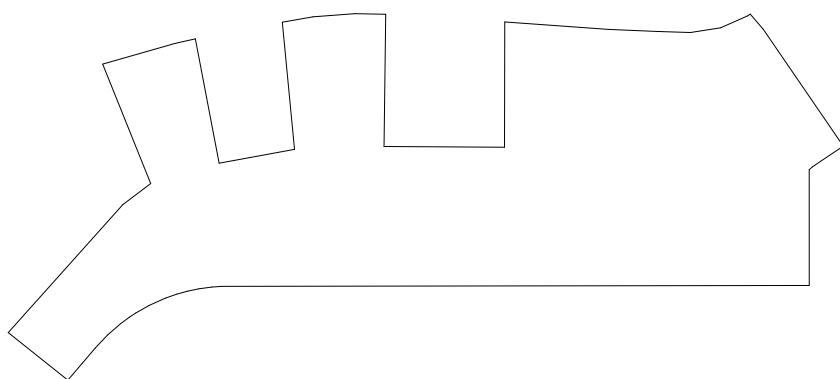
Ao longo do corpo de texto, as palavras destacadas a negrito têm como objetivo reforçar conceitos e ideias-chave.

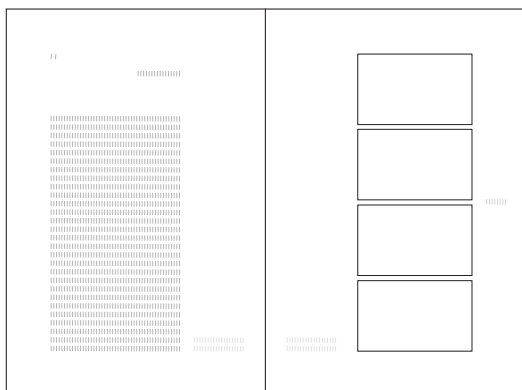
Em parte, as imagens apresentadas foram submetidas a processos de recorte e poderão apresentar alterações cromáticas face às suas versões originais.

i	AUTISMO	1
01	CONHECIMENTO	7
01.01	CORPO, SAÚDE E ARQUITETURA	8
	[I SICK ARCHITECTURE]	16
01.02	PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO	18
	[II ASPECTS]	24
01.03	AFINIDADES ENTRE O ESPAÇO E OS SENTIDOS	26
	[III PERSONAGENS]	30
02	AVALIAÇÃO	33
02.01	CASAS PARA A PEA	34
	[IV ENTRE RESPOSTAS E AUSÊNCIAS: HABITAÇÃO APOIADA EM PORTUGAL]	36
02.02	O LUGAR	38
	[V RECONHECIMENTO]	44
02.03	DESENHO DO PROGRAMA	48
	[VI CONVERSAS]	54
03	SUORTE	61
03.01	AÇÕES COMUNITÁRIAS	62
03.01.01	ESPAÇOS DE ENCONTRO REGULAR	64
	[VII MESA]	68
03.01.02	ESPAÇOS DE ENCONTRO PONTUAL	70
	[VIII CUBOS, CORTINAS]	76
03.02	AÇÕES TERAPÊUTICAS	78
03.02.01	ESPAÇOS DE APOIO SENSORIAL	80
	[IX CLARABÓIA]	82
03.02.02	ESPAÇOS DE APOIO MULTISSENSORIAL	84
	[X MICROAMBIENTES]	88
03.03	AÇÕES PARTILHADAS	90
04	ACOLHIMENTO	97
04.01	AÇÕES DOMÉSTICAS	98
04.01.01	A CASA EM CRESCIMENTO, HABITAÇÃO EM NÚCLEO FAMILIAR	100
	[XI ARMÁRIO]	104
04.01.02	A CASA COMO PARTILHA E CONSTRUÇÃO DE AUTONOMIA, COABITAÇÃO	108
	[XII PAINEL]	112
04.01.03	A CASA COMO AUTONOMIA E PERMANÊNCIA, HABITAÇÃO INDEPENDENTE	116
	[XIII NICHOS]	120
ii	HABITAR COM SENTIDO	125
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131

i

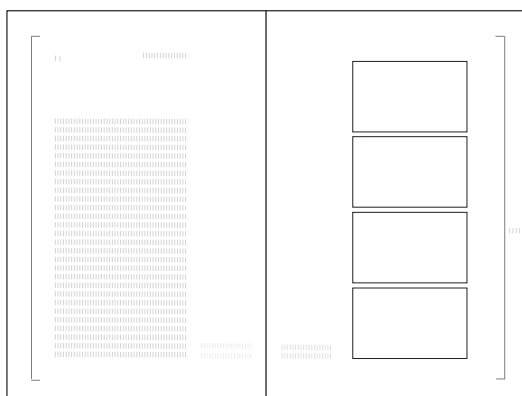
AUTISMO





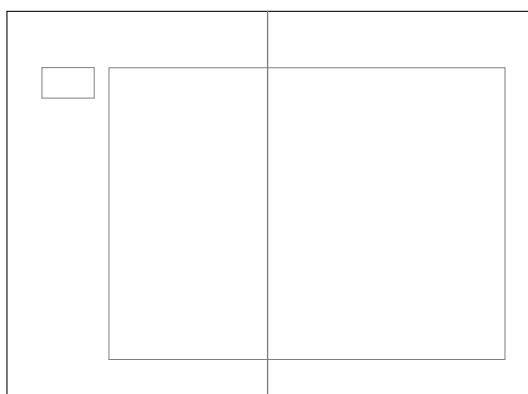
Corpo de texto

O corpo de texto organiza-se através de uma estrutura contínua de leitura, ocupando predominantemente a página do lado esquerdo. O lado direito é reservado a imagens, desenhos e elementos gráficos que acompanham e complementam o texto, sendo as respectivas referências apresentadas junto das próprias imagens.



Aproximações

As páginas de aproximação surgem como momentos de pausa dentro da leitura contínua. Através de referências, pensamentos, detalhes e situações específicas, complementam o desenvolvimento da investigação e, na fase de projeto, permitem aprofundar e tornar mais precisas determinadas intenções espaciais e conceptuais.



Desenhos

As páginas de projeto apresentam maioritariamente desenhos à escala 1:500 e, excepcionalmente, à escala 1:1000. Através de plantas, cortes e alçados, procuram desenvolver e tornar legíveis as diferentes situações espaciais do projeto. Todos os desenhos são acompanhados pelas respetivas legendas e escalas gráficas. Complementarmente, inclui-se uma página dedicada a maquetes de estudo.

O crescente número de diagnósticos de Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) torna evidente a necessidade da arquitetura contemporânea contribuir para a melhoria da vida destas pessoas. O interesse por esta temática surge de uma relação próxima com a realidade da PEA, através da experiência da minha mãe enquanto professora de educação especial. Despertando progressivamente a vontade de compreender de que forma a arquitetura pode ajudar através da criação de espaços mais sensíveis e capazes de acolher diferentes formas de habitar no contexto do **Autismo**.

Perante a complexidade do espectro, tornou-se necessário desenvolver **Conhecimento** sobre o tema, através da observação e da aproximação a diferentes circunstâncias relacionadas com a PEA. Os testemunhos de profissionais e familiares, a bibliografia especializada, o contacto com espaços usados ou desenhados para pessoas com PEA, o recurso a documentários e ficção, contribuíram para entender a relação entre a percepção e a experiência do espaço, frequentemente marcada por especificidades sensoriais, demonstrando de que modos o ambiente físico influencia o quotidiano, a autonomia e as relações sociais.

A **Avaliação** das respostas existentes evidencia uma divisão entre a permanência prolongada no núcleo familiar e a integração em estruturas residenciais desajustadas às necessidades do espectro. Neste contexto, A CASA - um conjunto habitacional implantado no Porto, junto ao Parque da Cidade, entre a Avenida do Parque e a Rua António Aroso - surge como o instrumento central de investigação, uma tentativa de conciliar habitação e apoio no mesmo lugar.

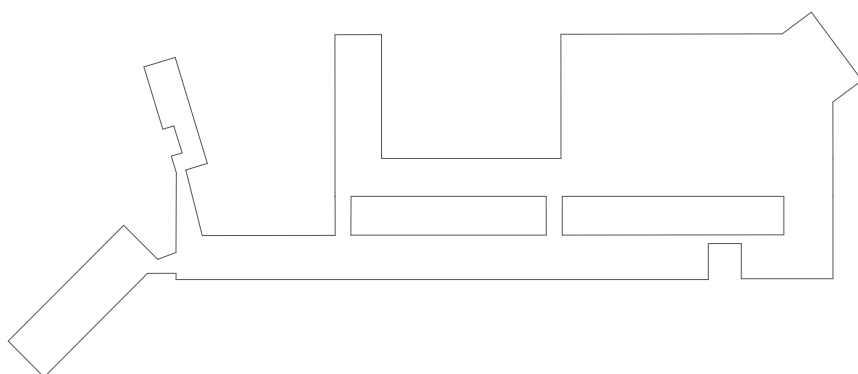
Os programas de **Suporte** procuram aproximar diferentes pessoas e gerações num mesmo lugar, permitindo que o cuidado faça parte da vida quotidiana e da experiência coletiva da cidade. Os espaços partilhados, abertos à participação e ao encontro, tornam-se fundamentais para construir relações de proximidade, reforçar o sentido de comunidade e contrariar o isolamento frequentemente associado a estruturas de apoio.

Perante a ausência de respostas habitacionais capazes de acompanhar a diversidade do espectro ao longo da vida, os espaços de **Acolhimento** exploram soluções arquitetónicas de habitação que promovam dignidade, qualidade de vida, sensação de pertença e autonomia. Através de diferentes formas de partilha e da relação entre espaço coletivo, familiar e individual, procura-se desenhar ambientes mais adaptáveis às necessidades de cada habitante e a diferentes formas de viver em conjunto.

A **CASA** nasce da convicção de que **Habitar com Sentido** implica valorizar a diversidade das formas de experienciar o espaço.

01

CONHECIMENTO



Num percurso pela obra escrita de Beatriz Colomina [Fig. 1;2], importa compreender como a arquitetura e a medicina se desenvolveram historicamente em proximidade: “*Pode até argumentar-se que o início da arquitetura é o início das doenças*”¹. Esta análise permite situar o debate e prolongá-lo, percebendo como as soluções do passado podem informar e transformar o presente.

A saúde emerge da relação delicada entre o corpo e o espaço, do doméstico à cidade, do território às infraestruturas que sustentam a vida coletiva. O corpo não existe isolado, por isso, projetar é participar nas condições que o expõem ou protegem, sendo que, cada teoria médica e cada nova tecnologia de diagnóstico reconfigura a forma como a arquitetura é pensada.²

Imhotep, arquiteto egípcio responsável pela construção da pirâmide escalonada de Djoser, em Saqqara, era também médico. No século I a.C., *Vitrúvio* reforça a proximidade entre medicina e arquitetura³, defendendo que o arquiteto deve possuir conhecimentos médicos, “(...) *sendo que a saúde deve ser o principal objetivo*.”⁴. Compreender o funcionamento interno do corpo e do edifício, torna-se parte do mesmo campo de conhecimento, onde as teorias médicas informam a teoria da arquitetura.⁵

No Renascimento, a relação intensifica-se através do corte, sendo as ideias de *Vitrúvio* retomadas e aprofundadas. A dissecação revela o interior do corpo, enquanto a secção torna visível o núcleo do edifício. Nos desenhos de *Leonardo da Vinci* [Fig.3; 4], esquemas anatómicos coexistem com estudos arquitetónicos, a própria anatomia é representada como uma estrutura espacial, sintetizando-se no *Homem Vitruviano* desenhado à medida de todas as coisas.⁶

A arquitetura do século XIX foi intitulada de nervosa, insalubre e repleta de doenças. “*O excesso decorativo era tratado como uma infecção*”.⁷ O aparecimento da tuberculose, no século XX, associada à falta de exercício, de ventilação e de luz solar, consequência das condições das cidades industriais, torna o corpo humano um campo de experimentação.⁸ O raio-X transforma-se no instrumento central de diagnóstico, aprofundando o olhar para o interior do corpo, sem o abrir. A arquitetura procurou, igualmente, expor o sistema estrutural dos edifícios, uma arquitetura de “*pele e osso*”⁹ que através da transparência da casa em vidro revela os corpos no interior do edifício, numa “(...) *imagem fantasmagórica de raio-X*”¹⁰.

1. Colomina, B. (2025, abril). *The Architectural Review*, nº1520 - Health, p.7.

2. Sobre o impacto das teorias médicas na configuração da arquitetura ver: Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.7.

3. “*Dedica em grande parte do primeiro livro dos Dez Livros de Arquitetura, especial atenção à questão da saúde, oferecendo instruções detalhadas de como determinar a salubridade de um local.*” in Colomina, B. (2025, abril). *The Architectural Review*, nº1520 - Health, p.8.

4. Colomina, B. (2025, abril). *The Architectural Review*, nº1520 - Health, p.7.

5. Sobre a história da arquitetura e da saúde ver: Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.13.

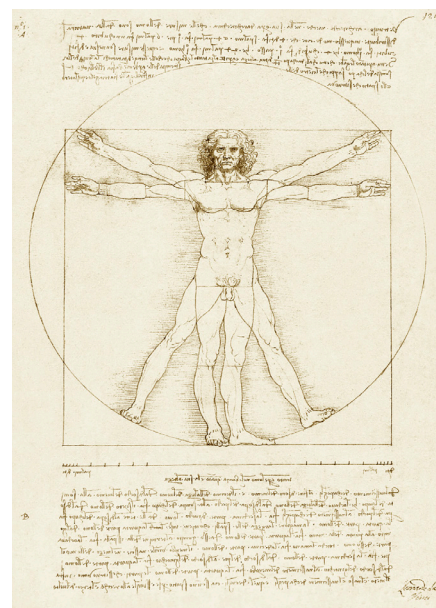
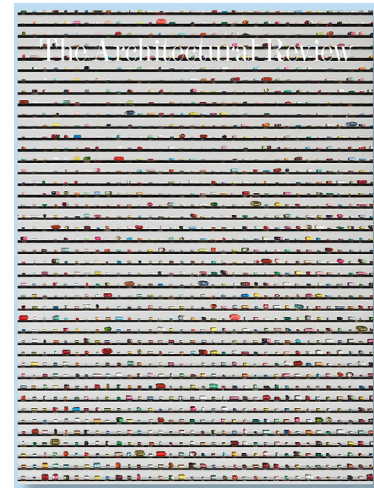
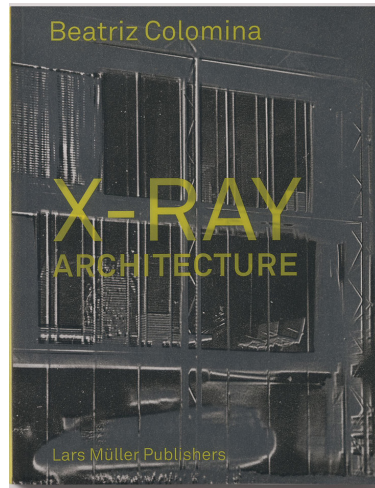
6. Sobre saúde e arquitetura no Renascimento ver: Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.15.

7. Colomina, B. (2025, abril). *The Architectural Review*, nº1520 - Health, p.8.

8. Sobre a tuberculose ver: Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.23.

9. Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.137.

10. Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.137.



12
3
4

[Fig.1] Capa do livro X-ray Architec-
ture da arquiteta Beatriz Colomina.

[Fig. 2] Capa da revista The Archi-
tectural Review, nº 1520 - Health.

[Fig. 3] As proporções do corpo Hu-
mano segundo Vitrúvio, 1490, Leo-
nardo da Vinci. in Zöllner, F. (2004).
Leonardo da Vinci: obra completa
de desenho e pintura. Köln: Taschen,
p.105.

[Fig. 4] Estudos anatómicos do Feto
no útero, c.1510, Leonardo da Vin-
ci. in Zöllner, F. (2004). Leonardo da
Vinci: obra completa de desenho e
pintura. Köln: Taschen, p.196.



01.01

A arquitetura modernista assume-se como resposta à necessidade de desinfecção e purificação da arquitetura, afirmando-se como instrumento de higiene¹¹. O Sol, a luz, a ventilação, o exercício físico, os terraços e as superfícies brancas são apresentados como estratégias de prevenção e, possivelmente, de tratamento. Como se “(...) os princípios da arquitetura moderna fossem retirados diretamente de um livro de medicina”¹².

Nesse sentido, *Le Corbusier* diagnostica a casa tradicional como doente. Acredita que a arquitetura do movimento moderno, deve ser “(...) uma máquina para a saúde, uma forma de terapia”¹³, desenvolvendo dispositivos como *pilotis*, que pretendem afastar o edifício do solo húmido, jardins na cobertura e grandes superfícies envidraçadas, estratégias destinadas a afastar a doença, proteger e restabelecer o corpo. “Não há uma linha divisória entre a arquitetura doméstica e a medicina”¹⁴, tal como é relatado no filme *L’Architecture d’aujourd’hui* (1929) [Fig.5; 6] que entre outros edifícios apresenta a *Villa Savoye em França*, de *Le Corbusier*, como reflexo de uma arquitetura da saúde. [Fig. 6]

Desta forma, a arquitetura modernista organiza-se em torno de duas figuras emblemáticas: o frágil paciente com tuberculose e o corpo atlético orientado para a prevenção das doenças.¹⁵ Nesse contexto, edifícios específicos como os sanatórios debruçam-se sobre o corpo doente, tornando-se campos de ensaio de novos materiais, técnicas de construção e colaborações entre arquitetos, engenheiros e médicos. Afastados ou isolados das cidades, situam-se entre montanhas, florestas ou junto a lagos.

O *Sanatório de Paimio na Finlândia* [Fig. 10;11;12], projetado por *Alvar Aalto* e *Aino Aalto*, concebido especificamente para o tratamento da tuberculose foi pensado a partir da experiência do paciente,¹⁶ onde o corpo abandona a verticalidade e muda para a posição horizontal.

A orientação dos quartos, o desenho do mobiliário, a escolha das cores e da iluminação foram cuidadosamente desenhados para apoiar o repouso e a recuperação do corpo “na posição mais fraca”¹⁷. Para além disso, o terraço [Fig. 10] localizado na cobertura assume igualmente um papel terapêutico fundamental, permitindo aos pacientes repousar ao ar livre, em contacto direto com a luz solar e uma visão contínua sobre a paisagem, onde o próprio horizonte se torna num instrumento de cura.

11. Sobre a arquitetura modernista ver: Colomina, B. (2025, abril). *The Architectural Review*, nº1520 - *Health*, p.8.

12. Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.16.

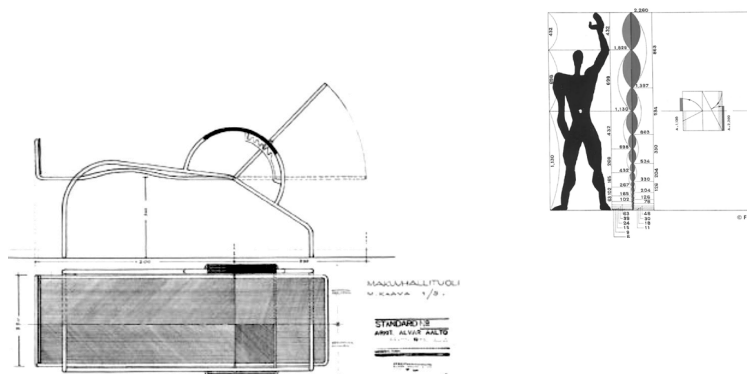
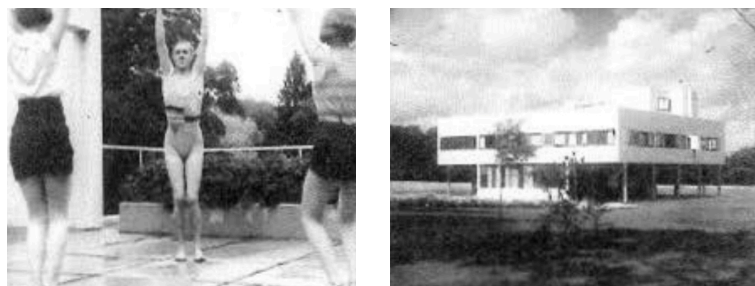
13. Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.20.

14. Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.108.

15. Sobre os diferentes corpos da arquitetura modernista ver: Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.65.

16. “(...) *Alvar Aalto* estava doente na altura do concurso para o edifício e afirmou que ter de ficar deitado na cama durante um longo período de tempo tinha sido crucial para a sua compreensão do problema” in Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.70.

17. Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.70.



[Fig. 5; 6] Filme *L'architecture d'aujourd'hui*, 1929, Pierre Chenal e Le Corbusier. in Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich, : Lars Müller Publishers, p.7.

[Fig. 7] *Le Modulor*, 1945, Le Corbusier. in <https://www.fondationlecorbusier.fr/en/work-architecture/projects-the-modulor-not-located-1945/>

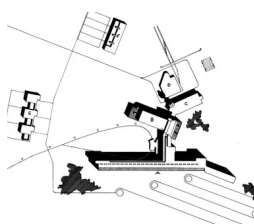


[Fig. 8; 9] Aino Aalto deitada na espreguiçadeira do Sanatório de Paimio, Finlândia por volta de 1934. in Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich, : Lars Müller Publishers, p.65 e p.109.

[Fig. 10] Terraço do Sanatório de Paimio, Finlândia, 1933, Alvar Aalto e Aino Aalto. Concebido como o principal dispositivo terapêutico, o terraço, acolhia os pacientes em espreguiçadeiras, expostos ao ar e à luz solar. Imagem da autoria de Gustaf Welin, in <https://archeyes.com/paimio-sanatorium-alvar-aalto/>



[Fig. 11] Desenho da Planta de Implantação, 1929-1933, Sanatório de Paimio, Finlândia, Alvar Aalto e Aino Aalto. Edifício principal (A-D). Casa geminada dos médicos residentes (E); Edifício de trabalhadores (F). in <https://archeyes.com/paimio-sanatorium-alvar-aalto/>



[Fig. 12] Sanatório de Paimio, Finlândia, 1929-1933, Alvar Aalto e Aino Aalto. Imagem da autoria de Gustaf Welin, in <https://archeyes.com/paimio-sanatorium-alvar-aalto/>



5 6
7
8
9
10
11 12

01.01

Cada peça foi desenhada de raiz, desde as cadeiras curvadas, concebidas para abrir o peito do paciente permitindo-lhe respirar mais facilmente, aos lavatórios silenciosos [Fig.13; 14] e à iluminação estrategicamente posicionada para evitar encandeamento¹⁸. [Fig.15] A arquitetura torna-se parte ativa do próprio processo terapêutico, tornando os sanatórios num lar, obrigando a repensar o conceito de casa. Simultaneamente, a preocupação sobre os nervos e a mente, reaparece.¹⁹ A modernidade, marcada pela máquina, pela velocidade e pela metrópole, expõe o indivíduo a um fluxo constante de estímulos. Procura-se um contraponto, ambientes capazes de restabelecer a calma.²⁰

Os mesmos arquitetos que procuravam prevenir e tratar a tuberculose voltam-se para a *psique*, idealizando a casa como uma forma de também proporcionar conforto psicológico. No contexto em que se desenvolveu o raio-X, a bacteriologia e as teorias de germes, emerge a psicanálise de *Sigmund Freud*. O objetivo mantém-se: olhar para o interior, reconhecer o invisível. O corpo deixa de ser entendido como organismo físico e passa a ser compreendido em relação com a mente, onde a estabilidade psicológica depende do ambiente que o envolve.²¹

A anestesia²² revela-se uma metáfora da cultura da época, a suspensão da sensação como resposta ao excesso de estímulo. A *calma* torna-se um ideal arquitetónico,²³ transcrito em superfícies lisas e paredes brancas, que contrastam com o excesso de ornamento. No ensaio *Ornamento e Crime*, *Adolf Loos*, descreve o excesso decorativo como perturbador para o homem moderno, cuja sensibilidade teria sido profundamente transformada pelas condições da vida e a remoção do ornamento não deve ser apenas estética.²⁴

Friedrich Kiesler formula uma das primeiras tentativas de traduzir esta preocupação psicológica numa teoria arquitetónica no espaço, através da psicofunção. Acredita que a influência da arquitetura na mente não se manifesta apenas nas linhas, nos planos ou nas formas, mas também através das cores, dos materiais e das atmosferas que moldam a experiência do corpo. A *Endless House* [Fig.18; 19; 20] é pensada como um organismo vivo "(...) uma criatura de sangue quente, com órgãos (as escadas são os pés, o sistema de ventilação o nariz e assim por diante), um sistema nervoso e um sistema digestivo".²⁵

Também *Richard Neutra* estabelece uma relação explícita entre arquitetura e psicologia, aproximando a prática do arquiteto à figura do psicanalista através da atenção dada às emoções, tensões e experiências dos habitantes.²⁶

18. Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.70.

19. A relação entre espaço e saúde mental atravessa a história, desde a reclusão doméstica na Grécia Antiga aos espaços terapêuticos em Bagdade (séc. VIII) e a instituições como o Hospital dels Innocents (1410). Na Idade Média, prevaleceu a exclusão social, modelo questionado pelo movimento antipsiquiátrico nos anos 1960. Colomina, B. (2025, abril). *The Architectural Review*, nº1520 - *Health*, p.7.

20. "*l'esprit nouveau*", expressão associada ao ambiente intelectual da arquitetura modernista, revela um interesse crescente pela relação do corpo e da mente. Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.31.

21. Sobre o corpo e a relação com a mente ver: Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.30.

22. "*Anestesia é a remoção da sensação, a supressão temporária da pressão do sistema nervoso central que permite alcançar a ausência de sensações.*" in Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.31.

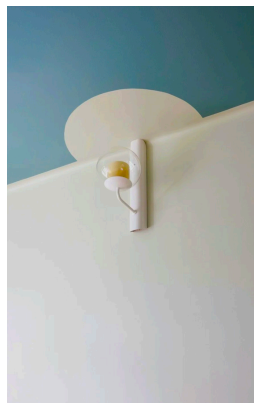
23. Le Corbusier utiliza a palavra calma como um objetivo da arquitetura. Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.31.

24. Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.33.

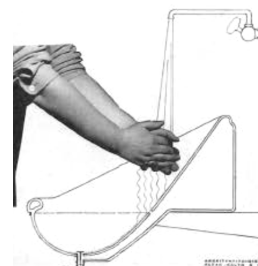
25. Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.38.

26. Sobre o arquiteto Richard Neutra ver: Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.50.

[Fig. 13] Lavatório do quarto para pacientes, Sanatório de Paimo, Finlândia, 1929-1933, Alvar Aalto e Aino Aalto. Lavatório silencioso. in Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich, : Lars Müller Publishers, p.63.



[Fig. 14] Quarto para pacientes, Sanatório de Paimo, Finlândia, 1929-1933, Alvar Aalto e Aino Aalto. O mobiliário e os dispositivos sanitários, também concebidos pelos arquitetos, incluem pias que minimizam os respingos e o ruído, enquanto as janelas asseguram uma ventilação contínua e indireta, afastada do paciente. Imagem da autoria de Gustaf Welin, in <https://archeyes.com/paimio-sanatorium-alvar-aalto/>

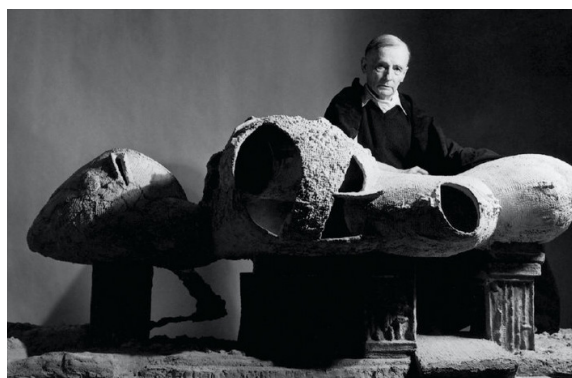


[Fig. 15] Posicionamento indireto da iluminação, Sanatório de Paimo, Finlândia, 1929-1933, Alvar Aalto e Aino Aalto. in <https://paimiosanatorium.com/exhibitions/rooms-at-paimio-sanatorium/>

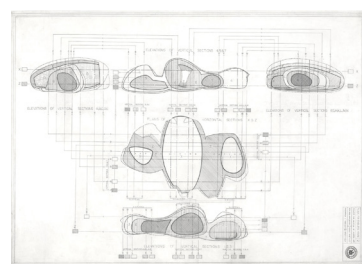


[Fig. 16] Maçanetas desenhadas para evitar a interferência com as mangas dos médicos, Sanatório de Paimo, Finlândia, 1929-1933, Alvar Aalto e Aino Aalto. in Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich, : Lars Müller Publishers, p.68.

[Fig. 17] Utilização de cores, Sanatório de Paimo, Finlândia, 1929-1933, Alvar Aalto e Aino Aalto. O azul, tons claros nas paredes, e o amarelo que evoca um "otimismo solar". in Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich, : Lars Müller Publishers, p.68.



[Fig. 18] Planta e cortes Endless House, 1950, Friedrich Kiesler. in <https://www.architectural-review.com/essays/folio/folio-frederick-kieslers-endless-house>



[Fig. 19] Maquete Endless House, 1950, Friedrich Kiesler. in Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich, : Lars Müller Publishers. p.39.



[Fig. 20] Maquete Endless House, 1950, Friedrich Kiesler. in <https://world.hey.com/mkrissel/frederick-kiesler-inside-the-endless-house-c04501d7>

13
15 14
16
17
18
19 20

01.01

Para Neutra, projetar pressupõe um conhecimento profundo do habitante, reconhecendo a influência direta do ambiente construído sobre o sistema nervoso, um exemplo deste pensamento é a *Lovell House* [Fig.21-24]. O avanço da medicina reforça este novo paradigma, com a descoberta da *estreptomicina* em 1943, o primeiro antibiótico eficaz contra a tuberculose. No contexto do Pós-Guerra, a casa torna-se num ambiente “*amortecedor*”²⁷ do quotidiano, transformando-se num cenário de bem estar e conforto, onde a vida doméstica se torna um “*showroom* de objetos”.²⁸ Charles e Ray Eames aproximam a arquitetura, o design e a medicina no espaço doméstico, prolongando no pensamento do mobiliário as experiências da guerra, através do desenvolvimento de talas e próteses para soldados feridos.

Novas tecnologias médicas, como a tomografia computadorizada²⁹, introduzem novas formas de visualizar o interior do corpo no século XXI, que deixa de ser dissecado ou radiografado, tornando-se um artefacto digital, explorado camada a camada e revelando um interior, aparentemente infinito. Emergem novas patologias associadas às condições da vida contemporânea, a era das perturbações neurológicas e psicológicas - *stress*, depressão, *burnout*, ou défice de atenção. Surgem fenómenos como a hipersensibilidade ambiental e as alergias. O corpo mantém-se no centro da relação entre a arquitetura e a saúde, não como corpo ideal e saudável, mas um corpo vulnerável e exposto ao meio que o envolve. A fragilidade, a doença e a instabilidade tornam-se parte integrante da experiência de viver. A pandemia de COVID-19 reforça esta consciência, trazendo novamente a arquitetura para o centro das questões de saúde.³⁰ “*Cada época tem as suas aflições características; cada aflição tem a sua arquitetura.*”³¹

Se cada época produziu uma arquitetura em resposta ao corpo que reconhecia, o corpo ideal, o corpo doente e o corpo nervoso, torna-se inevitável questionar como responde, hoje, aos corpos na sua diversidade e vulnerabilidade. Projetos como o REHAB na Suíça [Fig.25-29], na continuidade de outras experiências já referidas, evidenciam uma arquitetura centrada no corpo em reabilitação, onde o espaço é desenhado a partir das limitações e fragilidades dos pacientes, procurando criar um ambiente onde é possível permanecerem durante longos períodos de tempo, reconstruindo a autonomia. O edifício organiza-se como uma pequena cidade, com ruas, praças, jardins, áreas públicas e privadas, e cada elemento - luz, materialidade, escala, organização, etc. - participa no processo terapêutico.³²

Neste sentido, pretende-se alargar a reflexão à condição do autismo, onde o espaço responde a diferentes formas de percepção e relação com o ambiente, atravessando escalas desde o individual ao coletivo.

27. Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.54.

28. Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.54.

29. A tomografia inventada em 1972 é a combinação de múltiplas imagens de raio-x compiladas em computador para gerar vistas transversais e imagens tridimensionais dos órgãos internos do corpo. A palavra tomografia vem do grego *tomos*, que significa fatia ou secção, e *graphia*, que significa escrita e desenho. Sobre a tomografia: Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.173.

30. Sobre a pandemia COVID-19 ver: Colomina, B. (2025, abril). *The Architectural Review*, nº1520 - *Health*, p.11.

31. Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.183.

32. Sobre a obra dos arquitetos Herzog & de Meuron, Rehab Clinic for Neurorehabilitation and Paraplegiology ver: <https://www.herzogdemeuron.com/projects/165-rehab-clinic-for-neurorehabilitation-and-paraplegiology/>

[Fig. 21] *Lovell House*, Southern California, 1927-1929, Richard Neutra, desenvolvida em colaboração com Dr. Philip Lovell. A casa materializa-se numa arquitetura orientada para a saúde psicológica, onde a luz, o ar, o exercício físico e relação com a natureza estruturam o espaço, prolongando o interior para terraços exteriores. in <https://neutra.org/project/philip-m-and-lea-lovell-house/>.

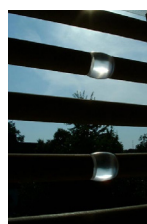
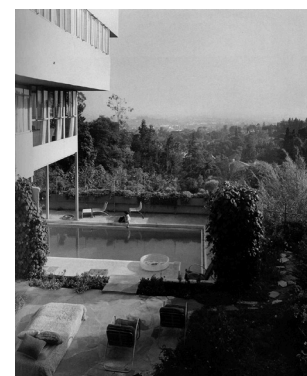
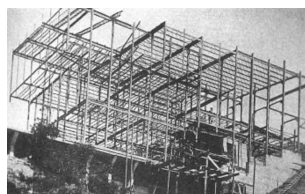
[Fig.22] *Lovell House*, Southern California, 1927-1929, Richard Neutra, desenvolvida em colaboração com Dr. Philip Lovell. in Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers, p.49

[Fig. 23; 24] *Lovell House*, Southern California, 1927-1929, Richard Neutra, desenvolvida em colaboração com Dr. Philip Lovell. in fundação de Richard Neutra: <https://neutra.org/project/philip-m-and-lea-lovell-house/>.

[Fig. 25] *REHAB, Clinic for Neurorehabilitation and Paraplegiology*, Basel, Switzerland, 2002, Herzog & Meuron. in <https://www.herzogdemeuron.com/projects/165-rehab-clinic-for-neurorehabilitation-and-paraplegiology/>.

[Fig. 26] *REHAB, Clinic for Neurorehabilitation and Paraplegiology*, Basel, Switzerland (2002). Elementos em Vidro Acrílico na fachada. in <https://www.herzogdemeuron.com/projects/165-rehab-clinic-for-neurorehabilitation-and-paraplegiology/>.

[Fig.27; 28; 29] *REHAB, Clinic for Neurorehabilitation and Paraplegiology*, Basel, Switzerland (2002). Esferas de plástico transparente dos quartos. in <https://www.herzogdemeuron.com/projects/165-rehab-clinic-for-neurorehabilitation-and-paraplegiology/>.



21
22
23
24
25 26
27 28
29

Interessa destacar a exposição *Sick Architecture* pela síntese e materialização do diálogo entre arquitetura e saúde.

Inaugurada a 5 de maio de 2022 no CIVA (*Centre International pour la Ville, l'Architecture et le Paysage*), em Bruxelas, resulta de uma colaboração entre o CIVA, o Programa de Doutorado em História e Teoria da Arquitetura da Universidade de Princeton e a *e-flux Architecture*. Com curadoria de *Beatriz Colomina*, *Silvia Franceschini* e *Nikolaus Hirsch*, propõe uma leitura da arquitetura a partir da doença, construindo um campo de relações onde arquitetura e medicina se entrelaçam.

O projeto expositivo [Fig.32 - 34] assinado por OFFICE Kersten Geers David Van Severen & Richard Venlet não tem um percurso físico definido, organiza-se como um conjunto aberto de fragmentos, atravessando diferentes épocas e escalas - do objeto ao território - revelando a doença não apenas como condição individual, mas como fenómeno que estrutura ambientes, políticas e modos de habitar. O corpo doente apresenta-se central na produção do espaço, evidenciando como condições médicas, tecnológicas e infraestruturais influenciam diretamente a arquitetura e sugerem-se novas formas de pensar a partir da vulnerabilidade, do cuidado e da interdependência.

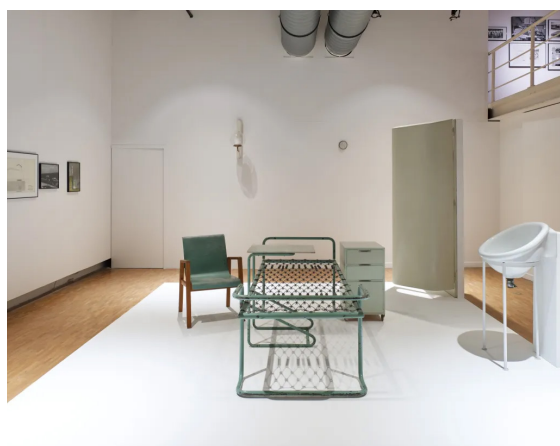
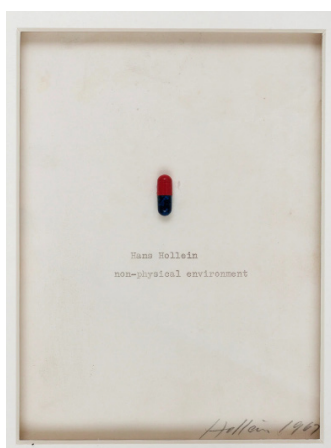
Realça-se a abertura da exposição que, marcada pelo *comprimido arquitetónico* de *Hans Hollein* [Fig. 30], que antecipa o manifesto *Alles ist Architektur* ("tudo é arquitetura") introduz uma rutura na ideia da arquitetura como objeto físico, expandindo-a para a experiência, para o ambiente, para o corpo e para a mente. Ao propor a ingestão simbólica de um comprimido arquitetónico, *Hollein* sugere que a arquitetura pode ser vivida tanto a nível físico como mental.⁴⁴

O programa expositivo estende-se para além do espaço físico, através da publicação de ensaios na *e-flux Architecture*, podcasts e eventos. Para além de uma narrativa linear, trata-se de um dispositivo de pensamento coletivo, "(...) *uma forma de pesquisa*"⁴⁵, onde o visitante não ocupa uma posição passiva, sendo confrontado com múltiplas situações e discursos, levado a estabelecer relações entre sintomas, práticas e espaços.

A exposição pode ser entendida como o prolongamento e a atualização de questões levantadas em *X-ray Architecture* de *Beatriz Colomina*, assumindo-se como uma investigação em curso, que se propõe continuar.

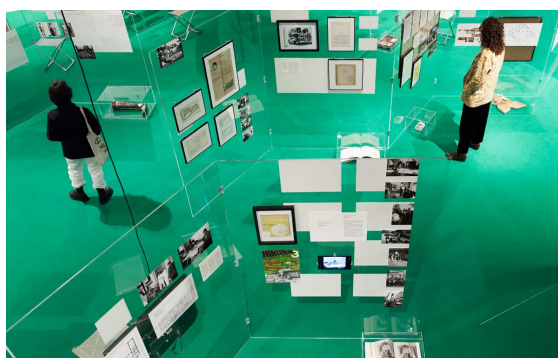
33. Sobre os comprimidos arquitetónicos de Hans Hollein ver: Ayers, A. *Sick Architecture and the Spatial Politics of Disease*, PIN-UP Magazine. in <https://www.pinupmagazine.org/articles/sick-architecture-exhibit-brussels-beatriz-colomina/>

34. in Colomina, B., & Hirsch, N. "How Sick Is Architecture?" ARCH+, entrevista por Dennis Pohl. in <https://archplus.net/de/how-sick-is-architecture/>



[Fig. 30] *Non-physical environment*, 1967, Hans Hollein. in Ayers, Andrew, *Sick Architecture and the Spatial Politics of Disease*, PIN-UP Magazine. in <https://www.pinupmagazine.org/articles/sick-architecture-exhibit-brussels-beatriz-colomina/>

[Fig. 31] *Sick Architecture*, Bruxelles 2022, instalação dos projetos de Alvar Aalto para o Sanatório de Paimio. Imagem da autoria de Kristien Daem in Colomina, Beatriz, e Nikolaus Hirsch. "How Sick Is Architecture?" ARCH+, entrevista por Dennis Pohl. in <https://archplus.net/de/how-sick-is-architecture-/>



[Fig. 32; 33; 34] *Sick Architecture*, Bruxelles, 2022. Imagem da autoria de Kristien Daem in Ayers, Andrew, *Sick Architecture and the Spatial Politics of Disease*, PIN-UP Magazine. in <https://www.pinupmagazine.org/articles/sick-architecture-exhibit-brussels-beatriz-colomina/>

30
31
32
33
34

01.02 PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO

É essencial clarificar conceitos fundamentais na relação entre a arquitetura e a Perturbação do Espectro do Autismo (PEA). Dado a natureza interdisciplinar do tema estabelece-se um vocabulário base e estuda-se a evolução histórica do conceito de autismo, reconhecendo as mudanças nos modos de diagnóstico e acompanhamento, de forma a fundamentar uma resposta arquitetónica mais consistente.

O conceito de autismo emerge num contexto mais amplo de transformação social ao longo do século XX, enquadrado em sistemas psiquiátricos orientados para a normalização de comportamentos.

O *Steinhof Psychiatric Hospital*, projetado por *Otto Wagner*, nos arredores de Viena em 1907,³⁵ ainda que anterior à arquitetura modernista enquanto movimento, reflete uma lógica institucional de classificação e controlo de indivíduos. Neste contexto de mudança social e científica, o termo autismo é utilizado pela primeira vez pelo psiquiatra Suíço Eugen Bleuer, em 1911.

A palavra deriva do grego *autos*, que significa a *si mesmo* ou o *próprio*, associado ao sufixo *ismo*, indicando um estado ou condição.³⁶ Eugen descreve comportamentos semelhantes aos observados em alguns pacientes esquizofrénicos, caracterizados por um afastamento da realidade e uma intensificação da vida interior, "(...) não têm contacto com o mundo exterior, vivem num mundo próprio, isolaram-se nos seus desejos e vontades (...) a esse distanciamento da realidade, juntamente com a predominância relativa e absoluta da vida interior, denominamos autismo."³⁷

Mais tarde, em 1943, *Leo Kanner*, publica o artigo *Autistic Disturbances of Affective Contact*, na revista *The nervous Child*, onde descreve onze crianças que partilhavam um conjunto específico de características, como dificuldades de interação social, resistência à mudança e padrões particulares de comportamento. *Kanner* introduziu o conceito de autismo infantil, defendendo que estas manifestações estão presentes desde cedo.

No ano seguinte, *Hans Asperger* expõe um estudo onde observa e analisa quatro crianças com dificuldades sociais semelhantes, mas com capacidades cognitivas e linguísticas mais desenvolvidas. O seu trabalho viria, mais tarde, a dar origem ao diagnóstico de síndrome de Asperger.³⁸

35. O complexo do *Steinhof Psychiatric Hospital*, construído no início do século XX em Viena, foi concebido como uma infraestrutura autónoma de cuidados psiquiátricos composto por dezenas de edifícios que incluíam clínicas, espaços de isolamento, áreas agrícolas e equipamentos de apoio, refletia os modelos institucionais da época. Durante o regime nazi, a partir de 1940, este sistema foi profundamente reconfigurado no âmbito das políticas dirigidas às pessoas com deficiência e doença mental, onde milhares de crianças consideradas "ineducáveis" foram institucionalizadas, sujeitas a negligência e a práticas médicas abusivas, levando à morte de muitas delas. Jaojoco, P. (2022). *Sick Architecture: Autistic spatiality and the limits of care*. NY: E-flux Architecture. in <https://www.e-flux.com/architecture/sick-architecture/>

36. Sobre a origem da palavra autismo ver: Trancoso, M., & Cavalcante, N. (2017). *Autismo e conforto ambiental: 16º ERGODESIGN USIHC CINAHPA*. p.4.

37. in Jaojoco, P. (2022). *Sick Architecture : Autistic spatiality and the limits of care*. NY: E-flux Architecture. in <https://www.e-flux.com/architecture/sick-architecture/>

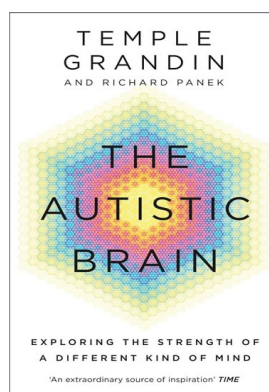
38. Sobre *Leo Kanner* e *Asperger* ver: Grandin, T., & Panek, R. (2014). *The autistic brain: Exploring the strength of a different kind of mind*. United Kingdom: Ebury Publishing, p.13.



[Fig. 35] Capa do livro *At Home With Autism: Designing Housing for the spectrum* de Kim Steele e Sherry Ahrentzen.

Fig. 36] Capa do livro *The Autism Friendly University Design Guide* de Magda Mostafa.

[Fig. 37] Capa do livro *The Autistic Brain: Exploring The Strength of a different kind of mind* de Temple Grandin e Richard Panek.



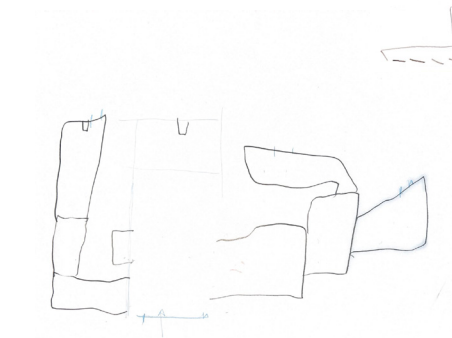
[Fig. 38] Capa do livro *Design Handbook for autism* de Andrea Alvarez.

[Fig. 39] Visita ao Centro de Apoio à aprendizagem, sala especializada. Agrupamento de Escolas de Almancil. Algarve, Portugal. (Dezembro de 2024). Lucas de 9 anos, descreve a casa onde mora através duma planta desenhada pela memória do percurso - a sala, o quarto da irmã, o quarto onde dorme com os pais, as janelas, as portas e o terraço na cobertura do edifício, um lugar ao sol, onde pode brincar.



35 36
37 38
39
40
41 42

[Fig. 40; 41; 42] Visita ao Centro de Apoio à aprendizagem, sala especializada. Agrupamento de Escolas de Almancil. Algarve, Portugal. (Dezembro 2024). Enzo, 7 anos desenha a casa onde mora com os pais, que se liga à casa da avó por um caminho, uma estrada. Desenha um gato, o sol e um sinal de stop, pequenos sinais de um mundo vivido e reconhecido. Num segundo desenho, a escola amarela, onde estuda, o número da sala e o nome da professora, mostrando interesse pelos pormenores. Por fim, um desenho em conjunto, onde desenha a porta com números e a solução de um código.



01.02

No pós-guerra, o paradigma altera-se. Em França, experiências como a clínica *La Borde* (1953), procuravam construir comunidades terapêuticas alternativas, onde as hierarquias entre médicos e pacientes eram atenuadas e a vida coletiva assumia um papel central, afastando-se do modelo fechado e segregador das instituições anteriores.³⁹ [Fig. 43;44]

Entre as décadas de 1950 e 1970, o autismo foi encarado como uma manifestação precoce da esquizofrenia infantil, sendo interpretado como uma perturbação emocional dependente da relação “psicodinâmica” entre pais e filhos.⁴⁰ Nos Estados Unidos da América, o DSM-II (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*)⁴¹, em 1968, reflete esta perspetiva, mencionando o autismo no contexto da esquizofrenia, definindo-o de forma vaga e tentando estabelecer critérios padronizados para o diagnóstico⁴².

Na década de 1980, novos estudos contribuem para reformular a compreensão científica. No DSM-III o autismo passa a ser considerado como uma entidade distinta, definindo-o como uma perturbação do desenvolvimento, separada da esquizofrenia. A DSM III - R em 1987 marca a definição mais complexa e que define domínios para um diagnóstico clínico. Com a DSM-IV, em 1994 aprofundam-se e sistematizam-se novamente os critérios de diagnóstico, levando ao aumento do número de Perturbações do Desenvolvimento⁴³.

Em 2013, o DSM-5 introduz uma mudança significativa ao reunir diferentes diagnósticos, anteriormente distintos, numa única categoria - Perturbação do Espetro do Autismo e define-a como uma condição neuro-comportamental com origem em perturbações do sistema nervoso central que afeta o desenvolvimento típico da criança, que se caracteriza por défices na comunicação social e comportamentos restritivos e repetitivos presentes desde a infância. Em cada critério são considerados três níveis de gravidade⁴⁴ e o diagnóstico de Asperger, é integrado nesta nova classificação.

Atualmente, a definição e classificação da PEA são enquadradas tanto pelo DSM-5 (TR), amplamente utilizado em contextos clínicos e de investigação, como pela Classificação Internacional de Doenças (CID -11), gerida pela Organização Mundial de Saúde, em vigor desde janeiro de 2022, apresentada pela primeira vez em 2018 e adotada como referência nos sistemas de saúde. Na CID-11, a Perturbação do Espetro do Autismo, caracteriza-se por dificuldades na interação social e na comunicação, associadas a padrões de comportamentos restritos, repetitivos e inflexíveis, bem como a interesses atípicos ou excessivos para a idade ou contexto sociocultural.

39. Sobre o autismo ver: Jaojoco, P. (2022). *Sick Architecture: Autistic spatiality and the limits of care*. NY: e-flux Architecture. in <https://www.e-flux.com/architecture/sick-architecture/>

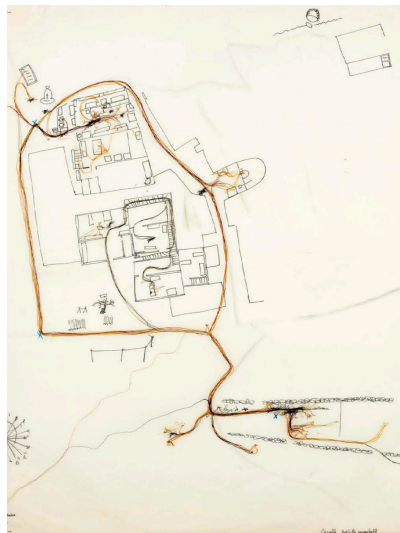
40. Sobre a origem do autismo ver: Federação Portuguesa de Autismo (FPDA). in <https://www.fpda.pt/post/um-longo-caminho-percorrido-de-leo-kanner-ao-icd11-autismo-1943-a-2022>

41. O DSM é o Manual de Diagnóstico e Estatística de Perturbações Mentais. Descreve e especifica sintomas ou outros critérios que permitem avaliar e diagnosticar, organizando-os em sistemas de classificação. American Psychiatric Association. *What is the DSM?* in <https://www.psychiatry.org/patients-families/what-is-the-dsm>

42. Sobre o diagnóstico do autismo ver: Grandin, T., & Panek, R. (2014). *The autistic brain: Exploring the strength of a different kind of mind*. United Kingdom: Ebury Publishing, p.18.

43. Sobre a DSM-IV ver: Federação Portuguesa de Autismo (fpda). in <https://www.fpda.pt/post/um-longo-caminho-percorrido-de-leo-kanner-ao-icd11-autismo-1943-a-2022>

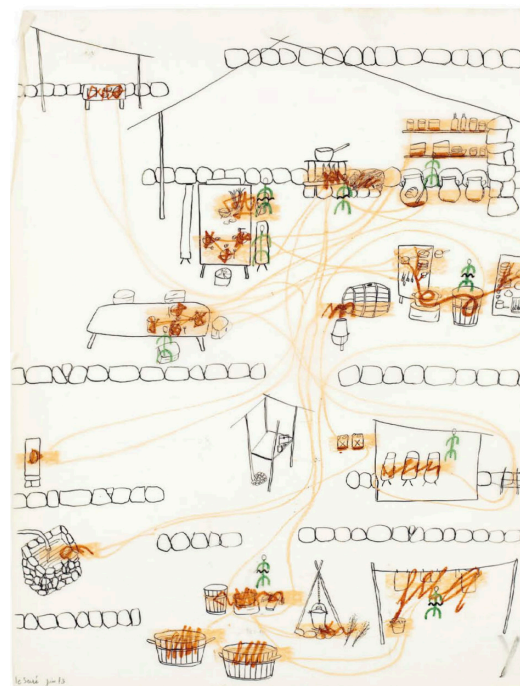
44. Sobre os critérios de diagnóstico da DSM-5 ver: Jaojoco, P. (2022). *Sick Architecture: Autistic spatiality and the limits of care*. NY: e-flux Architecture. in <https://www.e-flux.com/architecture/sick-architecture/>



43

44

[Fig. 43; 44] “Cartes et lignes d’erre”. Registos dos movimentos de crianças com PEA. Em 1968, o pedagogo, escritor e cineasta francês *Fernand Deligny* inicia a construção de uma rede de acolhimento de crianças em Cévennes, França, onde desenvolve cartografias entre 1969 até a 1980, no contexto de comunidades rurais onde viveu com crianças autistas não verbais, numa época em que o apoio ao autismo infantil era inadequado. Os mapas resultam da transcrição dos gestos, percursos e deslocações das crianças nos espaços de convivência, registando acontecimentos, hábitos e relações com objetos, funcionando como ferramentas de observação que tornam visíveis padrões, repetições, coincidências e modos de uso do espaço. A partir destes registros procurou-se ajustar o ambiente, organizar a localização dos objetos, criando condições mais estáveis e propícias ao bem estar. in <https://www.editions-arachneen.fr/wp-content/uploads/2024/09/Extrait-Cartes-et-lignes-derre3.pdf>



01.02

Manifesta-se na fase inicial da infância, embora os sintomas possam tornar-se evidentes mais tarde, tratando-se de uma condição de caráter permanente. A sua expressão varia significativamente entre pessoas, refletindo a diversidade do espectro.⁴⁵

Ademais do enquadramento histórico, os dados epidemiológicos tornam-se fundamentais para compreender a dimensão da PEA na população e reforçam a importância de uma resposta informada. Ao longo das últimas décadas, tem-se verificado um aumento significativo das taxas de prevalência, tanto em Portugal como a nível internacional.

Os primeiros estudos a nível internacional realizaram-se em 1960 estimando uma prevalência de cerca de 1 em cada 2500 crianças, mas mais recentemente, o projeto *Autismo Spectrum Disorders in the Europe Union* (ASDEU)⁴⁶, procurou estudar a prevalência da PEA em diferentes regiões de 12 países da Europa. Em Portugal, o estudo realizou-se em 2023, na região Centro⁴⁷ e aponta para uma prevalência estimada de 1 em cada 200 crianças, evidenciando um aumento expressivo. Esta tendência é consistente a nível internacional: segundo dados de 2021, a Organização Mundial de Saúde estima que cerca de 1 em cada 127 pessoas tenham PEA.⁴⁸

O aumento observado pode estar relacionado com múltiplos fatores, entre os quais se destacam as alterações nos critérios de diagnóstico com a introdução da DSM-5 que ampliou o conceito de autismo; o aumento do conhecimento e da consciencialização por parte de famílias, profissionais de saúde e educação; bem como a influência de fatores sociais, biológicos ou ambientais.⁴⁹

Apesar da crescente visibilidade e reconhecimento da PEA, as necessidades específicas destas pessoas, permanecem amplamente ausentes da legislação e diretrizes no âmbito da arquitetura. As abordagens à acessibilidade dos edifícios centram-se sobretudo em questões físicas e motoras, negligenciando formas de acessibilidade cognitiva e sensorial.

Esta lacuna pode estar relacionada com a complexidade e diversidade do espectro, que dificulta a definição de parâmetros universais, tornando-se evidente a necessidade de expandir o próprio conceito de acessibilidade: a arquitetura deve deixar de ser apenas suporte e passar a assumir um papel ativo no conforto, na adaptação e na autonomia destas pessoas.

45. Sobre o espectro do autismo ver: Federação Portuguesa de Autismo (FDPA). in O que é. <https://www.fpda.pt/autismo-o-que-e>

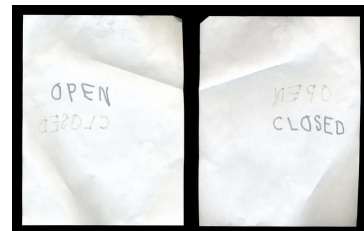
46. Rasga, C. et al. (2020). *Prevalência da Perturbação do Espectro do Autismo na região Centro de Portugal: Um estudo no âmbito do projeto ASDEU*. - n.º27. Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge. p.47.

47. A população alvo foi composta por crianças entre os 7 e 9 anos, de ambos os sexos, a frequentar o ensino básico no ano escolar 2016/2017 na região Centro de Portugal. O estudo abrangeu uma amostra de 13 690 alunos, selecionados num total de 77 717 crianças. Destas os professores nomearam 195, das quais 85 foram avaliadas e 55 diagnosticadas com PEA. in Rasga, C. et al. (2020). *Prevalência da Perturbação do Espectro do Autismo na região Centro de Portugal: Um estudo no âmbito do projeto ASDEU*. - n.º27. Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge. p.47.

48. World Health Organization: *Autism spectrum disorders*. in <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>

49. Sobre o aumento dos diagnósticos ver: Rasga, C. et al. (2020). *Prevalência da Perturbação do Espectro do Autismo na região Centro de Portugal: Um estudo no âmbito do projeto ASDEU*. - n.º27. Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge. p.51.

[Fig. 45] *Barbie com Perturbação do Espectro do Autismo*, 2026, Mattel e Autistic Self Advocacy Network. Criada pela Mattel, em parceria com a organização sem fins lucrativos americana Autistic Self Advocacy Network, pretende "(...) incentivar as crianças a refletirem sobre o mundo em que vivem e a diferença". A Barbie surge com "o olhar desviado para o lado", a utilizar fones, para a redução do ruído, um tablet, com botões de comunicação alternativa e um *fidget spinner*, um brinquedo que ajuda a reduzir o stress. *Expresso*. (2026). Mattel lança Barbie com autismo. In <https://expresso.pt/sociedade/2026-01-12-mattel-lanca-barbie-com-autismo-6607aa53> in <https://www.luxwoman.pt/barbie-autista-junta-se-a-linha-barbie-fashionistas/>



[Fig. 46;47;48;49] *ECHOLILIA*, Timothy Archibald.

A coleção de fotografias realizadas no espaço doméstico é construída a partir da relação entre pai e o filho, uma criança no espectro do autismo. São revelados gestos, posturas e formas de estar no espaço que escapam à descrição objetiva, aproximando-se de uma dimensão mais íntima e quotidiana. Divulgado inicialmente em contexto editorial, o projeto rapidamente fez sentido junto de famílias em diferentes partes do mundo, reconhecendo nestas imagens fragmentos das suas próprias experiências. "A palavra *ECHOLILIA* faz referência ao termo médico *Ecolalia*, um hábito de repetir frases e imitar padrões de fala comum em crianças no espectro autista. Escolhi o nome porque soava como a palavra "eco", a repetição de sons causada pelo reflexo das ondas sonoras, e a palavra "lírio", que essencialmente significa uma flor bonita." in <https://www.echolilia.com/new-page/>



45 46
47
48
49

Magda Mostafa, arquiteta e investigadora, trabalha sobre a relação entre o espaço e as pessoas com PEA, evidenciando a influência do ambiente na experiência e no comportamento destas pessoas.

Determinadas características sensoriais podem desencadear ou, pelo contrário, reduzir situações de sobrecarga, atribuindo ao desenho do espaço um papel proeminente na experiência de pessoas com espectro do autismo.⁵⁰

Como Professora associada de Design na Universidade Americana do Cairo, Magda Mostafa desenvolveu em 2013 o índice de desenho ASPECTSS [Fig. 50], um conjunto de princípios apoiados em evidências para a concepção de ambientes para indivíduos com PEA. O modelo estrutura-se em sete critérios: acústica; sequenciamento espacial; espaços de escape, compartimentalização; transição, zoneamento sensorial e segurança, que visam orientar o desenho de ambientes mais previsíveis, legíveis e sensorialmente equilibrados.

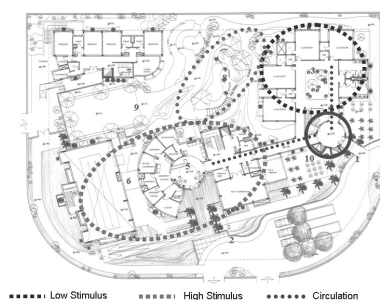
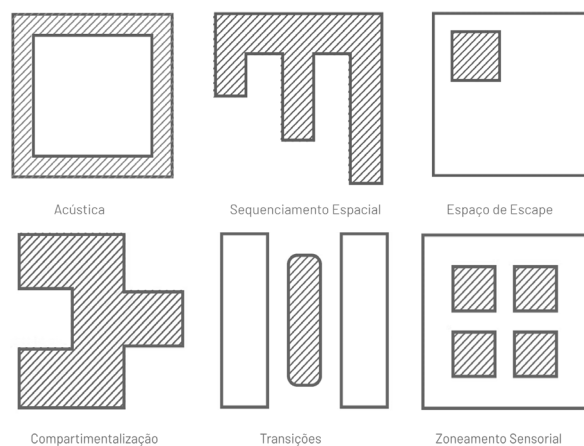
A acústica procura controlar o ruído, o eco e a reverberação, sendo que o nível do ruído deve ser menor quanto maior for o nível de concentração exigido. O sequenciamento espacial, organiza os espaços por um ordem lógica e previsível, com base no tipo de programa. Os espaços de escape oferecem refúgio e um ambiente sensorial neutro em situações de sobrecarga, por exemplo através de pequenas áreas ou espaços rastejáveis em locais silenciosos. A compartimentalização define o ambiente sensorial de cada espaço através do mobiliário, de diferenças de piso, ou da iluminação. A transição, permite a adaptação gradual entre espaços, evitando ruturas. O zoneamento sensorial, organiza o espaço de acordo com o nível de estímulo. A segurança protege, remove riscos e estabiliza o uso do espaço, evitando-se arestas e cantos afiados.⁵¹

Estes princípios foram aplicados no desenvolvimento do projeto do *Advanced Center for Autism* [Fig.51;52;53], um centro dedicado a crianças e jovens com necessidades especiais. Localizado no Cairo, Egito, o projeto é pensado como um todo, articulando a organização funcional com a sua relação com a comunidade. Para lá da dimensão educativa, promove a autonomia e a integração social através de apoio terapêutico e ajuda à inclusão, nomeadamente oferecendo oportunidades de trabalho.

A evolução do entendimento do autismo, entre definições clínicas e dados estatísticos, encontra nos critérios de Magda Mostafa uma síntese que constrói uma boa orientação sobre espaços dedicados à PEA.

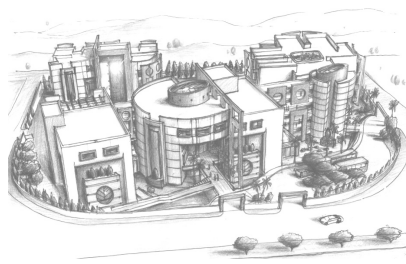
50. Sobre o trabalho de Magda Mostafa ver: Mostafa, M. ASPECTSS: The Autism Design Index. in <https://www.autism.archi/aspectss>

51. Sobre os ASPECTSS aplicados no Advanced Center for Autism ver: Mostafa, M. ASPECTSS: The Autism Design Index. in <https://www.autism.archi/aspectss>



[Fig. 50] Representação esquemática dos princípios do índice ASPECTSS. Mostafa, M. ASPECTSS: The Autism Design Index. in <https://www.autism.archi/aspectss>

[Fig. 51] *Advanced Center for Autism*, Cairo Egito, 2007, Magda Mostafa. Planta, organizada segundo o zoneamento sensorial e a sequência espacial dos espaços, com base no índice ASPECTSS. In ASPECTSS™ <https://www.autism.archi/aspectss>.



[Fig. 52] *Advanced Center for Autism*, Cairo Egito, 2007, Magda Mostafa. Desenho de vista aérea. In ASPECTSS™ <https://www.autism.archi/aspectss>.



[Fig. 53] *Advanced Center for Autism*, Cairo Egito, 2007, Magda Mostafa. Imagem tridimensional da Vista do Jardim sensorial com espelho de água, onde o controle dos estímulos e a criação de ambientes mais calmos contribuem para a regulação sensorial e o bem estar. In <https://www.autism.archi/aspectss>.

01.03 AFINIDADES ENTRE O ESPAÇO E OS SENTIDOS

No caso de pessoas com PEA a relação entre a percepção e a experiência do espaço é frequentemente marcada por especificidades sensoriais que condicionam a forma como o ambiente construído é vivido. Projetar implica antecipar como se percorre, onde se abranda, onde se hesita ou se decide permanecer. E cada decisão espacial participa em diferentes coreografias do cotidiano.

O espaço é projetado para promover uma determinada experiência sensorial, que se constrói através da forma como é ocupado⁵². É no movimento que se torna compreensível: ao percorrê-lo, o corpo revela um espaço que não é estático, mas que se transforma à medida que se avança, entre cheios e vazios, entre luz e sombra, entre aproximação e distância. Sem movimento o espaço permanece abstrato, com ele torna-se vivência, como uma narrativa que se constrói na sucessão de posições e percursos. É o cenário material onde a vida se desenrola na passagem do tempo, no que acontece no intervalo entre um ponto e outro. As instalações de Richard Serra [Fig. 54; 55] evidenciam essa relação entre corpo, percurso e experiência espacial.

*"A arquitetura caminha-se, percorre-se e não é, como preconizam certos princípios, uma ilusão inteiramente gráfica organizada em torno de um ponto central abstrato onde o homem pretende estar. (...) Com os seus dois olhos, a olhar para a frente, o nosso homem caminha, desloca-se (...) ele experimenta a emoção fruto dessas comoções sucessivas."*⁵³

É errado assumir que todas as pessoas interpretam os estímulos sensoriais da mesma maneira, cada experiência é singular. Os sentidos "(...) são a única forma do universo comunicar connosco".⁵⁴ O espaço é apreendido através dessa totalidade: visão, audição, tato, olfato, paladar, mas também pelo equilíbrio e pelos sistemas vestibular e proprioceptivo.⁵⁵ Da contaminação entre o corpo, o movimento e o tempo surgem as sensações. O espaço torna-se atmosfera e extensão da própria pessoa: *"Hoje sou o espaço onde estou."*⁵⁶

*"Mas, e quando os sentidos não funcionam naturalmente? Recebe-se a mesma informação sensorial que os outros mas o cérebro interpreta-o de modo diferente (...) Vive-se em uma realidade alternativa".*⁵⁷ No contexto da PEA, a relação entre o corpo e o espaço transforma-se e adquire outras complexidades. São frequentes as alterações no processamento sensorial que tornam a experiência do espaço mais intensa, fragmentada ou imprevisível.

52. "(...) ponho-me a passear por aí; tenho que dizer que esse é um dos meus maiores prazeres - não ser conduzido, poder passear com toda a liberdade, à deriva, sabem? Movo-me como uma viagem de descobertas." Zumthor, P. (2006). *Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam*. Barcelona: Gustavo Gili. p.43.

53. Le Corbusier (2005), *Mensagem aos estudantes de arquitetura*, São Paulo: Martins Fontes, p.41.

54. Grandin, T., & Panek, R. (2014). *The autistic brain: Exploring the strength of a different kind of mind*. United Kingdom: Ebury Publishing, p.63.

55. O sistema vestibular, deteta o movimento e as mudanças de posição. O sistema proprioceptivo refere-se a componentes de músculos, articulações e tendões que fornecem consciência da posição do corpo. Algumas crianças podem ser hipersensíveis à estimulação vestibular e ter reações temíveis a atividades comuns de movimento (por exemplo, balanços, escorregadores, rampas, inclinações). Também podem ter problemas para aprender a subir ou descer escadas. Autism Research Institute. *Sensory integration in autism spectrum disorders*. in <https://autism.org/sensory-integration/>.

56. in Pallasmaa, J. (2022). *Los ojos de la piel*. Gustavo Gili. p.78.

57. Grandin, T., & Panek, R. (2014). *The autistic brain: Exploring the strength of a different kind of mind*. United Kingdom: Ebury Publishing, p.63.



54
55

[Fig. 54] *The Matter of Time*, Guggenheim Bilbao, 2005, Richard Serra. in https://www.gallerease.com/pt/revista/artigos/exploring-the-essence-of-minimalism__dd-30f8379e51

[Fig. 55] *Forty Years*, MoMA, 2007 Richard Serra. Imagem da autoria de Lorenz Kienzle, in https://www.moma.org/calendar/exhibitions/14?installation_image_index=20.



01.03

A integração sensorial, processo pelo qual o cérebro organiza e interpreta os estímulos, permite construir uma percepção coerente do ambiente e agir sobre ele. Quando este processo se altera, há um desfasamento entre o estímulo e a percepção, que faz com que estas pessoas compreendam o ambiente de forma distinta, frequentemente descrito como uma alteração no processo sensorial.⁵⁸

Comportamentos como balançar, girar e bater as mãos, podem ser compreendidos como estratégias de regulação face ao ambiente.⁵⁹ Nem todas as pessoas conseguem *"(...) imaginar um mundo em que roupas que picam nos fazem sentir como se estivéssemos a arder, ou que o som de uma sirene soa como se alguém estivesse a perfurar o nosso crânio com um berbequim."*⁶⁰

Quando o *processo sensorial* se torna irregular ou desajustado, surgem diferentes formas de resposta ao ambiente, frequentemente descritas como *hipersensibilidade*, *hipossensibilidade* e *procura sensorial*.

A *hipersensibilidade* corresponde a uma resposta intensificada aos estímulos, podendo manifestar-se na dificuldade em tolerar determinados sons, cheiros, texturas ou ambientes sobrecarregados: *"Não suportar o cheiro do molho da massa, sentar-se num restaurante barulhento, usar certos tipos de tecidos ou consumir certas comidas."*⁶¹ A *hipossensibilidade*, corresponde a pouca ou nenhuma resposta a estímulos comuns, como a falta de reação à dor ou *"(...) não responder ao próprio nome, mesmo sem problemas de audição"*⁶² O prefixo *-hiper* exprime a ideia de excesso enquanto que o *-hipo* significa abaixo do normal,⁶³ refletindo a dualidade das respostas sensoriais observadas. Em última análise, a *procura sensorial* traduz-se na busca ativa por sensações, em contraste com as respostas anteriores a estímulos não procurados: *"Podem ansiar por ruídos altos ou (...) pressão profunda. Muitas vezes imitam essas sensações embalando-se, girando, batendo palmas ou através de ruídos."*⁶⁴

As diferentes formas de compreender e sentir o espaço pelas pessoas com PEA evidenciam a importância de pensar a arquitetura como um elemento ativo que inspira o quotidiano. Neste contexto, projetos como *A Case for Sensory Decolonisation | Autistic Escape* [Fig. 56 - 62] reforçam a necessidade de refletir criticamente sobre a crescente sobrecarga sensorial no espaço construído. Apesar da tentativa de sistematização de conceitos, diretrizes e números, não é possível traduzir a forma complexa como o espaço é vivido individualmente, mas esse facto não limita a capacidade de intervenção da arquitetura.

58. Sobre a Perturbação do Processo Sensorial ver: Álvarez, A. (2020). *Design handbook for autism*, p.8. in https://issuu.com/andreaalvarez083/docs/some_pages_test.

59. Sobre as estratégias de regulação ver: Autism Research Institute: *Sensory integration, autism spectrum disorders*. in <https://autism.org/sensory-integration/>.

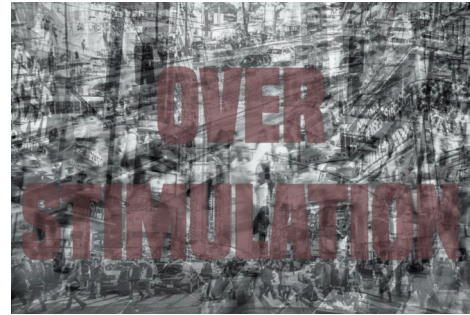
60. in Grandin, T., & Panek, R. (2014). *The autistic brain: Exploring the strength of a different kind of mind*. United Kingdom: Ebury Publishing, p.64.

61. in Grandin, T., & Panek, R. (2014). *The autistic brain: Exploring the strength of a different kind of mind*. United Kingdom: Ebury Publishing, p.64.

62. in Grandin, T., & Panek, R. (2014). *The autistic brain: Exploring the strength of a different kind of mind*. United Kingdom: Ebury Publishing, p.65.

63. Álvarez, A. (2020). *Design handbook for autism*. p.9. in https://issuu.com/andreaalvarez083/docs/some_pages_test.

64. in Grandin, T., & Panek, R. (2014). *The autistic brain: Exploring the strength of a different kind of mind*. United Kingdom: Ebury Publishing, p.65.



56 57
58 59
60
61
62

[Fig. 56; 57; 58; 59; 60; 61, 62] *A Case for Sensory Decolonisation / Autistic Escape* Magda Mostafa, Progressive Architects and The American University in Cairo, Veneza, 2023. Imagens apresentadas no âmbito da exposição Time Space Existence integrada na Bienal de Arquitetura de Veneza de 2023, no Palazzo Mora, organizado pelo European Cultural Center. Inserida numa reflexão mais ampla sobre a relação entre espaço, o tempo e experiência humana, é proposta uma leitura crítica da arquitetura contemporânea, introduzindo a noção de "Fuga autista" como um protesto espacial face à crescente sobrecarga sensorial. Procura evidenciar e aumentar a consciencialização sobre o impacto que os ambientes construídos tem na experiência das pessoas com PEA, revelando a tensão entre estímulo e refúgio. in <https://stuartneilson.com/Exhibitions/Venice%202023/#/4>;



Compreender a experiência sensorial das pessoas com PEA implica cruzar diferentes recursos de leitura que permitam aproximar-se da sua complexidade.

Com o intuito de aprofundar a compreensão da dimensão sensorial destas pessoas, recorreu-se à observação direta e à realização de entrevistas a pais, professores e psicólogos. Contudo, ambas revelaram limitações. A observação, condicionada por um olhar externo, não permite aceder plenamente à experiência vivida, e as entrevistas, embora esclarecedoras quanto a rotinas, dificuldades e estratégias, não tornam inteiramente apreensível a dimensão mais íntima, as sensações, as preferências e os modos próprios de estar no mundo.

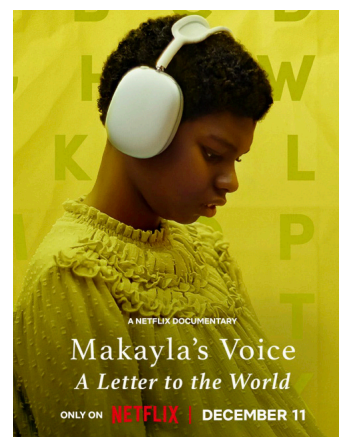
Perante os limites, consideraram-se outras formas de aproximação. O crescente número de representações de pessoas com PEA em filmes e séries⁶⁵ surgiu como um campo complementar e privilegiado de leitura. Não enquanto fonte objetiva ou substituto da experiência real, mas como meio de aceder, ainda que indiretamente, a formas de percepção e relação com o espaço que escapam à análise estritamente teórica ou empírica.

As narrativas visualizadas - documentários e ficção - funcionam como dispositivos de aproximação a diferentes realidades, analisadas a partir da relação entre o corpo, espaço e estímulo, e permitem identificar padrões de reação, modos de apropriação e situações de conforto ou sobrecarga sensorial, que informam diretamente o desenho do projeto.

A coleção reunida inclui *Makayla's Voice: A Letter to the World* [Fig. 63], *The Reason I Jump* [Fig.64], *Atypical* [Fig.65], *La Belle Étincelle* [Fig. 66] e *El Faro de las Orcas* [Fig.67], e não é arbitrária, mas orientada pela diversidade de abordagens que cada narrativa oferece sobre a PEA, permitindo aceder a diferentes níveis de sensibilidade: desde testemunhos diretos e experiências vividas, até construções fictícias que exploram dimensões emocionais e sensoriais do quotidiano.

Mais do que procurar uma leitura homogênea ou representativa, interessa a heterogeneidade dos olhares e a forma como cada registo evidencia modos distintos de perceber, habitar e reagir ao espaço. É precisamente nesta articulação entre o relato e a interpretação que reside o seu contributo, informando e orientando uma prática arquitetónica mais atenta à diversidade das formas de sentir e habitar.

65. Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.1.



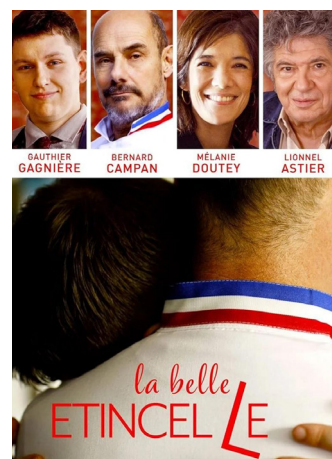
[Fig. 63] Capa do documentário: *Makayla's Voice: A Letter to the World*, 2024. Realizado por Julio Palacio. 24 minutos. Estados Unidos. In <https://www.netflix.com/pt/title/81926434>



[Fig. 64] Capa do documentário: *The Reason I Jump*, 2020, Realizado por Jerry Rothwell. 1h22. USA, United Kingdom. In <https://www.imdb.com/title/tt9098928/>



[Fig. 65] Capa da série: *ATYPICAL* (2017-2021), realizado por Robia Rashid. 4 temporadas. USA. In <https://www.netflix.com/pt/title/80117540>



[Fig. 66] Capa do filme, *La Belle Étincelle*, 2023, realizado por Hervé Mimran. França. 01h28. Visualizado na RTP Play em Janeiro de 2026: in <https://www.rtp.pt/play/p16018/e918589/la-belle-etincelle-brilho-com-sabor>

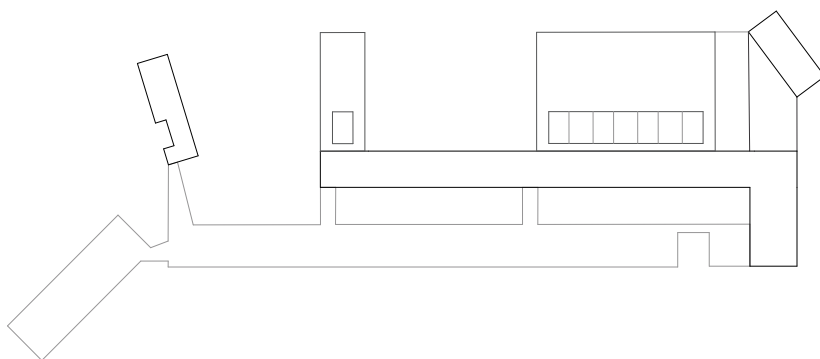


[Fig. 67] Capa do filme: *El Faro de las Orcas*, 2016, realizado por Gerardo Olivares. 1h50. Espanha e Argentina. In <https://www.netflix.com/pt/title/80105690>

63
64 65
66 67

02

AVALIAÇÃO



O confronto com a realidade das respostas habitacionais para pessoas com PEA permite tornar visíveis não só soluções existentes, mas também as suas limitações, lacunas e ausências. Apesar de alguns projetos recentes, como o *Sweet Spectrum Autism* [Fig.68;69] ou a *Casa LM+L*, de Javier Sánchez Merina [Fig.70;71], procurarem desenvolver abordagens mais sensíveis às necessidades espaciais e sensoriais associadas ao espectro, estas respostas continuam a surgir de forma pontual e isolada. Interessa compreender de que forma as estruturas atuais se organizam e até que ponto conseguem responder à diversidade de necessidades associadas ao espectro do autismo.

Raramente se questiona o espaço quotidiano onde a vida das pessoas com PEA acontece. Fala-se ainda menos da casa - o lugar doméstico que as acolhe todos os dias e que pode sustentar o equilíbrio ou acentuar o desajuste. É no espaço íntimo que se concentram muitas das experiências sensoriais mais intensas, capazes de influenciar diretamente a forma como estas pessoas se relacionam com o mundo.

Na Europa, os dados disponíveis indicam que a maioria das pessoas com PEA habitam em contexto familiar, sendo esta permanência mais frequente do que noutras perturbações do desenvolvimento,⁶⁶ associada à dificuldade em alcançar níveis de autonomia que permitam uma vida independente, como a gestão doméstica, a higiene pessoal, a alimentação, a administração financeira e o uso de transportes. Paralelamente, uma outra parte significativa vive em estruturas residenciais ou institucionais, frequentemente associadas a níveis de apoio mais elevados. Em 2013, um estudo desenvolvido pela organização Norte Americana *Autism Speaks*, analisou as preferências de habitação de adultos com PEA. Quando questionados sobre as perspetivas para os próximos 5 anos manifestam preferência por formas de habitação independente - como casa própria ou partilhada, com níveis de apoio reduzido. Em contraste, os cuidadores tendem a privilegiar soluções com maior nível de apoio ou permanência em contexto familiar, refletindo preocupações relacionadas com a segurança, a autonomia e a capacidade de gestão do quotidiano.⁶⁷

O desencontro entre o desejo de autonomia das pessoas com PEA e a necessidade de segurança e acompanhamento defendida pelos cuidadores reflete a ausência de soluções intermédias capazes de articular independência e suporte, impedindo a conciliação destas duas perspetivas. As soluções existentes organizam-se segundo modelos generalistas, definidos por normas técnicas e funcionais não especificamente orientadas para a PEA. No intervalo - entre o diagnóstico e a autonomia, entre a casa familiar e a institucionalização - revela-se uma ausência mais profunda: a de um programa arquitetónico capaz de oferecer uma habitação duradoura.

66. Sobre a habitação de pessoas com PEA ver: in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press.p.16.

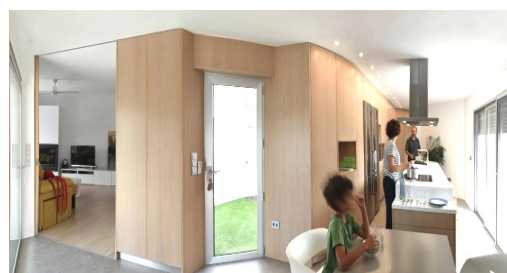
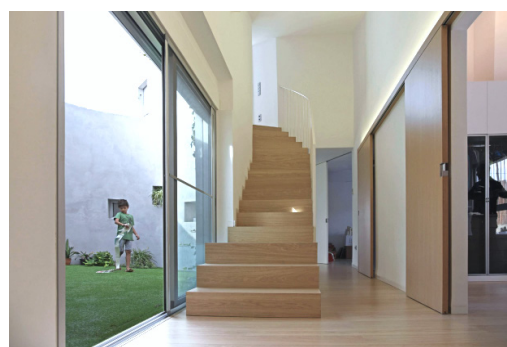
67. Estudos realizados após 1999, em diferentes contextos Europeus, caracterizam os arranjos de habitação de adultos com PEA. No Reino Unido a amostra incluiu 68 adultos, (21 a 49 anos). Os resultados mostram uma distribuição entre a casa familiar (38%) e estruturas residenciais (51%), sendo reduzidas as soluções semi protegidas. Na Suécia, em 120 pessoas, (17 a 40 anos), a maioria concentra-se em casas de acolhimento (49%) e comunidades residenciais (38%), apartamentos com apoio comunitário (8%), e uma pequena percentagem com ajuda ocasional. Em Espanha, a tendência apresenta-se de forma mais acentuada, em 74 adultos, entre 18 e 40 anos, cerca de 87% moram com os pais. Em 2013, a organização *Autism Speaks* realizou um estudo sobre preferências de habitação de quase 400 pessoas com PEA e 8 500 cuidadores. Quanto à moradia adequada para os próximos 5 anos, as pessoas com autismo preferem habitação independente, nomeadamente casa própria (36%), seguida da permanência familiar (22%) e da partilha de habitação com colega de casa (15%). As soluções com maior nível de apoio, como residências assistidas ou coletivas, surgem com menor expressão. Em contraste, os cuidadores privilegiam o contexto familiar (46%) e valorizam soluções com apoio estruturado como residências coletivas (12%) ou assistidas (5%). Quanto aos níveis de apoio desejado, as pessoas com autismo preferem modelos flexíveis "apoio quando necessário", enquanto os cuidadores, valorizam o suporte contínuo (24 horas). Relativamente ao tipo de comunidade e contexto urbano, as pessoas com PEA preferem ambientes menos densos, como bairro fora do centro urbano (55%), seguido por contextos urbanos mais intensos (26%) e em menor número ambiente rural (15%). Os cuidadores, reforçam a tendência com preferência ainda mais acentuada por contextos suburbanos ou periféricos (64%). in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press.p.15.

[Fig. 68; 69] *Sweetwater Spectrum*, Sonoma, 2013, Leddy Maytum Stacy. Fundada em 2009 por um grupo de famílias de pessoas com PEA, a Sweetwater Spectrum surge como resposta à ausência de modelos habitacionais adequados principalmente para adultos com autismo e outras deficiências de desenvolvimento. O conjunto organiza-se através de quatro pequenas casas e de espaços comuns de encontro, promovendo relações de interajuda e formas de vida coletiva sem as tornar obrigatórias. Para além da dimensão residencial, o projeto estabelece uma forte relação com a comunidade de Sonoma, incentivando a participação dos residentes em atividades cívicas, culturais e profissionais, enquanto voluntários, familiares e visitantes contribuem ativamente para a vida quotidiana do conjunto. Os espaços são desenhados de acordo com as necessidades sensoriais dos habitantes, procurando construir um ambiente mais estável, acessível e integrado. in <https://sweetwaterspectrum.org/>



[Fig. 70;71] Casa LM+L, Alicante, 2019, Francisco Javier Sánchez Merina.

A casa organiza-se através de percursos previsíveis, relações visuais claras e sequências espaciais que ajudam a estruturar o quotidiano da criança com PEA, onde portas, janelas, atalhos e elementos de mobiliário se tornam referências constantes na compreensão do espaço, das rotinas e das pequenas decisões do dia a dia. Procurando equilibrar estabilidade e flexibilidade, a habitação acompanha as transformações da vida familiar e integra igualmente espaços destinados ao bem-estar e à permanência dos pais, reconhecendo a importância do cuidado daqueles que acompanham a criança. in <https://premiosarquitectura.carm.es/premiosarquitectura/faces/ver-trabajo.xhtml?lanuexp=2019&numexp=86&w=400>



68
69
70
71

02. [IV ENTRE RESPOSTAS E AUSÊNCIAS: HABITAÇÃO APOIADA EM PORTUGAL]

Em Portugal as respostas destinadas a pessoas com PEA integram-se nos modelos de habitação para pessoas com deficiência, regulamentados por portarias, que definem enquadramento técnico e funcional.

Organizam-se em duas tipologias diferentes: os *Lares Residenciais* e as *Residências de Autonomização e Inclusão* (RAI), [Des. 1].

Os *Lares Residenciais* (Portaria n.º 59/2015, de 2 de março) são estabelecimentos de alojamento coletivo, de carácter temporário ou permanente, destinados a pessoas com deficiência ou incapacidade que se encontrem impedidas de residir em contexto familiar. Apresentam uma capacidade máxima de trinta residentes, com idade igual ou superior a 16 anos, assegurando acompanhamento e prestação de serviços 24 horas por dia⁶⁸.

Mais recentes, as *Residências de Autonomização e Inclusão* (RAI) (Portaria n.º 205/2025/1, de 30 de abril) surgem como uma resposta orientada para a promoção da vida autónoma e da integração comunitária. Inserem-se em áreas residenciais e na comunidade, organizando-se em unidades de pequena escala - apartamentos, moradias ou outras tipologias habitacionais semelhantes, com capacidade máxima de cinco residentes, podendo assumir carácter temporário ou permanente⁶⁹. Destinam-se a pessoas com idade igual ou superior a 18 anos, que mediante apoio individualizado possam ter um projeto de vida autónomo e independente⁷⁰.

No caso específico das pessoas com PEA, a oferta revela-se particularmente limitada. Identificam-se apenas três residências, geridas pela APPDA (*Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo*), que acolhem particularmente pessoas com PEA: um Lar Residencial no Porto⁷¹ com capacidade para cerca de 20 pessoas, e dois em Lisboa⁷². Embora a APPDA tenha outras delegações - como Viseu, Setúbal, Coimbra, Algarve, Açores e Madeira - não foi possível identificar, através dos dados da *Carta Social*⁷³ e do site da APPDA a existência de respostas residenciais nestas regiões.

De forma geral, as soluções habitacionais para pessoas com PEA são pensadas apenas para fases tardias, quando a permanência no contexto familiar deixa de ser possível. Em vez de um percurso contínuo, impõe-se uma mudança abrupta, onde a arquitetura surge, de forma reativa, sem integrar o processo de transição nem considerar as especificidades sensoriais associadas ao autismo, desvalorizando o papel do espaço na construção da autonomia.

68. Sobre os *Lares Residenciais* ver: Portaria n.º 59/2015, de 2 de março. Diário da República. in <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/59-2015-66639520>

69. Sobre as RAI ver: Portaria n.º 205/2025. in Diário da República. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/205-2025-916383943>

70. Sobre as RAI ver: Portaria n.º 77/2022, de 3 de fevereiro. Diário da República. in <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/77-2022-178602021>

71. Na APPDA Norte, a resposta social Lar Residencial surgiu em 2002 com a abertura de duas residências capazes de apoiar cada uma 5 utentes. Em 2005, encontravam-se abertas e a funcionar as quatro residências. Atualmente o lar residencial apoia 20 jovens/adultos com PEA, com idade igual ou superior a 16 anos. in APPDA Norte: <https://appda-norte.org.pt/>.

72. Na APPDA em Lisboa, os *Lares* situam-se um na Ajuda e outro no Zambujal. in APPDA Lisboa <https://www.appda-lisboa.org.pt/>

73. “A Carta Social consubstancia-se num estudo de análise da dinâmica da Rede de Serviços e Equipamentos Sociais (RSES) que pretende dar a conhecer as respostas sociais, no âmbito da ação social tuteladas pelo Ministério do Trabalho Solidariedade e Segurança Social (MTSSS, em funcionamento no continente, a sua caracterização, localização territorial, equipamentos e entidades de suporte. A informação disponibilizada na Carta Social integra os equipamentos com respostas sociais das redes pública, solidária e privada-lucrativa.” in <https://www.cartasocial.pt/o-que-e>.

Lar Residencial

Receção 9 m²

Instalação sanitárias separadas por género e acessível a pessoas com mobilidade condicionada.

Área administrativa 10 m² x 2

Área de direção 10 m²

Área de Profissionais 10 m²

Vestibulo, zona de descanso 6 m²

Sala de estar

Sala de estar, atividades 15 m² (2m² por residentes)
Instalações sanitárias separadas por género, considerando uma cabine com sanita e um lavatório por cada 10 residentes.
Mobilidade condicionada com 4,84 m²

Cozinha e zona de refeições

Sala de refeições 20 m² (2m² por residente)

Instalações sanitárias por género, considerando uma cabine com sanita e um lavatório por cada 10 residentes.

Mobilidade condicionada com 4,84 m².

Espaço complementar, integrado no espaço principal ou com comunicação direta: Zona de lavagem de loiça e de utensílios de cozinha; Zona de distribuição das refeições.

Despensa, compartimento de frio e lixo.

Cozinha - Espaço principal 10 m²:

Zona de higienização dos manipuladores de alimentos

Zona de preparação de alimentos

Zona de confeção de alimentos

Zona de alojamento

Quarto individual 10 m²

Quarto duplo: 16 m²

Quarto casal 12 m²

Quarto tripla: 20,5 m²

Lavandaria - 12 m²:

Depósito para a roupa suja;

Maquinas de lavar e secar roupa;

Armários e prateleiras para guardar a roupa lavada;

Mesa de costura e bancada para passar a ferro;

Serviços de Apoio

Arrumação e armazenamento de equipamento, mobiliário, materiais e produtos necessários ao funcionamento do lar residencial.

Esta área deve incluir os seguintes espaços:

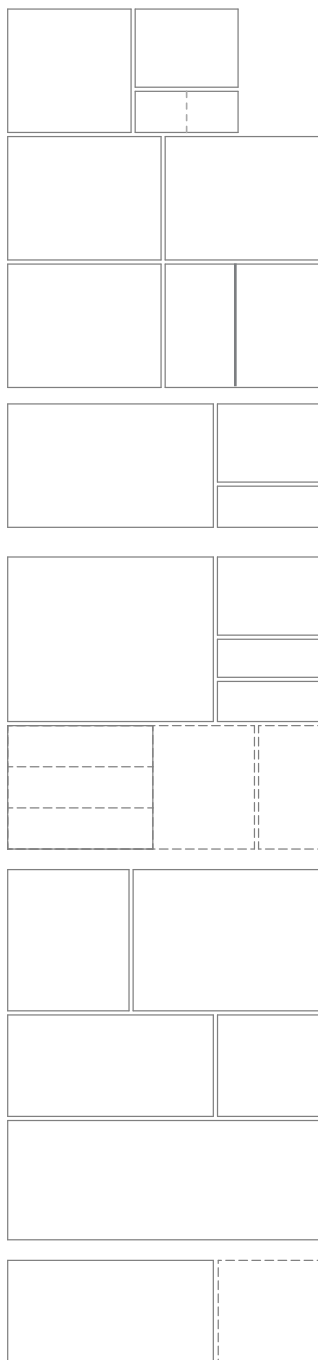
Arrecadações gerais

Arrecadações de géneros alimentícios

Arrecadações de equipamentos e produtos de higiene do ambiente.

[Des.1] Esquema de áreas mínimas do Lar Residencial, com capacidade máxima de 30 pessoas e RAI (Residência de Autonomização e Inclusão), com capacidade máxima de 5 pessoas, segundo a Portaria n.º 59/2015, de 2 de março e a Portaria n.º 205/2025/1, de 30 de abril.

LAR RESIDENCIAL



Quarto individual 10 m²

Quarto duplo: 16 m²

Quarto duplo: 16 m²

Cada apartamento ou moradia com mais de três quartos deve possuir pelo menos duas instalações sanitárias completas, sendo uma delas acessível.

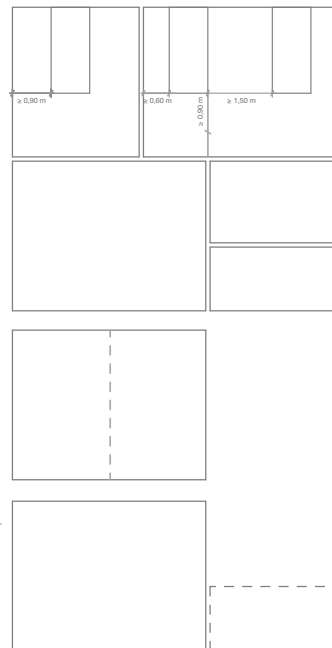
Sala comum 16 m²:

Zona de estar

Zona de refeições

Cozinha ou Kitchenette

É aconselhável a existência de um compartimento para arrumos.



Des. 1

A escolha do lugar constitui um gesto determinante. Importa compreender o que o contexto oferece e como informa o projeto - as suas condições sociais, funcionais e sensoriais -, influenciando diretamente o quotidiano das pessoas com PEA. É a partir destas condições que o habitar se define, interpretando-as e transformando-as.

O lugar ultrapassa a condição de enquadramento físico, assumindo-se como elemento ativo na regulação sensorial, emocional e social destas pessoas. Fatores como o nível de ruído, a intensidade do trânsito, a proximidade a serviços e a presença da natureza influenciam diretamente a experiência quotidiana. Chega-se à escolha do lugar pelo que ele oferece e permite.

"A seleção certa do bairro e da comunidade determinam muitas vezes o sucesso global de qualquer projeto residencial, e isto é especialmente verdade quando se desenvolvem (...) habitações para adultos com PEA." ⁷⁴

A aproximação faz-se pela Avenida da Boavista, que se impõe pela sua escala, larga e contínua, e que atravessa a cidade do Porto até ao mar. Nela o movimento é constante, o ruído permanente e a diversidade de fluxos, pedonais e rodoviários, reforça a condição de eixo urbano principal. Entre edifícios de escritórios e de habitação, percorrê-la é uma sucessão de frentes que se densificam e dispersam, momentos mais densos, outros menos, uns mais construídos, outros mais verdes.

Ao longo da Avenida acumulam-se funções e serviços, estabelecimentos comerciais, equipamentos culturais e infraestruturas, tornando-a um espaço ativo [Des. 2]. De autocarro, de carro, de bicicleta, a pé ou de *metrobus*, a multiplicidade de acessos revela-se na possibilidade de autonomia e liberdade quotidiana⁷⁵: *"(...) localizar numa área com bom e fácil acesso a serviços (...) é particularmente importante para muitos adultos no espectro que não conduzem."*⁷⁶

Desce-se a Avenida em direção a poente. O ar torna-se mais leve e o azul revela-se ao longe, o verde ganha destaque e o ritmo abranda, marcando a transição para a Avenida do Parque, à direita. A densidade dissipa-se progressivamente, dando lugar a uma atmosfera mais contida, que permite aceder a *"(...) bairros com baixos níveis de ruído e poluição minimiza[ndo] o potencial de reações sensoriais negativas e efeitos na saúde dos residentes."*⁷⁷

74. in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press, p. 83.

75. "Para aceder às comodidades, a proximidade com transportes públicos é fundamental" in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.83.

76. in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press, p.76.

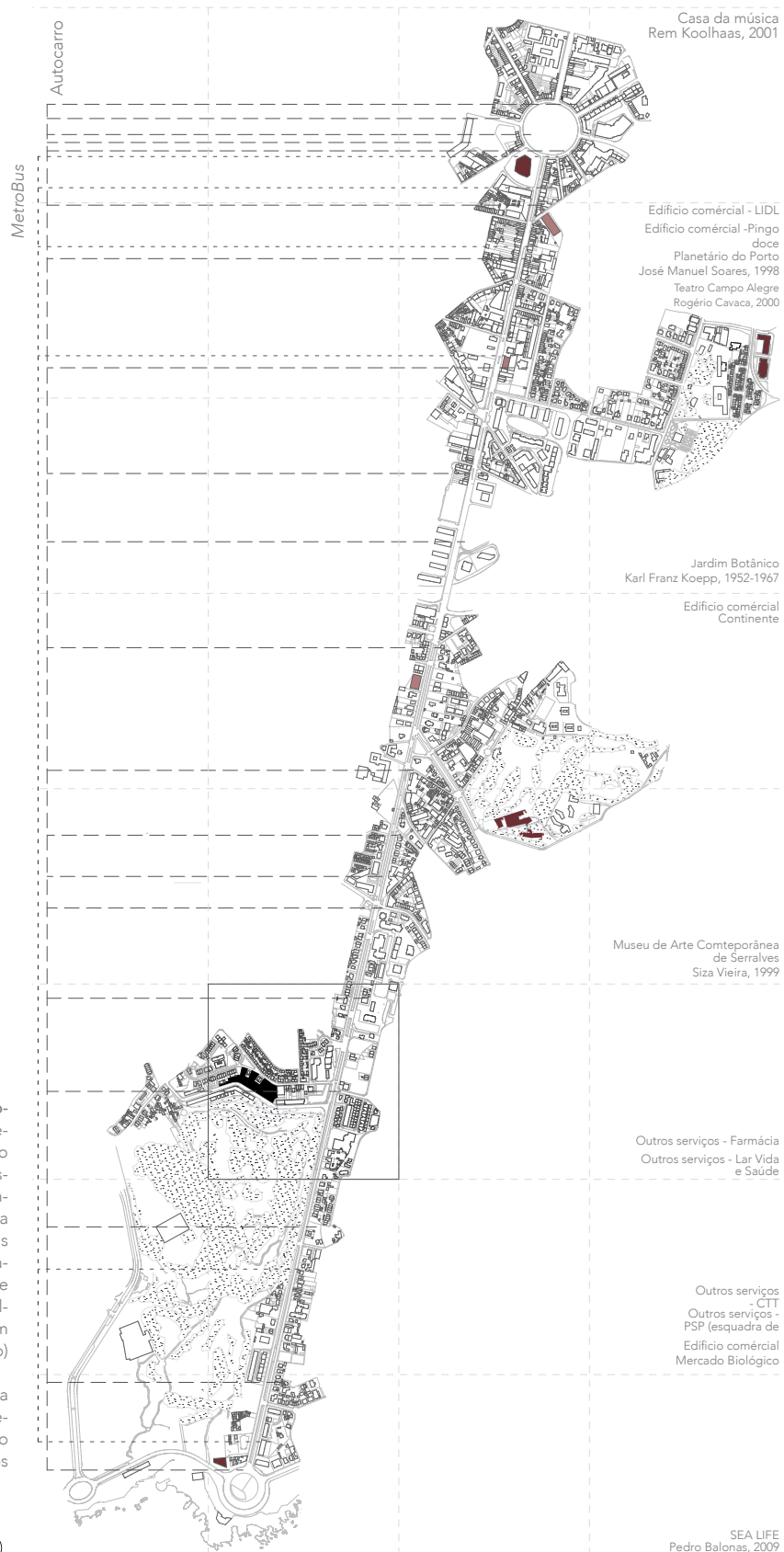
77. in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press, p.86



- Lugar de Implantação;
- Serviços;
- Comércio;
- Equipamentos culturais;

[Des. 2] Planta da Avenida da Boavista, Porto. Evidencia-se a Avenida da Boavista enquanto eixo estruturador de mobilidade e distribuição programática, articulando diferentes escalas e tempos da cidade. Destacam-se as paragens do MetroBus (1.ª e 2.ª fase), paragens de autocarro (a tracejado) e distribuição programática envolvente: equipamentos culturais (tom escuro), comércio (tom intermédio) e serviços (tom claro).

A grelha adotada corresponde a tempos médios de deslocação pedonal, equivalendo cada lado do quadrado a cerca de 10 minutos a pé.



Des. 2

02.02

A cidade permanece próxima e acessível, como estrutura de apoio. Não se trata de isolamento, mas a possibilidade de escolha entre diferentes níveis de exposição e envolvimento.

“Frequentemente supõe-se erradamente que as pessoas com autismo preferem o isolamento. (...) Estudos recentes, no entanto, mostram que os indivíduos autistas tem um apetite social e anseiam uma ligação com os outros. Por isso, escolher áreas que ofereçam oportunidades para desenvolver relações dentro da comunidade e com os vizinhos pode afetar positivamente a saúde física e mental das pessoas com PEA”⁷⁸.

A poente, revela-se o *Parque da Cidade*⁷⁹ que se abre progressivamente, deixando-se atravessar pela *Entrada de Aldoar*. As copas das árvores - Pinheiros Mansos, Pinheiros Bravos, Plátanos, Choupas, Carvalhos, Amieiros, Salgueiros e Videiros - projetam sombras irregulares enquanto o verde se estende para além dos seus limites.

O parque introduz uma condição de variação constante, onde o espaço deixa de ser contínuo e passa a oferecer diferentes ritmos, intensidades e possibilidades de permanência. Para quem apresenta maior sensibilidade ao ambiente e ao stress esta proximidade com o espaço verde torna-se estruturante.

A atmosfera é ali mais calma, pode caminhar-se sem destino, através de possíveis encontros num espaço que é público. O parque funciona bem como extensão do habitar, integrando-se no quotidiano e ampliando o campo de experiência para além do limite construído.⁸⁰

Entre a presença dos edifícios e do verde, da Avenida do Parque e da Rua António Aroso, situa-se um terreno vazio de 8500 m² [Des. 3] que se apresenta em suspenso, aguardando futuras construções. De frente para a Avenida do Parque o vazio abre-se; a escala é maior, o movimento mais contínuo, a relação com o parque e com a frente urbana é mais ampla.

Em contrapartida, a subir em direção à Rua António Aroso, a atmosfera altera-se: as casas unifamiliares multiplicam-se, os muros definem limites, a escala diminui e a presença é mais doméstica e reconhecível. Sente-se um sentido de comunidade, onde o papel da vizinhança na vida diária é bem-vindo.

78. in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Policy Press. p.76.

79. A ideia de criar um Parque da Cidade do Porto remota ao início do séc. XX. Em 1916/1918 Ezequiel de Campos insiste na aquisição de terrenos para a construção de um parque. A localização do Parque da Cidade foi influenciada pela existência de uma extensa mancha de terrenos rústicos livres, onde a construção se revelava problemática. Inicialmente, a área correspondia a um pinhal com um pequeno campo de futebol. Em 1981, iniciam-se os estudos com vista à criação do parque e, em 1982, a convite da Câmara Municipal do Porto, Sidónio Pardal dá início aos trabalhos de conceção no âmbito da Universidade Técnica de Lisboa. Em 1984, é apresentada a primeira fase do projeto. Em 2002, o parque encontrava-se já cerca de 70% construído, sendo hoje reconhecido como o maior parque urbano do país. Cláudio, M. (2016). *Um Éden de bolso: Parque da Cidade* [Publicação de exposição]. Câmara Municipal do Porto.

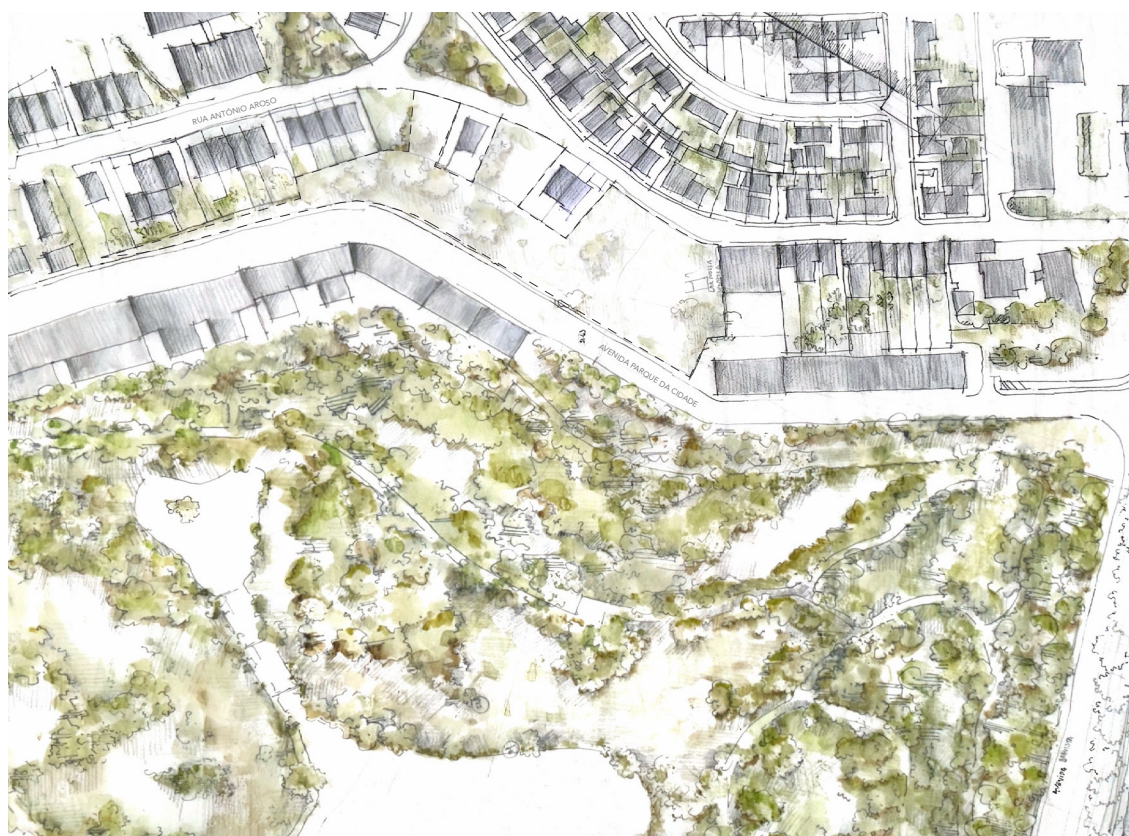
80. Sobre a importância da proximidade com espaços naturais ver: “A proximidade de espaços verdes e do ambiente natural está associada a uma maior resiliência e a uma maior capacidade de lidar com eventos de vida stressantes. para adultos com autismo isto pode ser especialmente importante, dado que muitos experimentam níveis mais elevados de stress que podem afetar a sua capacidade de lidar com as exigências da vida quotidiana.” in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.87.

[Fig.72] *Wrapped Trees*, Riehen, Suíça, *Fondation Beyeler e Berower Park*, Christo e Jeanne-Claude, 1997-98. 178 árvores foram envolvidas com poliéster, os ramos projetam o tecido para fora, criando volumes dinâmicos de luz e sombra, movendo-se com o vento. Fotografia de Wolfgang Volz, in <https://christojeanneclaude.net/artworks/wrapped-trees/>



[Des. 3] Desenho aéreo a partir de planta rigorosa. Primeiro desenho de reconhecimento do local de intervenção, realizado em aguarela, em formato A2, evidenciando a importância do Parque da Cidade e da mancha verde na estrutura do território. Junho 2025.

0 20 40 80 m



72
Des. 3

02.02

Esta condição permite ajustar o espaço às necessidades sensoriais de cada pessoa, através de ambientes mais abertos ou mais contidos. O lugar afirma-se como um ponto de mediação entre diferentes modos de cidade, onde a diversidade se traduz em oportunidades.

No contexto PEA, as exigências com a localização revelam uma questão fundamental ao projetar: ser *"impossível imaginar um acontecimento sem uma referência de lugar."*⁸¹

Compreendê-lo não só como suporte físico, mas como condição ativa do projeto, considerando uma localização concreta e um conjunto de presenças específicas - formas, texturas, cores, cheiros e sons - que definem a sua essência e o seu carácter, informa e orienta o desenho.

É na relação entre o tangível e o sensível que o lugar se manifesta e se distingue. O projeto emerge dessa condição, procurando aproximar-se do que existe e do que nele se pressente, num gesto atento ao espírito do lugar: *"Em geral isto significa concretizar o genius loci."*⁸² A escolha deste lugar resulta da procura de um contexto onde a arquitetura possa tornar-se suporte, oferecendo condições para habitar e acompanhar.

A coexistência entre a acessibilidade, a densidade e proximidade de serviços da Boavista, em contraponto com a presença do Parque da Cidade e a escala mais doméstica envolvente, constrói um equilíbrio favorável entre exposição e contenção.

A possibilidade de autonomia através do acesso facilitado a transportes públicos, permite não só a circulação e participação na vida urbana, mas também a permanência em ambientes mais tranquilos, como espaços verdes, assegurando diferentes formas de relação com o lugar.

A sobreposição de ambientes distintos cria um campo de transição essencial, capaz de acomodar variadas necessidades sensoriais e modos de apropriação do espaço, oferecendo possibilidades de escolha no modo de habitar.

81. in Norberg-Schulz, C., & Norberg-Schulz, A. M. (1986). *Genius Loci : paesaggio, ambiente, architettura*. Milano: Electa, p.4.

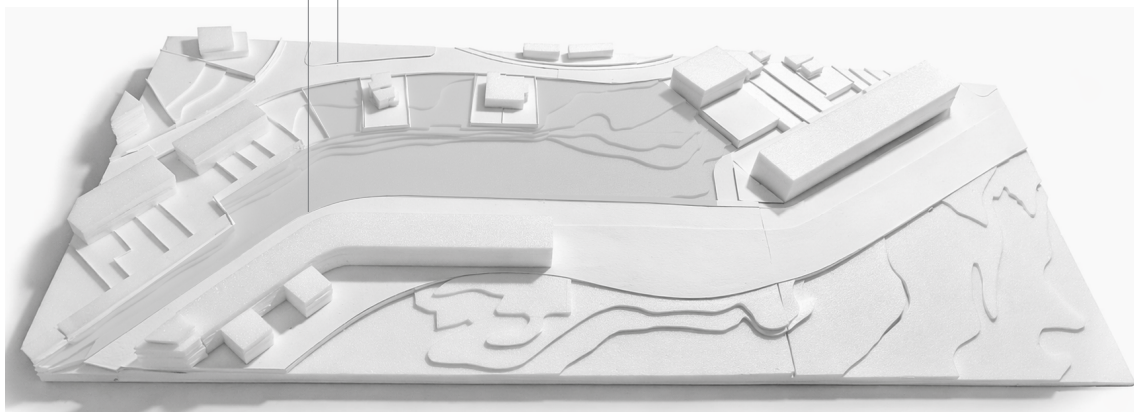
82. "Em geral, isto significa concretizar o genius loci. Chegamos a este resultado graças aos edifícios que reúnem as propriedades do lugar e as aproximam ao homem. O acto base da arquitetura é então esse de compreender a vocação do lugar, dessa maneira um protege a terra e faz parte de uma totalidade apreensível." in Norberg-Schulz, C., & Norberg-Schulz, A. M. (1986). *Genius Loci : paesaggio, ambiente, architettura*. Milano: Electa: p.22.

[Maquete 1] Terreno e envolvente,
1500.

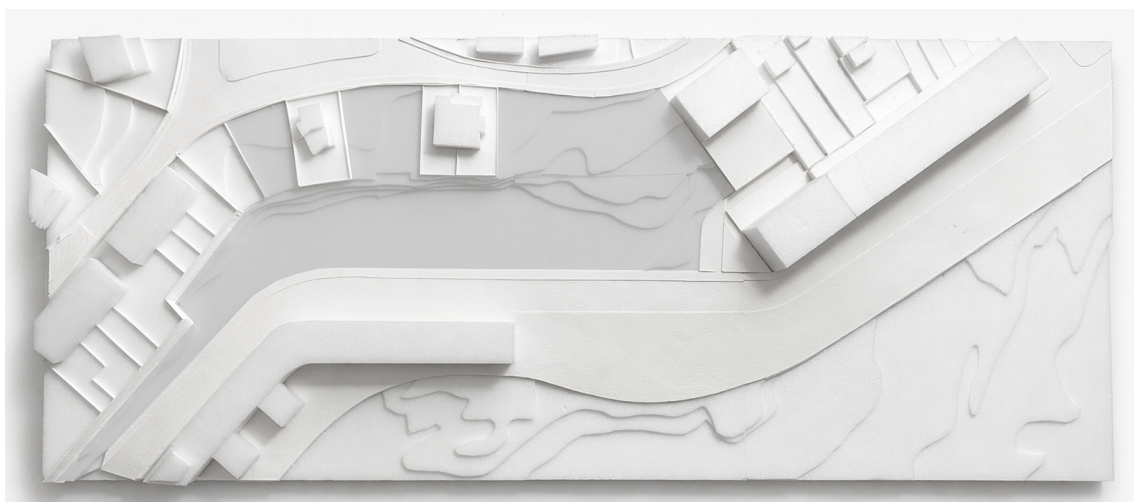
Maquete de estudo.

Rua António Aroso

Avenida do Parque



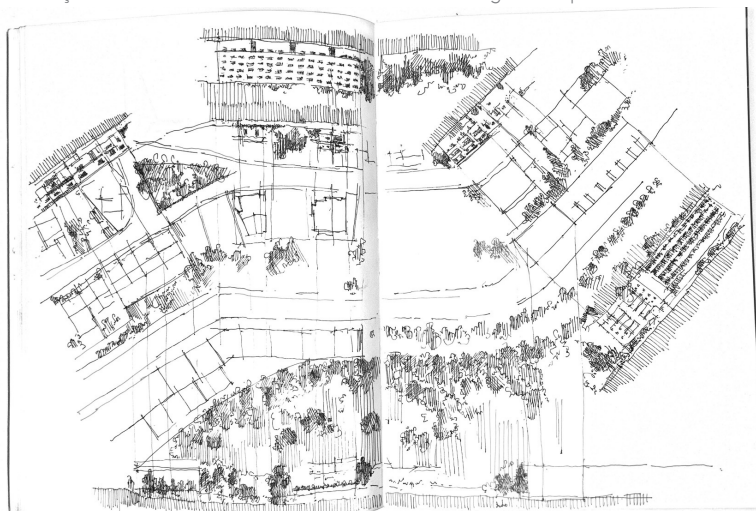
Maq.1



02.

[V RECONHECIMENTO]

[Des.4] Desenho aéreo do território a intervir. Primeiro reconhecimento do vazio urbano e da relação com a envolvente construída. Colecionam-se registos de procura.



[Des.6] A relação entre a volumetria da envolvente e mancha arbórea.



[Fig. 74] Entrada para a Avenida do Parque, a Sul.



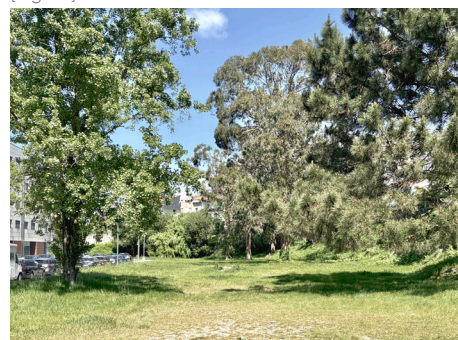
[Fig. 75] Entrada para a Avenida do Parque, a Sul.



[Des. 5]



[Fig. 73]



[Des.7]

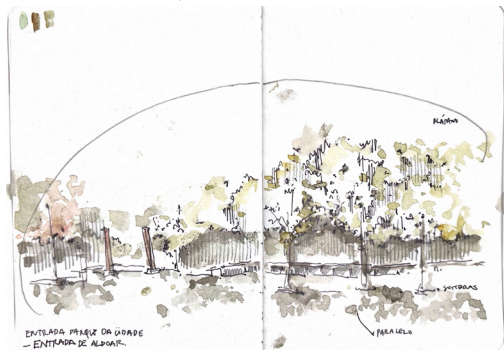


[Des. 8]



Deixa-se a Avenida da Boavista para trás.
O som abranda e ouvem-se as folhas dos plátanos a balançar com o vento.

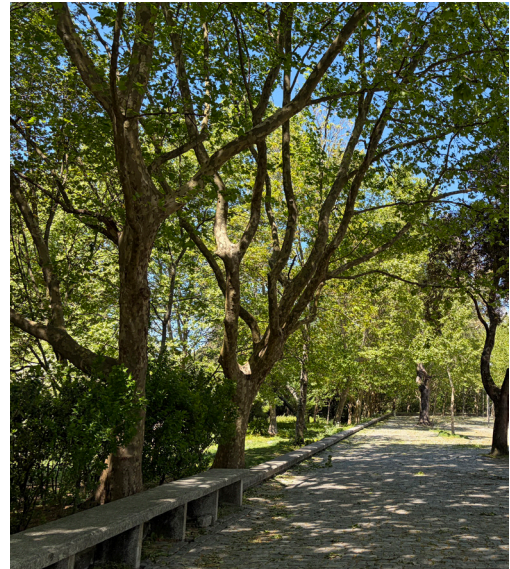
[Des.9] Entrada Parque da Cidade - Entrada de Aldoar.



[Des. 10]



[Fig. 76]



[Des. 11]]



[Fig. 78]



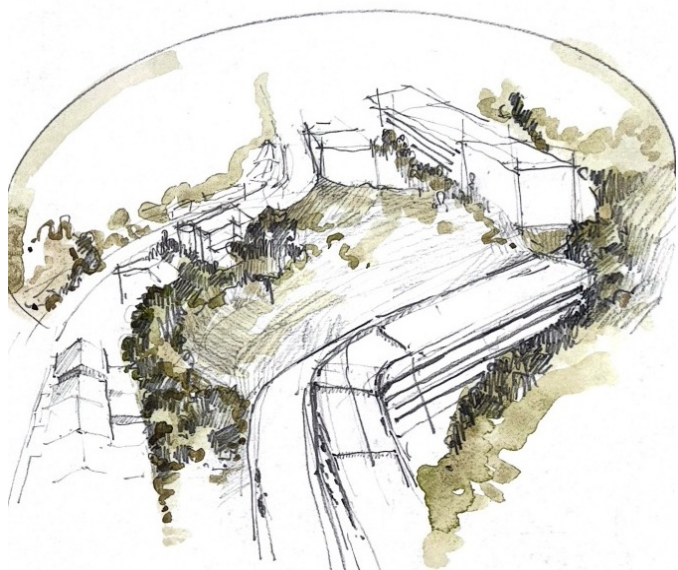
[Fig. 77]



[Fig. 79]



[Des. 12]



[Fig. 80]



02.

[V RECONHECIMENTO]

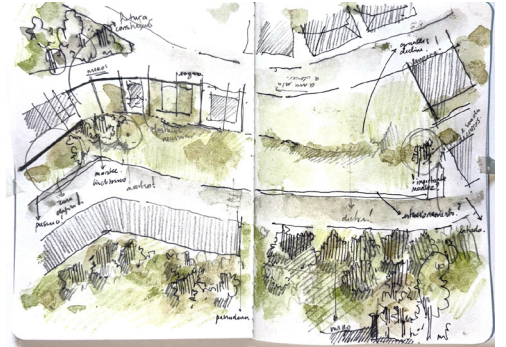
[Fig. 81] Rua António Aroso, Norte.



[Fig. 82]



[Des. 13]



[Fig. 83] Confronto com os limites.



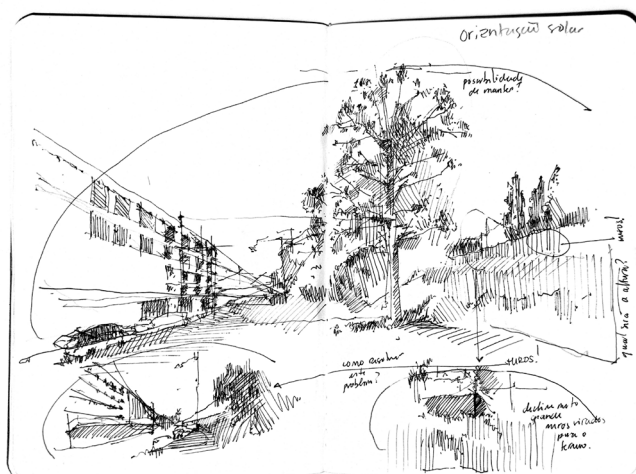
[Fig. 84]



[Fig. 85]



[Des. 14]



[Fig. 86] Esquema com localização das imagens.



[Des. 15]



[Fig. 87]



[Fig. 88]



[Fig. 89]



[Fig. 90]



[Fig. 91] A envolvente, casas unifamiliáres.

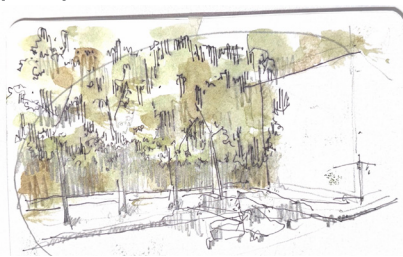


Ouvem-se os carros sobre os paralelos.

[Fig. 92] Espreita-se para os interstícios



[Des.16]



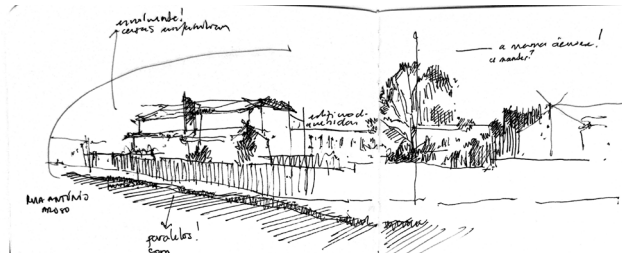
[Fig. 93]



[Fig. 94]



[Des. 17]



O programa não surge como um dado prévio ou fixo, mas como uma construção em contínua transformação, informada pelo confronto entre hipóteses espaciais, necessidades identificadas e especificidades do tema. O desenho do programa e do projeto assume-se como instrumento de investigação simultaneamente consciente e intuitivo, que estabelece premissas e oportunidades orientando o pensamento.

Parte-se do princípio de que “(...) *não existe um modelo residencial único, tal como não existe um protótipo único de autismo*”⁸³, afastando a ideia de uma solução universal e aproximando-a de uma lógica de adaptação e evolução, que ganha progressivamente espessura e medida, adquirindo forma e dimensão.

Neste sentido, o desenvolvimento do programa assume-se como um campo simultâneo de exploração e de resposta à ausência de modelos de habitação específicos para PEA, articulando diferentes escalas e dirigindo-se não apenas a estas pessoas, mas também às suas famílias, aos profissionais e à comunidade.

É neste enquadramento que o programa ganha forma, estruturando-se inicialmente a partir da habitação, identificada como uma fragilidade no contexto das pessoas com PEA, mas revelando rapidamente a necessidade de integrar outras funções capazes de responder à complexidade das suas necessidades e de articular o edifício e os seus habitantes com a vida coletiva da cidade. Desta forma, define-se a divisão do programa em duas vertentes complementares: *suporte e acolhimento*, que se interligam e se cruzam permitindo a construção de diferentes níveis de vivências individuais e coletivas: “*E então tem lugar ali um jogo (...) entre as esferas do privado e do público*”.⁸⁴

Consequentemente, os primeiros traços são lançados, sem compromisso formal e definitivo, começando progressivamente a delinear um corpo contínuo no lugar a intervir, afirmando a ideia de unidade e evitando qualquer lógica de rutura. [Desenho 18-26]. Define-se uma implantação em U que, ao dobrar-se sem se fechar, organiza as relações espaciais e programáticas, ocupando o terreno e estabelecendo diferentes graus de exposição e proteção.

Neste contexto, os espaços de *Suporte* estabelecem um limite claro face à Avenida do Parque, enquanto os programas de *Acolhimento* se desenvolvem num interior progressivamente mais contido e protegido, expandindo-se pontualmente pelos interstícios definidos pelas pré-existências.

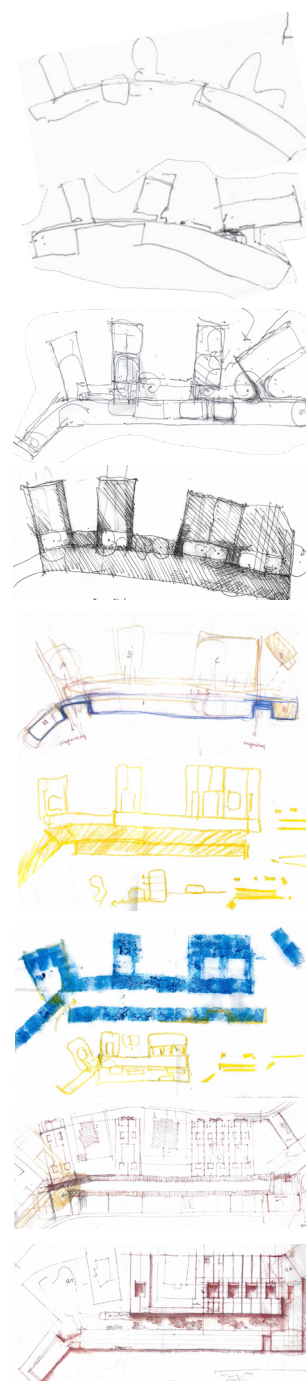
83. in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.3.

84. in Zumthor, P., & Grabow, A. (2006). *Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam*. Barcelona: Gustavo Gili. p.47.

[Des. 18;19;20;21;22;23;24;25;26]
Desenhos de pensamento. Evolução da implantação acompanhando o desenvolvimento do programa. Desenhos de técnica mista em diferentes escalas e formatos.

[Des. 27] Implantação sobre fotografia aérea.

0 20 40 80 m



Des.18
19
20
21
22
23
24
25
26

27

02.03

Longe de constituírem apenas uma limitação, estas reforçam a lógica de implantação, orientando a disposição dos volumes que rematam o conjunto e estabelecem ligações entre ruas, cotas e programas.

À cota baixa do volume tangente à Avenida do Parque, desenvolvem-se predominantemente programas de acesso público e coletivo que promovem a participação ativa na sociedade, valorizando as competências das pessoas com PEA, criando oportunidades de trabalho e contribuindo para a construção de relações e rotinas fundamentais para a autonomia. Neste sentido, a *Loja*, o *Café* e o *Refeitório* introduzem o encontro quotidiano, enquanto a *Sala de Workshop*, a *Sala Plana*, a *Sala de Música*, a *Oficina de Jardinagem* e a *Horta* se afirmam como espaços de aprendizagem e produção partilhada.

A diversidade programática proposta neste piso, assume-se como um complemento da oferta de serviços e comércio da área em que se inscreve, contribuindo para o reforço das dinâmicas locais e para a melhoria das condições de vida dos residentes do conjunto e da população envolvente.

*"Quando estes indivíduos se envolvem colectivamente na comunidade mais ampla, os espaços comunitários tornam-se mais acessíveis física e socialmente. Desde que possam escolher quando, onde e com quem participar, sentem-se mais capazes de confrontar lugares desconhecidos na companhia de outras pessoas com deficiência"*⁸⁵

À cota alta, em diálogo direto com a habitação, o ambiente torna-se mais contido, orientando-se para o *Pátio interior* e perdendo o carácter público. Neste nível situam-se espaços mais reservados, *Sala de Acompanhamento Familiar*, *Salas de Terapia Individual*, *Snoezelen*, *refúgio*, *sala de Terapia Ocupacional* e *Alpendre*, que integrados no quotidiano, se aproximam das dinâmicas do habitar.

No prolongamento desta lógica de apoio, a *Habitação Temporária* e o *Centro de Formação* assumem posições opostas no conjunto.

A norte, com acesso a partir da Rua António Aroso, a *habitação temporária* para familiares, educadores, terapeutas, etc., implanta-se na zona mais resguardada do terreno articulando-se com o conjunto através da galeria, que envolve o *Pátio Central*. Em oposição, o *Centro de Formação* afirma-se como um elemento de remate da empena existente a sul e assinala o início do conjunto na Rua António Aroso, para quem chega da Avenida da Boavista.

85. in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.53

SUPORTE 2715 m²**Piso 0**

S.1 Recepção e Loja;
S.2 Instalações Sanitárias;
S.3 Café;
S.4 Sala de Música;
S.5 Sala Plana;
S.6 Sala de Workshops;
S.7 Instalações Sanitárias;
S.8 Refeitório;
S.9 Oficina de Jardinagem;
S.10 Lixos e Zona técnica;
S.11 Garagem;

Piso 1

S.12 Zona de Espera;
S.13 Instalações Sanitárias e Chuveiros;
S.14 Salas de Apoio à Família;
S.15 Salas de Terapia Individual;
S.16 Zonas Técnica e Arrumos;
S.17 Snoezelen;
S.18 Refúgio;
S.19 Instalações Sanitárias;
S.20 Sala de Terapia Ocupacional;
S.21 Alpendre;
S.22 Horta;

RESIDÊNCIA TEMPORÁRIA 450 m²

S.23.0 Entrada Principal;
S.24 Ponte e Entrada Poente;
S.25 Quartos Partilhados;
S.26 Zonas Comuns;

CENTRO DE FORMAÇÃO 885 m²

S.27.0 Entrada pela Praça;
S.28 Recepção;
S.29 Salas de Formação;
S.30 Instalações Sanitárias;
S.31 Praça;

ACOLHIMENTO 5190 m²**Piso 0**

A.1 Sala de Apoio ao Pátio;

Piso 1

A.2 Anfiteatro;
A.3 Zona de Acesso à Praça;
A.4 Arrumo;
A.5 Lavandaria;
A.6 Varandas;
A.7 Simplex;
A.8 Duplex;

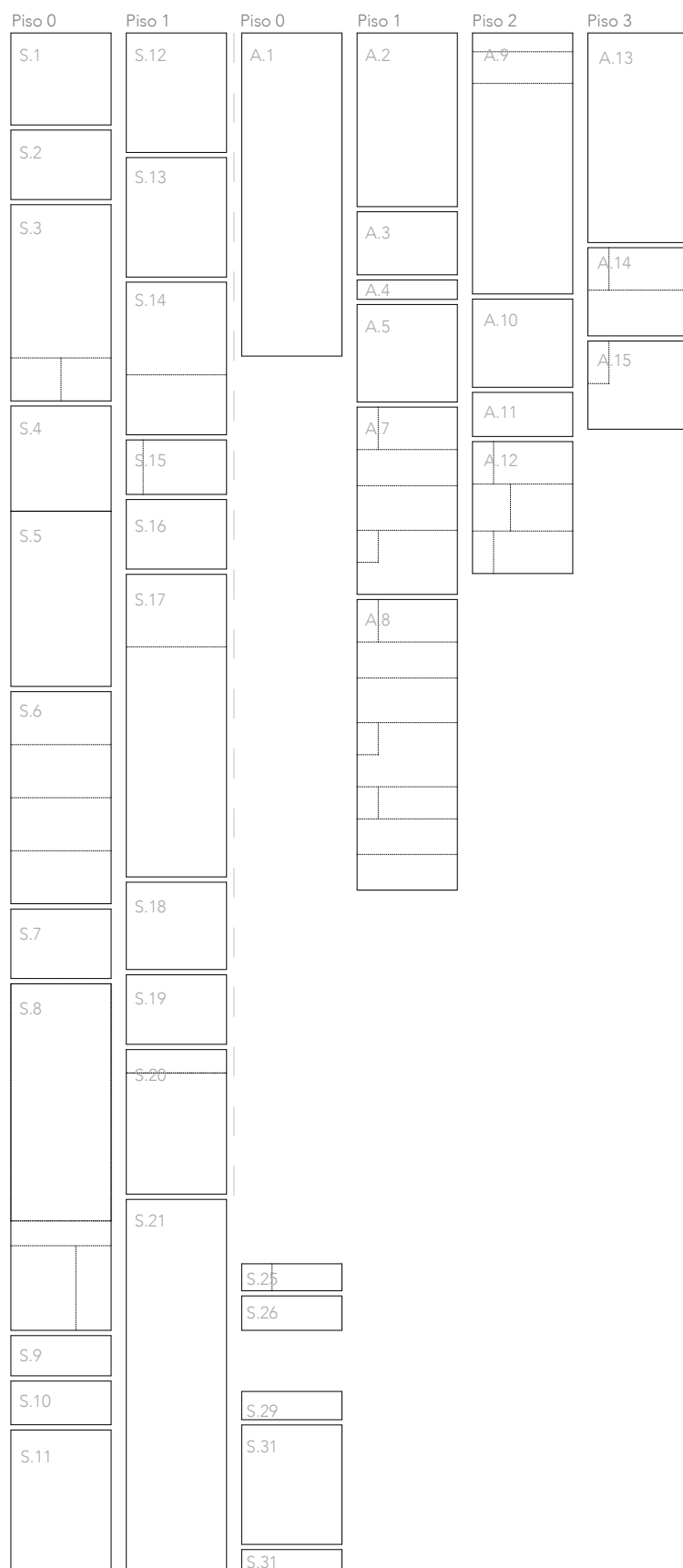
Piso 2

A.9 Administração;
A.10 Terraço;
A.11 Zona Técnica e Arrumos;
A.12 Coabitação;

Piso 3

A.13 Cozinha Comum;
A.14 Apartamento de Cuidadores;
A.15 Habitação Independente;

[Des. 28] Esquema de áreas d'A CASA.



Des. 28

02.03

O acesso, faz-se através de um espaço público coberto, que restabelece a conexão entre a Rua António Aroso e a Avenida do Parque, acompanhando o volume dos serviços administrativos.

Em contraste com esta dimensão mais pública e coletiva, os programas de *Acolhimento* organizam-se ao longo da Rua António Aroso e no interior do conjunto, articulando volumes e cotas. Propõem-se a criação de 27 fogos organizados em três níveis de autonomia, dispostos verticalmente, do acolhimento mais assistido ao mais autónomo - 10 em *Núcleo Familiar*, 8 em *Coabitação* e 9 em *Habitação Individual*, procurando responder à diversidade de necessidades e graus de autonomia associados ao espetro do autismo.

Esta distribuição traduz-se na diferença programática entre pisos e numa progressiva desvinculação dos espaços de *suporte* sendo o primeiro piso aquele que mantém uma relação mais direta, enquanto os pisos superiores se vão progressivamente autonomizando.

O que se propõem é uma multiplicidade de espaços de habitar, capazes de acolher o alargado espetro de possibilidades, relações e modos de vida das pessoas com PEA, acreditando que *"(...) não existe um protótipo único de habitação que funcione melhor para o vasto espetro de adultos autistas. A abordagem ideal seria ter um leque de opções residenciais disponíveis na comunidade."*⁸⁶

É através das galerias exteriores que o conjunto se une e se percorre, que para além de permitirem o acesso aos vários programas, funcionam como espaços de encontro quotidiano e espontâneo entre residentes. Ao longo do percurso, entre diferentes cotas, o Parque da Cidade acompanha as circulações, surgindo como presença constante de fundo.

Recusando lógicas de segregação entre pessoas com PEA e a restante comunidade, A CASA articula programas públicos e coletivos de suporte com espaços de acolhimento, procurando aproximar diferentes formas de viver e participar no quotidiano, respondendo às necessidades das pessoas com PEA. O conjunto constrói-se, assim, como um ambiente onde diferentes ritmos, necessidades e formas de relação podem coexistir naturalmente, entendendo a diversidade como parte integrante da vida coletiva e da própria cidade.

*"(...) ter variedade de espaços diferentes, cada um com o seu próprio nível de características estimulantes, permite que os residentes escolham os espaços que melhor se adaptam as suas necessidades."*⁸⁷

86. in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press, p.86.

87. in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press, p.53.

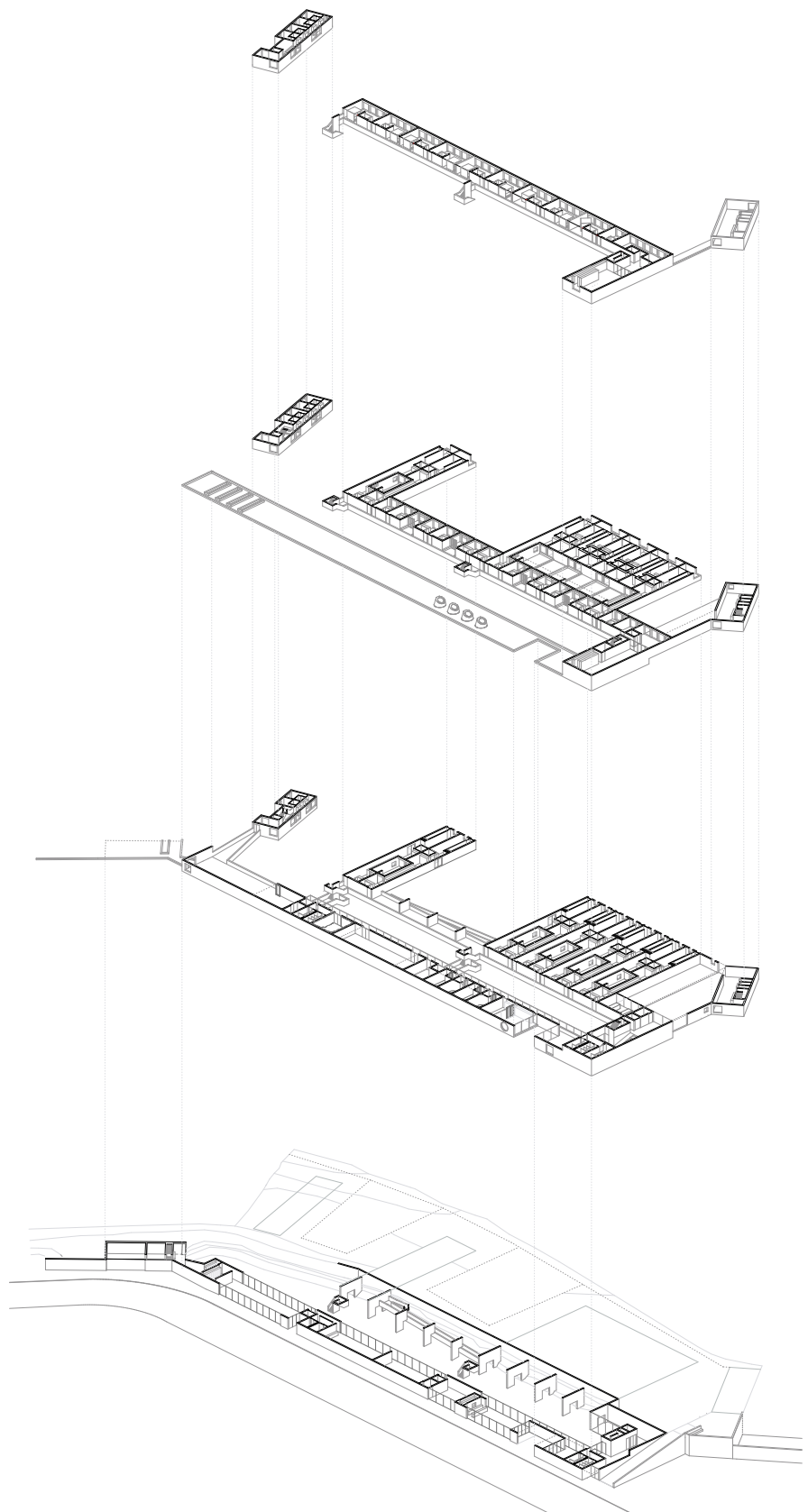
45.00
Programas de Acolhimento:
Habitação Independente

41.00
Programas de Acolhimento:
Cohabitação

38.00
Programas de Suporte
Programas de Acolhimento: Habita-
ção em Núcleo Familiar

34.00
Programas de Suporte

[Desenho 29] Axonometria de dis-
tribuição do Programa d'A CASA.
Escala 1.2000



O desenho do programa d'A CASA foi também influenciado por conversas realizadas com profissionais e familiares ligados à PEA. Participaram nestas conversas a psicóloga Bárbara Maia, que trabalhou na *Associação de Saúde Mental do Algarve*; a Professora de educação Especial Maria José Mestre, que atualmente acompanha crianças desde o pré-escolar até ao segundo ciclo; e os pais do Bernardo, uma criança de 12 anos com PEA. A possibilidade de reunir diferentes perspetivas permitiu uma aproximação mais sensível às necessidades espaciais associadas à PEA, contribuindo para uma melhor compreensão do quotidiano, das dificuldades e das formas de habitar destas pessoas.

Nas diferentes conversas surgiu repetidamente a preocupação com futuro e com a ausência de respostas capazes de acompanhar a vida adulta destas pessoas. Perante o aumento contínuo de diagnósticos, Bárbara Maia refere que *"já deviam existir muito mais soluções e respostas porque há efetivamente muito poucas"*, enquanto Maria José Mestre destaca a inquietação recorrente das famílias relativamente ao que acontecerá *"quando os pais já não estiverem cá"*. Ao mesmo tempo, a família do Bernardo revela dificuldade em imaginar formas de acompanhamento para além do contexto familiar, admitindo que *"pensar noutra solução é difícil"*. Através da experiência profissional de Bárbara Maia, tornou-se evidente o impacto que o ambiente familiar e o estímulo quotidiano podem ter no desenvolvimento cognitivo e na construção gradual da autonomia.

Para além da escassez de respostas, as conversas revelaram a necessidade de estruturas mais próximas da vida quotidiana e da relação com os outros. Como refere Bárbara Maia, nas soluções atuais *"é o mundo que vai até eles e não eles que vão até ao mundo"*, descrevendo contextos frequentemente marcados pelo isolamento. Nesse sentido, tanto a Psicóloga Bárbara Maia como a Professora Maria José Mestre destacam a importância de espaços de encontro e convivência - cafés, zonas de refeições partilhadas, atividades coletivas e contacto com a natureza - capazes de incentivar a socialização e aproximar as pessoas com PEA da vida coletiva.

Por fim, evidencia-se a importância da existência de espaços de refúgio, que permitam a regulação em situações de maior sobrecarga emocional ou sensorial. Na experiência profissional da Psicóloga Bárbara Maia, esse espaço materializava-se numa sala com almofadas; já no caso do Bernardo, o quarto surge como principal espaço de segurança, estabilidade e recolhimento.

Assim, as conversas contribuíram para construir o programa d'A CASA de forma mais sensível, concreta e próxima das realidades partilhadas.

[Fig.95] Três conversas realizadas com: Psicóloga Bárbara Maia [i], Professora Maria José Mestre [ii] e pais do Bernardo [iii], em maio de 2025, numa fase inicial da investigação, com o objetivo de compreender melhor diferentes perspetivas e experiências associadas à PEA. Desenvolvidas de forma informal e sem uma estrutura rígida, estas conversas permitiram uma aproximação inicial ao tema, sendo aqui transcritos os excertos mais relevantes para a construção do programa d'A CASA.

i Psicóloga Bárbara Maia

Após apresentar o tema... Cada vez há mais diagnósticos, não sabemos se por estar efetivamente a aumentar o autismo ou pelos diagnósticos serem cada vez mais fáceis. No entanto a questão da autonomia no futuro é a maior preocupação para os pais. Já deviam existir muito mais soluções porque há efetivamente muito poucas. Eles nas residências são excluídos de tudo, porque é o mundo que vai até eles e não eles que vão até ao mundo.

Em que instituição/local teve contacto com pessoas com PEA? *Trabalhei na AS-MAL, uma IPSS. Tem duas vertentes: um centro de dia e uma residência. Também é um centro de formação profissional, para reabilitar as pessoas para o mercado de trabalho, para a sociedade.*

Durante quanto tempo acompanhou crianças, jovens ou adultos com PEA nesse contexto? *Acompanhei durante 3 anos, entrei em 2019 - 2020, mas a associação não é só virada para o contexto do autismo.*

Qual era, de forma geral, o perfil dos jovens com quem trabalhou (idade, grau de autonomia, ligação familiar, etc.)? *Trabalhei com dois autistas, grau 3, severos. Um de 40 anos e outro de 49 anos. O de 49 anos morava na residência, a mãe era idosa e não tinha condições para cuidar dele. Mas atenção, que foi inscrito 10 anos antes para ter vaga agora, porque a assistente social, mal ele entrou para o fórum colocou-o na lista, percebendo as dificuldades que a mãe iria ter no futuro. O outro, vivia com a família, super estruturada, a mãe era professora e era o principal apoio e o grande estímulo para que ele evoluísse.*

Quais são as principais características espaciais que considera vantajosas, e quais os obstáculos que identifica nos espaços habitacionais ou institucionais destinados a pessoas com PEA? *Os autistas tem hipersensibilidade, à luz, ao cheiro, ao som... na residência eram usadas cores claras, e luzes indiretas. Uma das características más desta residência é o facto de outras deficiências desorganizarem muitas vezes a rotina dos autistas. Portanto, eu acho que um ambiente organizado é de extrema importância para não desregular. Existia ainda uma sala destinada a momentos de crise, com almofadas e elementos de pintura, embora achasse que apresentava excesso de estímulos visuais*

Que tipo de serviços ou programas considera indispensáveis num espaço para pessoas com PEA? *Acho que o que estimule o máximo da socialização entre eles, uma vez que eles já vivem dentro do mundo deles quase sempre. Cafés, sítios onde possam ter refeições disponíveis ou uma sala de Jogos. Tanto na residência como no Fórum, eles tinham atividades no exterior, é importante o convívio com o mundo externo, até para ganharem mais tolerância a coisas que não estão padronizadas para eles.*

ii Pais do Bernardo

Que idade tem o Bernardo? *O Bernardo tem 12 anos e frequenta o 6º ano.*

Como foi o processo de diagnóstico do Bernardo? Que idade tinha? *Ele tinha cerca de um ano e meio, dizia algumas palavras e depois deixou de dizer. No início pensamos que podia ser relacionado com a audição, mas fizemos os despistes. Foi nessa altura que procurei a intervenção precoce. A partir daí começou a falar-se em autismo.*

Já sentiram necessidade de pensar na possibilidade de uma residência ou outro tipo de solução habitacional no futuro? *Se sim, Porquê?* *O Bernardo agora vive conosco. Pensar noutra solução é difícil... claro que se houver essa possibilidade, até arriscamos, mas depende muito do background. Por agora tem-nos a nós e ao irmão.*

Quais são, na sua opinião, as características espaciais mais importantes que uma casa ou residência deveria ter para o Bernardo? *Ele sente-se bem em casa tal como ela se organizava antes de nascer, por isso não fizemos alterações. Mas numa residência penso em quintas pedagógicas, piscinas, hortas... Os animais são uma coisa mesmo muito boa para eles.*

Já teve experiências negativas ou dificuldades com espaços (habitação, escola, serviços, instituições) que não estavam adaptados às necessidades do Bernardo? *Pode partilhar exemplos?* *As escadas são um grande problema para o Bernardo, que tem muita dificuldade, especialmente em descer. Ele tem muitas dificuldades motoras. Por outro lado, o elevador, por estranho que pareça, é super pacífico para ele.*

O que pensa da ideia de uma habitação pensada desde o momento do diagnóstico, capaz de acompanhar a evolução da pessoa com PEA ao longo da vida, promovendo bem-estar, segurança, autonomia e permitindo simultaneamente a proximidade e participação da família? *Sim, faz todo o sentido. Tem de ser tudo pensado com base na rotina e na previsibilidade. Acredito mesmo que a arquitetura pode ajudar.*

Em momentos de maior desregulação emocional ou sensorial, que tipo de espaços ajudam o Bernardo a acalmar? *O quarto é o refúgio dele. Fecha-se muito lá dentro. Gosta mesmo de estar em casa.*

Na sua opinião, que aspetos do espaço, a nível físico, sensorial e social, considera mais críticos para que o modelo habitacional funcione? *Por exemplo, as torneiras, para o Bernardo seria muito mais simples, duas torneiras, ele percebe que o frio é o azul e o vermelho o quente. Tal como se o fogão fosse por cores e não por números. Pequenas coisas que facilitariam a autonomia dele.*

iii Professora Maria José Mestre

Em que instituição/local teve contacto com pessoas com PEA? *Atualmente trabalho no Cartaxo, com crianças desde o pré-escolar até ao segundo ciclo.*

Durante quanto tempo acompanhou crianças, jovens ou adultos com PEA nesse contexto? *Tenho mais de 16 anos de experiência e acompanhei várias crianças e jovens com diferentes níveis de espetro do autismo.*

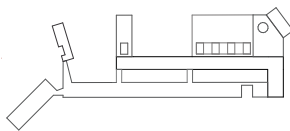
Qual era, de forma geral, o perfil dos jovens com quem trabalhou (idade, grau de autonomia, ligação familiar, etc.)? *Principalmente crianças pequenas, em idade pré-escolar. O grande desafio nesta fase é o processo de aceitação por parte das famílias. Muitas vezes, os pais demoram a aceitar o diagnóstico, o que atrasa o início das terapias e compromete o desenvolvimento da criança. Até aos 18 anos, as crianças e jovens permanecem na escola, mas depois disso não têm para onde ir. A grande preocupação é o futuro, quando os pais já não estiverem cá, o que vai acontecer?*

Quais são as principais características espaciais que considera vantajosas, e quais os obstáculos que identifica nos espaços habitacionais ou institucionais destinados a pessoas com PEA? *Há vários aspetos importantes. O chão pode ser um obstáculo, a madeira, por exemplo, é má, porque eles batem muito os pés e o som incomoda. Evitar superfícies com ruído. Outros aspetos incluem, evitar luz direta; preferir iluminação indireta e suave. Pontas arredondadas nas mesas e mobiliário. Isolamento acústico é crucial. Campanhas, barulhos altos, são extremamente perturbadores. Espaços de fuga ou de refúgio são essenciais para acalmar. A casa deve ser sensorialmente cuidada: texturas, cheiros, sons. Varandas amplas, com possibilidade de plantar, um ótimo estímulo sensorial.*

Que tipo de serviços ou apoios considera indispensáveis num espaço deste tipo? *Acho que o mais importante é tudo o que promova a socialização, porque eles já vivem muito, é importante puxá-los para fora. Um pequeno café, por exemplo, ou uma zona de refeições partilhadas, pode ser ótimo. Atividades com a natureza - hortas comuns, onde possam mexer na terra, sentir texturas, cheiros, cultivar algo.*

Na sua opinião, que aspetos do espaço, a nível físico, sensorial e social, considera mais críticos para que o modelo habitacional funcione? *O isolamento (acústico e visual) é fundamental. As luzes têm de ser indiretas, suaves. Evitar ao máximo estímulos visuais ou sonoros em excesso. É preciso criar zonas sensoriais, espaços de calma, e adaptar tudo para que eles se sintam seguros. Quanto mais previsível e organizado for o espaço, melhor. A incerteza é o que mais os desregula. No exterior, seria ótimo haver: Ciclovias; Água (fontes, tanques, pequenos lagos); Baloiços; Barras de apoio; Música; Piscina; Horta; Quinta com animais.*

02.



Área Total do Terreno: 8500 m²
 Área Total Implantação: 4300 m²
 Área Total d'A CASA: 9240 m²

Programa de Acolhimento 5190m² (56%)

28 fogos: 3660 m²

Espaços Coletivos: 1430 m²

Programas de Suporte 2715 m² (30%)

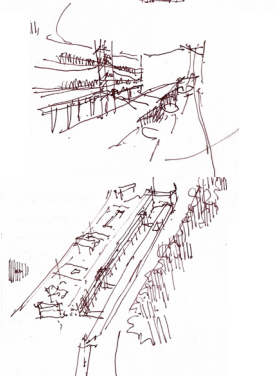
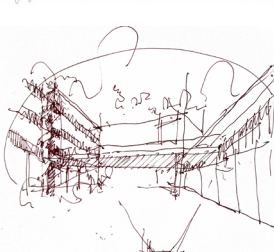
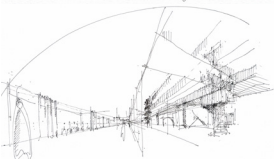
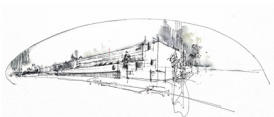
Encontro: 1450 m²

Apoio: 2600 m²

Programas de Suporte: 1335 m² (14%)

Residência Temporária: 450 m²

Centro de Formação: 885 m²

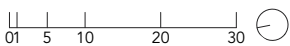


[Desenho 30] Esquissos de estudo da d'A CASA.

[Planta 1] Implantação.

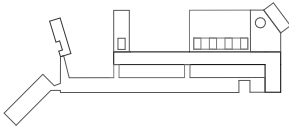
Escala 1.1000

41.167914, -8.670914





02.



[Maquete 2] Maquete de estudo
à escala 1.500. Setembro, 2025

[Maquete 3] Maquetes de estudo
à escala 1.500. Janeiro, 2026

[Maquete 4] Maquete de estudo
à escala 1.500. Abril, 2026



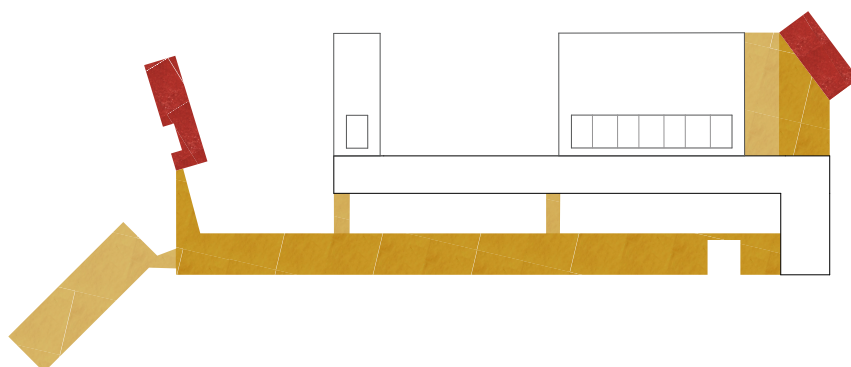


Maq.1 Maq.4
Maq.3 Maq.4
Maq.3



03

SUPOORTE



As relações sociais constituem um dos aspetos mais sensíveis para pessoas com PEA, dependendo o seu desenvolvimento da exposição progressiva a contextos estruturados. Neste sentido, propõe-se a criação de um conjunto de programas de uso coletivo de acesso público esporádico, que assegurem apoio contínuo e promovam a convivência, complementando a oferta local de serviços para a comunidade.

Pretende-se que o conjunto se abra de forma generosa à cidade, assumindo-se como um espaço que contribui para a dinamização da vida coletiva, criando condições para diferentes formas de participação e convivência. O contacto com diferentes gerações, contextos e perspetivas⁸⁸ permite a construção de uma experiência partilhada e contribui para evitar o isolamento através de espaços que promovem oportunidades concretas de envolvimento quotidiano e que evitem deslocamentos recorrentes.⁸⁹ Aprender com o outro, observar diferentes formas de estar, partilhar tarefas ou simplesmente fazer companhia constroem um ponto de encontro, onde há a *"(...) oportunidade de se envolver em atividades significativas, proporcionando à pessoa um sentido de propósito, além de satisfação pessoal, confiança e autonomia"*.⁹⁰

Desenhados à cota baixa, a Sala de Apoio ao Pátio (A.1); Receção e Loja (S.1), o Café (S.3), a Sala de Música (S.4), a Sala Plana (S.5), a Sala de Workshops (S.6), o Refeitório (S.8), Oficina de Jardinagem (S.9) e a Horta (S.22), estabelecem uma relação franca com o exterior d'A CASA. Estes espaços, contaminados pelas dinâmicas do Parque da Cidade e pelos movimentos da Avenida da Boavista, integram programas que fomentam relações de apoio, espaços de aprendizagem e oportunidades de inserção na sociedade, correspondendo aos espaços de maior estimulação sensorial, a que chamaremos *estimulação comportamental*. Os movimentos exteriores da vizinhança - que caminha para o parque, regressa ao fim do dia ou simplesmente atravessa a avenida - cruzam-se e prolongam-se para o interior, onde a convivência pode ser observada, experimentada ou acompanhada à distância, respeitando diferentes níveis de participação e conforto social.

Participar num workshop⁹¹; beber um café; assistir a uma peça de teatro, almoçar acompanhado ou passar algum tempo entre desconhecidos são ações que estruturam o quotidiano coletivo. Neste ambiente diferentes ritmos são absorvidos ao longo do dia, acreditando que *"o envolvimento e a participação na comunidade permitem que os indivíduos tenham um sentimento de pertença e uma melhor qualidade de vida"*⁹². Nesta lógica, o programa das ações comunitárias estrutura-se em dois campos complementares - encontro *regular* e encontro *pontual* - articulando formas distintas de participação e fruição.

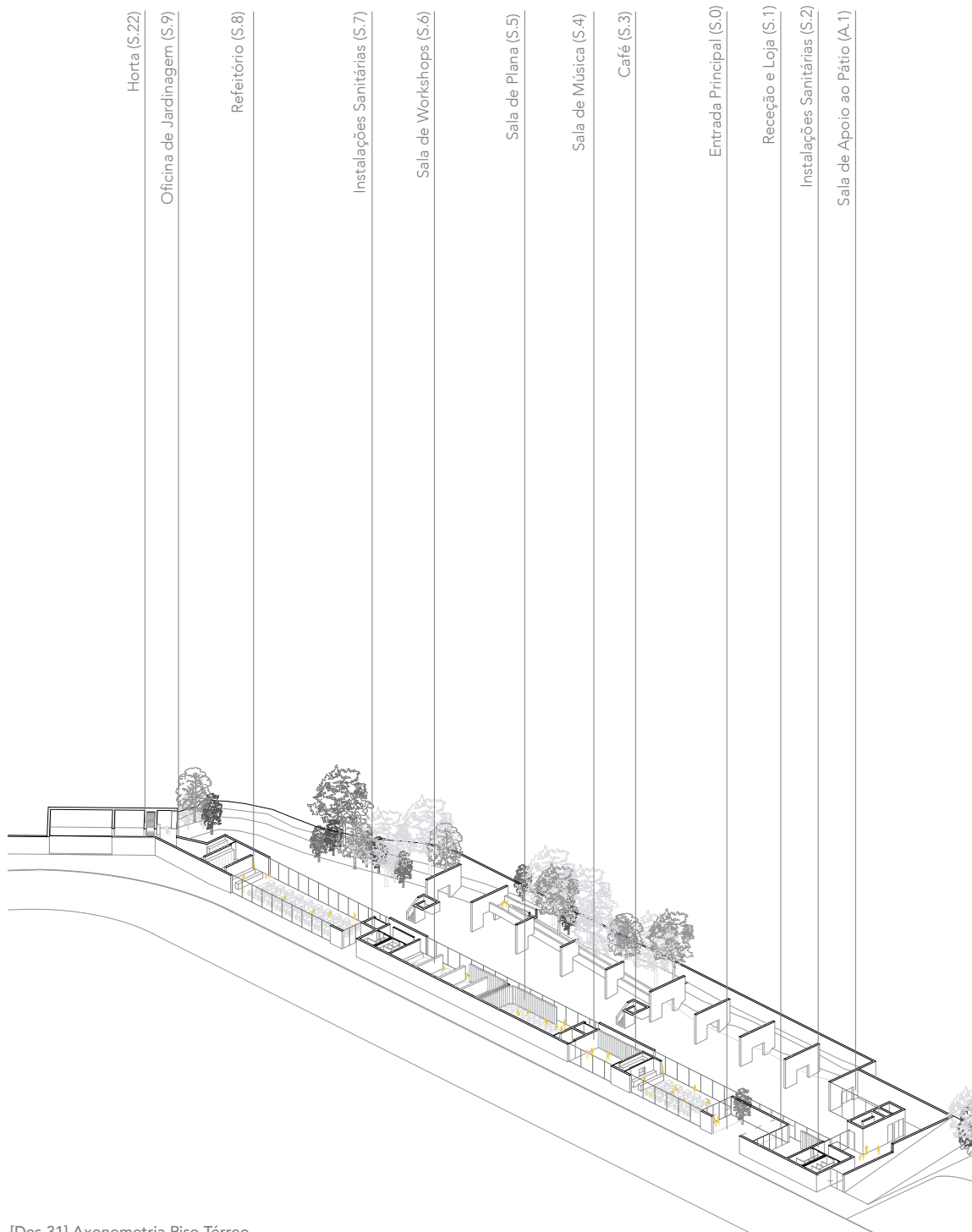
88. "Não só a equipa de especialistas que conhece a situação, mas também o potencial envolvimento das pessoas da comunidade onde o projeto será implementado, especialmente em projetos habitacionais, podem ajudar a educar e a promover a inclusão". Álvarez, A. (2020). Design handbook for autism. in https://issuu.com/andreaalvarez083/docs/some_pages_test. p.82.

89. "(...) participar em atividades comunitárias quando desejado cria uma interação social mais significativa do que situações onde os residentes devem viajar para eventos e atividades que ocorram ocasionalmente" in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). At home with autism: Designing housing for the spectrum. Bristol: Policy Press, p.90.

90. in Ahrentzen, S., & Steele, K. (2016). At home with autism: Designing housing for the spectrum. Bristol: Policy Press, p.90.

91. "Os ambientes residenciais para adultos com PEA podem incluir atividades em formato workshop, que criam oportunidades de integração da comunidade local. Além disso, isto pode proporcionar rotina e hábitos de trabalho à medida que avançam para a vida independente". Álvarez, A. (2020). Design handbook for autism. in https://issuu.com/andreaalvarez083/docs/some_pages_test. p.83.

92. in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). At home with autism: Designing housing for the spectrum. Bristol: Policy Press, p.83.



[Des.31] Axonometria Piso Térreo.

Des. 31

O primeiro contacto com A CASA acontece na aproximação pela Avenida do Parque. Ao percorrer o volume de *Suporte*, que acompanha o limite do terreno e a extensão da Avenida, os diferentes acessos revelam-se progressivamente: a Entrada Principal (S.0), a poente, mais ampla e marcada por um recuo no volume; uma Entrada Secundária associado ao *Acolhimento* (A.0), de utilização ocasional; a Entrada Controlada do Refeitório (S.8.0); e, por fim, a Entrada de Serviço ligado à Garagem (S.11.0).

Entra-se para o conjunto de espaços de encontro d'A CASA pela Entrada Principal que marca a transição entre o espaço amplo e imprevisível do exterior e um espaço mais contido, onde os limites e a escala se tornam definidos. Ainda assim, a agitação da Avenida prolonga-se: as pessoas continuam em movimento e o ruído mantém-se, como se o ritmo da cidade persistisse no interior. Neste ambiente, sons, cheiros, sabores, imagens, texturas e movimentos sobrepõem-se continuamente, construindo uma atmosfera coletiva de maior intensidade, onde a experiência do espaço resulta do cruzamento constante de percursos, relações e presenças. À direita, na Entrada Principal, a **Receção** (S.1) funciona como primeiro ponto de chegada, articulando os espaços de *Suporte* e *Acolhimento*. Integrada neste mesmo espaço, a **Loja** (S.1) reúne o que é produzido e partilhado n'A CASA - peças desenvolvidas nos workshops, bilhetes para espetáculos, frutas e legumes da horta - tornando-se o primeiro sinal da vida coletiva do edifício. Também a esta cota localizam-se dois dos principais espaços de encontro quotidiano - o Café e o Refeitório - que articulam convivência, autonomia e oportunidades de participação, e emprego para as pessoas com PEA.

O **Café** (S.3), no lado oposto à *Loja*, é o espaço de socialização mais intenso: ouvem-se portas a abrir e a fechar, Cubos a arrastar e conversas que se cruzam, enquanto a luz atravessa o espaço pelas duas fachadas. Voltado para o Parque, permite diferentes formas de permanência: observar quem percorre o passeio largo do outro lado da Avenida, tomar algo mais rápido ou permanecer no interior, admitindo diferentes ritmos e diferentes graus de envolvimento, onde a possibilidade de decidir como e quando estar se torna, em si, um exercício de autonomia. Enquanto se preparam bebidas e pequenos bolos, os balcões do Café tornam-se também espaços de aprendizagem e trabalho quotidiano. O Café integra um sistema de trabalho assistido onde o espaço funciona como estrutura pedagógica, e onde se exercitam rotinas, responsabilidades e competências associadas à vida independente, promovendo a integração social de forma progressiva e acompanhada, à semelhança do que acontece no filme *La Belle Etincelle*. [Fig. 96-99]



[Fig. 96] Frame do filme: *La Belle Étincelle* (2023), realizado por Hervé Mimran. França. Min. 00:40:11. O filme *La Belle Étincelle* acompanha o quotidiano de um restaurante onde trabalham jovens com dificuldades cognitivas. Neste cena, o menu organizado por cores facilita a leitura e a identificação dos pedidos.

[Fig. 97] Frame do filme: *La Belle Étincelle* (2023), realizado por Hervé Mimran. França. Min. 00:25:00. A cozinha abre-se diretamente para a sala, eliminando barreiras físicas e visuais e estabelecendo uma continuidade espacial entre preparação e consumo.

[Fig. 98] Frame do filme: *La Belle Étincelle* (2023), realizado por Hervé Mimran. França. Min. 00:20:00. O tapete, colocado no limiar entre a cozinha e a sala, introduz um obstáculo inesperado no percurso, interrompendo a continuidade do movimento. Este elemento, aparentemente secundário, condiciona a circulação e evidencia como pequenas alterações no espaço podem comprometer a fluidez e a legibilidade dos percursos.

[Fig. 99] Frame do filme: *La Belle Étincelle* (2023), realizado por Hervé Mimran. França. Min 00:28:00. A cozinha, voltada para a rua, recebe luz natural direta e estabelece uma relação visual contínua com o exterior.



96
97
98
99

03.01.01

Se por um lado o Café intensifica o contacto espontâneo e a imprevisibilidade do quotidiano coletivo, o **Refeitório** (S.8) associa-se a formas mais estáveis de permanência, partilha e cuidado. Localizado no extremo oposto do Piso Térreo, assume-se como uma extensão da vida doméstica. Para alguns habitantes, cuja preparação de refeições representa um desafio quotidiano, este espaço torna-se particularmente importante, permitindo que as refeições aconteçam diariamente num contexto de apoio e partilha.

Para além de contribuir para o conforto e bem-estar das pessoas com PEA, a Entrada Controlada (S.8.0) permite que este espaço funcione de forma autónoma e aberto à cidade, podendo acolher pessoas idosas, pessoas em situação de maior isolamento ou com dificuldades nas rotinas quotidianas em regime contido de acesso.

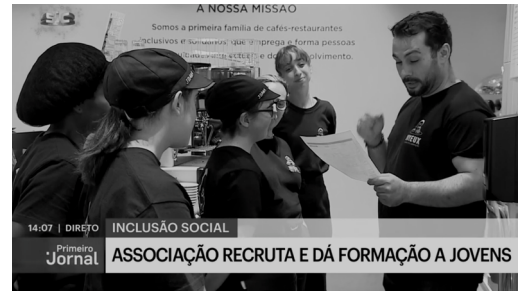
À volta da mesa [Fig.104 -106], as diferentes possibilidades de disposições e formas de permanência promovem o encontro entre gerações, ritmos e formas de habitar. Para além disso, a Cozinha do Refeitório (S.8.3) estabelece uma relação direta com as escadas que levam à **Horta** (S.22), onde são cultivados legumes utilizados diariamente, permitindo o acompanhamento do percurso desde a plantação à confecção, reforçando uma relação consciente e participativa no ato de cozinhar e comer. Simultaneamente aberto para o pátio, o Refeitório ambiciona que em dias de maior calor seja possível fazer refeições no exterior, numa relação direta com o espaço verde.

Tal como no Café, o Refeitório incorpora um modelo de emprego apoiado, respondendo às dificuldades persistentes de integração das pessoas com PEA no mercado de trabalho e assumindo a formação e participação profissional como parte integrante do quotidiano do edifício⁹³. Esta abordagem aproxima-se de experiências já existentes como o **Café Joyeux** [Fig.100-102], iniciado em França em 2017, que criou os primeiros cafés-restaurantes concebidos como espaços de inclusão profissional estruturada para pessoas com dificuldades intelectuais e do desenvolvimento. Através de uma rede de acompanhamento composta por terapeutas ocupacionais, cozinheiros e tutores, cada pessoa assume diferentes funções - bar, caixa, cozinha ou serviço de sala - de acordo com as suas capacidades e ritmos⁹⁴. Também a iniciativa *Teatro dos Sonhos* [Fig.103], pastelaria criada em Vizela, Portugal, assume a restauração como plataforma de capacitação para jovens com deficiência, onde o trabalho é entendido como processo formativo.

O Refeitório e o Café afirmam-se como lugares de partilha, de construção de relações e de apoio, transformando o quotidiano dos habitantes e da comunidade envolvente.

93. "Em Portugal, as pessoas com deficiência continuam a enfrentar desafios significativos quando se trata de integração no mercado de trabalho. A taxa de desemprego entre este grupo é consideravelmente mais alta, e muitas dessas pessoas estão em situação de desemprego de longa duração." SIC Notícias. (2025). Pastelaria Teatro dos Sonhos em Vizela promove inclusão de jovens com deficiência no mercado de trabalho. SIC Notícias in <https://sicnoticias.pt/pais/2025-12-04-video-associacao-da-oportunidades-reais-de-trabalho-a-dezenas-de-jovens-com-deficiencia-cc6968ea>

94. "A principal ambição é colocar a diferença no coração das nossas cidades e das nossas vidas, potenciar o encontro num meio comum e propor trabalho a pessoas afastadas do meio laboral. O nosso Café pretende construir um modelo sustentável e fazer da diferença uma força.". A marca Café Joyeux chegou a Portugal em 2021, através da Associação VilacomVida, com espaços em Lisboa, Porto e Cascais, contando atualmente com seis cafés no país. O projeto tem vindo a expandir-se internacionalmente, estando presente em França - onde possui 19 cafés-restaurantes - bem como em Bruxelas e Nova Iorque. in Café Joyeux. <https://pt.cafejoyeux.com/>



[Fig. 100; 101] Café Joyeux, Porto, Portugal, Fotografia da Autora, Fevereiro, 2026.

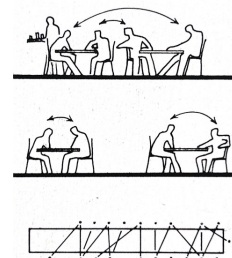
[Fig. 102] Imagem da reportagem: Sobral, M., Sotto Mayor, J., & Carvalho, F. "Associação dá oportunidades reais de trabalho a dezenas de jovens com deficiência". Emitida no Jornal da Noite, SIC Notícias, 4 de dezembro de 2025. Min. 00:00:58 in <https://sicnoticias.pt/pais/2025-12-04-video-associacao-da-opportunidades-reais-de-trabalho-a-dezenas-de-jovens-com-deficiencia-cc6968ea>

[Fig. 103] Imagem da reportagem "Inclusão em Vizela". Emitida no Jornal da Noite, SIC Notícias, 30 de dezembro de 2025. Min 00:00:06 in <https://sicnoticias.pt/pais/2025-1-2-30-video-pastelaria-teatro-dos-sonhos-em-vizela-promove-inclusao-de-jovens-com-deficiencia-no-mercado-de-trabalho-35760f5d>

[Fig. 104] Banquetes do Estado, Windsor Castle in Hertzberger, H., & Kirkpatrick, J. (2000). *Space and the Architect : Lessons in Architecture 2*. Rotterdam: 010 Publishers. p.154.

[Fig. 105] *Communication at Table*. in Hertzberger, H., & Kirkpatrick, J. (2000). *Space and the Architect : Lessons in Architecture 2*. Rotterdam: 010 Publishers. p.154.

[Fig. 106] Paris. in Hertzberger, H., & Kirkpatrick, J. (2000). *Space and the Architect : Lessons in Architecture 2*. Rotterdam: 010 Publishers. p.154.



100 102
101 103
104
105
106

Em determinados espaços d'A CASA incorporam-se dispositivos específicos que procuram responder de forma mais direta às necessidades sensoriais das pessoas com PEA.

O primeiro dispositivo, a **Mesa** aproxima-se da escala do corpo influenciando a forma como cada pessoa participa e permanece no espaço coletivo. É nela que o encontro se torna possível, "(...) *uma superfície elevada para dispor objetos e para nos sentarmos à sua volta, uma praça elementar, uma superfície para tudo o que acontece entre aqueles que se sentam à sua volta*"⁹⁵. Dependendo da sua configuração [i;ii;iii], a mesa influencia diretamente o modo como as relações se estabelecem: demasiado comprida pode diluir o convívio e dificultar a concentração; quando fragmentada, podem formar-se *ilhas isoladas*, onde cada um permanece voltado para si. Numa pequena escala, "(...) *expressa o sentimento de união, ou talvez a falta dele*."⁹⁶

No contexto da PEA, a organização destas proximidades assume particular importância⁹⁷, uma vez que a intensidade das interações sociais, a exposição ao outro e a quantidade de estímulos envolventes influenciam diretamente os níveis de conforto, concentração e autorregulação sensorial.

Inspiradas nas mesas de Alvar Aalto [107; 108] e Álvaro Siza [109; 110], desenham-se mesas desdobráveis [Des. 34] compostas por um tampo quadrado de 0,80 x 0,80 m e três abas móveis de 0,40 m. A utilização da madeira introduz uma materialidade quente, enquanto a superfície colorida que percorre subtilmente o tampo de linóleo reforça o caráter lúdico e facilita a identificação das mesas no espaço coletivo.

Na sua configuração base com as abas recolhidas [a] funcionam como mesas individuais, definindo um espaço de utilização claro. A possibilidade de fechar as em torno da pessoa com PEA [b] cria uma situação mais resguardada e contida, reduzindo estímulos visuais e reforçando a sensação de proteção e controlo sobre o espaço envolvente. A abertura sucessiva das abas [c; d] permite ampliar progressivamente a superfície e articular diferentes mesas entre si, criando disposições e níveis variáveis de contacto com os outros.

Através desta possibilidade a Mesa permite diferentes graus de exposição ao longo do dia e da vida, acompanhando a evolução das diferentes necessidades sensoriais.

Presentes no Refeitório e no Café, estas mesas podem contaminar outros espaços d'A CASA, adaptando-se a diferentes usos e programas.

95.Hertzberger, H., & Kirkpatrick, J. (2000). *Space and the architect : lessons in architecture 2*. Rotterdam: 010 Publishers. p.154.

96.Hertzberger, H., & Kirkpatrick, J. (2000). *Space and the architect : lessons in architecture 2*. Rotterdam: 010 Publishers. p.154.

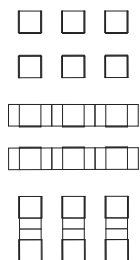
97. "O Refeitório do Autreat talvez seja o exemplo perfeito desse fenómeno. É um estereótipo comum que pessoas autistas, em situações de refeições em grupo, sentam-se sozinhas, o mais longe possível das outras pessoas. E, de facto, há pessoas que optam por sentar-se sozinhas no refeitório do Autreat, ou por levar as refeições para um local mais reservado (...) Mas também há pessoas no Autreat que não apenas escolhem sentar-se juntas, como também se aglomeram para acomodar mais gente em volta de uma mesa do que aquelas para a qual ela foi projetada (...) Já vi isso acontecer repetidas vezes, com várias pessoas, até que dez pessoas - a maioria ou todas autistas - fiquem amontoadas em volta de uma mesa que foi feita para seis." in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press, p.59.



[Fig. 107; 108] Mesa dobrável, 1933-35, Alvar Aalto. (71 x 60 x 115 cm) in <https://www.artek.fi/en/products/aalto-table-foldable>

[Fig. 109; 110] Mesa Casa de chá da Boa Nova, 1960, Álvaro Siza. (70 x 250 x 142 cm) in <https://www.wright20.com/auctions/2021/03/design/214>

[Des. 32] Esquema com possíveis configurações.



i

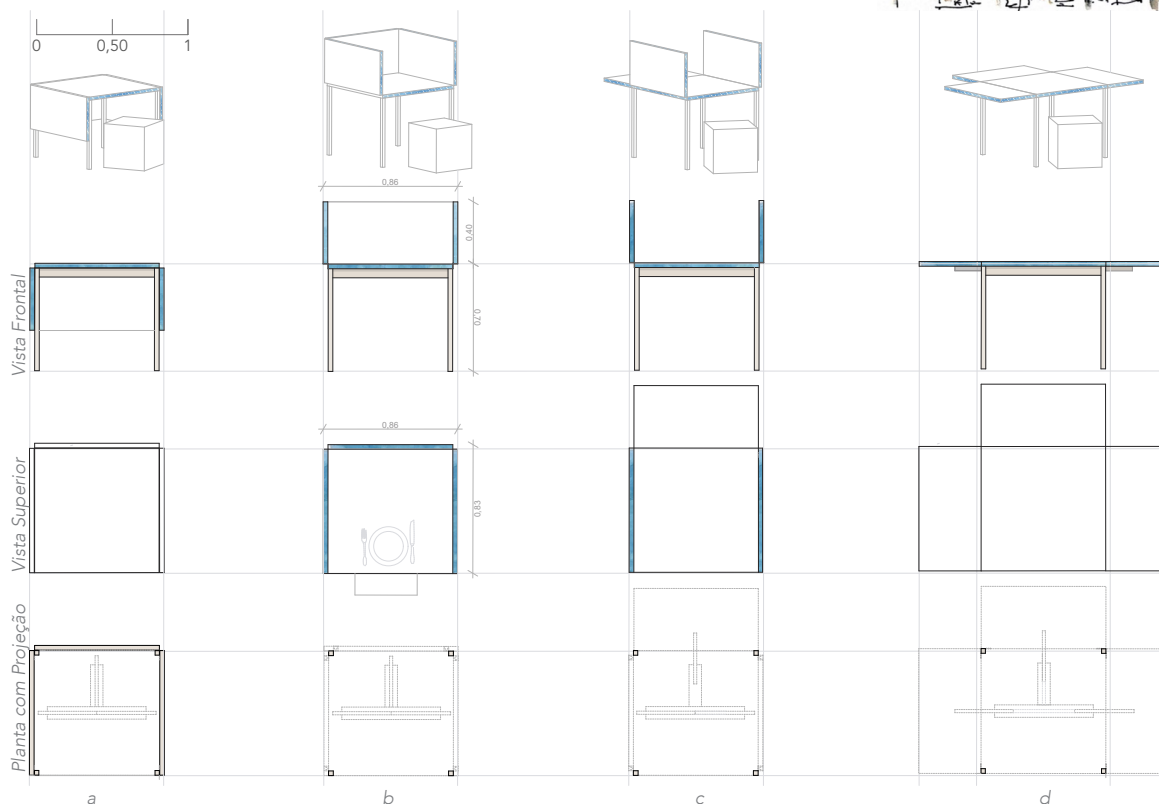
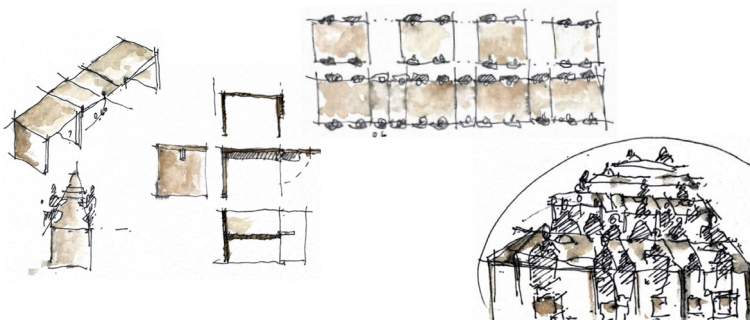
ii

iii



[Des.33] Estudos sobre a mesa.

[Des. 34] O desenho da mesa. Estrutura em madeira de bétula; tampo em contraplacado folheado de bétula, revestido a linóleo branco, com perfil em linóleo colorido - azul, verde, lilás, laranja, amarelo ou vermelho. Sistema articulado através de dobradiça *vaivém* encastrada, permitindo diferentes configurações e posições de utilização.



107 108
Des.32 109 110
Des.33
Des.34

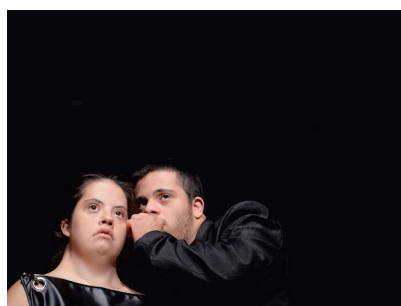
Se num primeiro momento os espaços d'A CASA privilegiam situações de *encontro regular*, associadas à permanência e à presença quotidiana do outro, os espaços de *encontro pontual* organizam-se em torno de atividades diversas que orientam outras formas de participação coletiva.

Neste contexto, a aproximação deixa de acontecer em grupos alargados, passando a apoiar-se em ações partilhadas que, para muitas pessoas com PEA, reduzem a pressão social e permitem que a proximidade se construa de forma mais gradual e confortável. Mantendo um carácter coletivo e de acesso a utilizadores internos e externos, os espaços de encontro pontual materializam-se também no piso térreo, integrando-se na continuidade do percurso iniciado na Entrada Principal. A Sala de Música (S.4), a Sala Plana (S.5), as Sala de Workshops (S.6), a Oficina de Jardinagem (S.9), a Horta (S.22) e o Pátio Central, introduzem diferentes formas de participação no quotidiano, permitindo que cada habitante encontre atividades ajustadas aos seus interesses e formas de estar. Assumem-se como lugares de aprendizagem mútua, onde o conhecimento e as capacidades das pessoas com PEA podem ser partilhados e valorizados com a comunidade.

Na sequência do Café, a **Sala de Música (S.4)** surge como um espaço dedicado a aulas, ensaios e participação coletiva através da música. Para as pessoas com PEA, a *musicoterapia*⁹⁸ assume-se como uma importante forma de comunicação e expressão, promovendo competências verbais e não verbais e auxiliando processos de regulação emocional através do ritmo e do som. A proximidade ao Café prolonga a atividade sonora para os espaços adjacentes, tornando a música parte do ambiente quotidiano d'A CASA. Projetos como os *The Ziguais* [Fig.111;112], banda de jovens e adultos com PEA desenvolvida pela APPDA Lisboa desde 2002, demonstram como a música pode assumir-se como forma de expressão, comunicação não verbal e participação ativa na vida cultural.

Ligada diretamente à Sala de Música, a **Sala Plana (S.5)** surge como uma extensão desta experiência, acolhendo outras formas de expressão associadas ao corpo, ao movimento e ao cinema. Pensada para acolher diferentes usos ao longo do tempo - hoje teatro, amanhã dança, noutro dia cinema - a sala adapta-se continuamente, seja através da disposição dos bancos cúbicos, seja através da configuração dos seus limites por meio de cortinas, que a tornam mais escura e acusticamente resguardada. Esta dimensão encontra paralelo no projeto *Dançando com a Diferença* [Fig. 113-115], que surge em 2001 na Região Autónoma da Madeira.

98. A definição de musicoterapia segundo a *World Federation of Music Therapy*: "A musicoterapia consiste na utilização profissional da música e dos seus elementos como forma de intervenção em contextos médicos, educativos e quotidianos, dirigida a indivíduos, grupos, famílias ou comunidades, com o objetivo de promover a qualidade de vida e melhorar o bem-estar físico, social, comunicativo, emocional, intelectual e espiritual." in *World Federation of Music Therapy. Who We Are*. in <https://www.wfmt.info/about#who-we-are>



[Fig. 111; 112] The Ziguais, Banda da APPDA Lisboa. in <https://www.appda-lisboa.org.pt/theziguais>

[Fig. 113] Dançando com a Diferença. in <https://danca-inclusiva.com/noticia/97/dancando-com-a-diferenca-parte-em-digressao-europeia>

[Fig. 114] Dançando com a Diferença, 2022 "François Chaignaud - Blasons". Imagem de autoria de Júlio Silva Castro no Teatro Municipal do Porto. in <https://www.teatro-municipaldoporto.pt/pt/programa/francois-chaignaud-tania-carvalho-dancando-com-a-diferenca-blasons-doesdicon>

[Fig. 115] Dançando com a Diferença, 2024, "Dançando com a diferença parte em digressão europeia". in <https://danca-inclusiva.com/noticia/97/dancando-com-a-diferenca-parte-em-digressao-europeia>



111
112
113
114
115

03.01.02

Este projeto tem como objetivo juntar pessoas com e sem deficiência a dançar, pretendendo *"(...) modificar a imagem social das pessoas com deficiência e conquistar espaços para a diversidade humana no universo profissional das Artes Contemporâneas."*⁹⁹

Na continuação desta perspetiva, propõe-se a **Sala de Workshops** (S.6) como um grande espaço flexível capaz de acolher diferentes práticas de trabalho - cerâmica [Fig.119], pintura [Fig.116-118; 120], escrita, informática, entre outras. Organizado em quatro espaços articuláveis entre si, permite diferentes formas de utilização e hierarquização de atividades ou modos de apropriação. Através do mobiliário móvel os espaços podem aproximar-se, separar-se ou abrir-se completamente, oferecendo diferentes graus de concentração, autonomia e partilha. A existência dos workshops permite que as pessoas com PEA explorem e aprofundem interesses específicos através da prática, valorizando aptidões associadas a áreas técnicas e criativas; e criando oportunidades de participação recíproca, possibilitando a partilha de conhecimentos, o ganho de confiança e a construção de um papel ativo na comunidade envolvente. *"Os ambientes residenciais para adultos com PEA podem incluir atividades em formato workshop, que criam oportunidades de integração da comunidade local. Além disso, isto pode proporcionar rotina e hábitos de trabalho à medida que avançam para a vida independente"*.¹⁰⁰

Associado a estes programas, o **Pátio** mantém-se continuamente presente através de relações visuais diretas¹⁰¹, assumindo-se como um dos elementos estruturantes deste piso. Numa estratégia que se prolonga por toda A CASA, o contacto com o exterior integra a experiência quotidiana e potencia benefícios associados à estimulação sensorial, ao relaxamento, à concentração e à regulação emocional¹⁰², contribuindo também para orientar as pessoas com PEA no edifício.

Simultaneamente, o acesso ao Pátio, embora controlado, permite circular livremente num espaço marcado por limites definidos - o edificado, os muros, a vegetação e as variações de cota - configurando um exterior resguardado e seguro. Esta condição favorece uma utilização mais autónoma deste espaço exterior pelas pessoas com PEA, ao reduzir a imprevisibilidade associada ao contexto urbano e proporcionar um ambiente ao ar livre reconhecível e facilmente apropriável.

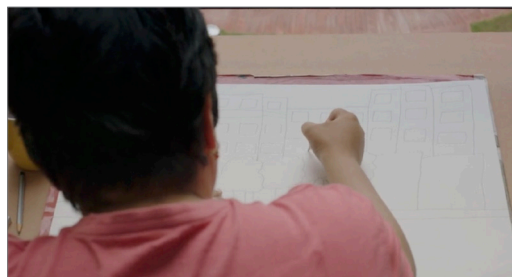
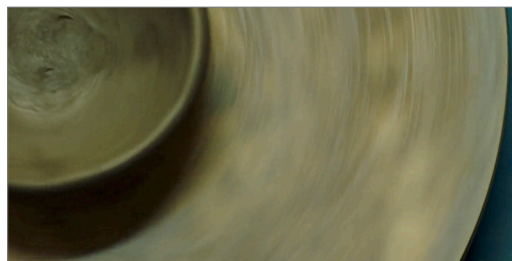
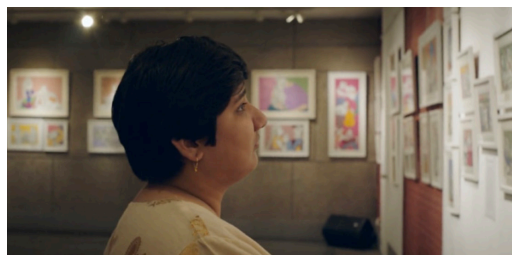
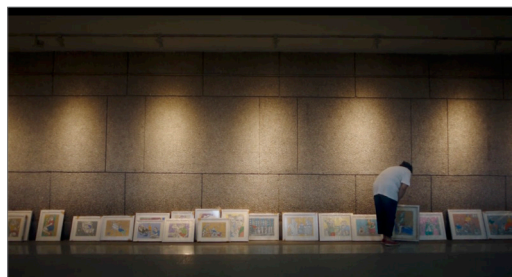
Embora numa escala e programa distintos, esta relação entre a arquitetura e o exterior aproxima-se da proposta de Peter Zumthor para o *Serpentine Pavilion 2011*, onde o jardim interior ocupa igualmente o centro do edifício.

99. Sobre o projeto Dançando com a Diferença ver: Dançando com a Diferença in <https://danca-inclusiva.com/>

100. Álvarez, A. (2020). Design handbook for autism. in https://issuu.com/andreaalvarez083/docs/some_pages_test. p.83.

101. "Além de ser fisicamente acessível, o espaço exterior deve ser visualmente acessível: a capacidade de observar a natureza pode ter um efeito calmante" in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). At home with autism: Designing housing for the spectrum. Bristol: Policy Press, p.96.

102. "Um jardim ou quintal deve ser entendido como uma parte essencial da casa, devido aos diversos benefícios associados às atividades ao ar livre, nomeadamente a estimulação sensorial, o exercício físico, o relaxamento, a melhoria da concentração, da expressão verbal, dos padrões de sono e do humor, bem como a redução dos níveis de agitação e agressividade." in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). At home with autism: Designing housing for the spectrum. Bristol: Policy Press, p.96.



[Fig. 116] Frame do documentário: *The Reason I jump* (2020), Realizado por Jerry Rothwell. Estados Unidos da America e Reino Unido. Min. 00:15:59.

[Fig. 117] Frame do documentário: *The Reason I jump* (2020), Realizado por Jerry Rothwell. Estados Unidos da America e Reino Unido. Min. 00:07:08.

[Fig. 118] Frame do documentário: *The Reason I jump* (2020), Realizado por Jerry Rothwell. Estados Unidos da America e Reino Unido. Min. 00:16:47

[Fig. 119] Frame do documentário: *The Reason I jump* (2020), Realizado por Jerry Rothwell. Estados Unidos da America e Reino Unido. Min. 00:16:54.

[Fig. 120] Frame do documentário: *The Reason I jump* (2020), Realizado por Jerry Rothwell. Estados Unidos da America e Reino Unido. Min. 00:07:03.

116

117

118

119

120

03.01.02

Em ambos os casos, a organização dos espaços e da circulação faz com que o contacto visual com a natureza aconteça de forma quase permanente, acompanhando o utilizador ao longo do percurso e estruturando a experiência no espaço [Fig.121,122].

Entre zonas mais abertas e outras mais resguardadas, seja pela vegetação ou pelo próprio edifício, distribuem-se diferentes lugares de estar ao longo do Pátio, permitindo variadas formas de permanecer e apropriar o exterior. Sob as lâminas que apoiam o edifício e acompanham a rampa de acesso ao Piso 1 criam-se zonas de sombra e abrigo onde as aberturas nas lâminas sugerem percursos, aproximando-se da solução desenvolvida por Álvaro Siza no Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso [Fig. 124,125]. Já na **Sala de Apoio ao Pátio (A.1)**, no Piso Térreo do volume de *Acolhimento*, o espaço torna-se mais protegido e fechado, estabelecendo a ligação à entrada e ao elevador de acesso aos restantes pisos.

Na continuidade entre interior e exterior, a Oficina de Jardinagem e a Horta, localizadas a norte d'A CASA introduzem outras formas de participação associadas ao cuidado e à manutenção do Pátio. Na **Oficina de Jardinagem (S.9)** encontram-se ferramentas, botas e bancadas de trabalho protegido, mas em contacto direto com o Pátio através de uma ampla abertura envidraçada.

Por outro lado, as escadas da oficina conduzem à **Horta (S.22)** situada na cota superior, onde plantar, regar, colher ou simplesmente acompanhar o crescimento das plantas permite um contacto contínuo e protegido com a natureza. Para as pessoas com PEA, a Horta assume também uma importante dimensão sensorial através da presença de diferentes texturas, cheiros, cores e sons associados à vegetação, refletidos na escolha de espécies como eucaliptos, pinheiros-mansos e tílias para o Pátio. Projetos como o *Sweetwater Spectrum*, na Califórnia, integram igualmente espaços de cultivo e jardinagem no quotidiano residencial de adultos com PEA, reconhecendo a importância da ligação com a natureza. Neste caso, os produtos cultivados pelos moradores e voluntários são posteriormente vendidos à comunidade local, criando uma relação direta entre o espaço doméstico e a vida da comunidade envolvente [Fig.123]. Também n'A CASA, os produtos cultivados na horta podem ser integrados na Loja situada na Entrada Principal, estabelecendo uma continuidade entre os espaços de cultivo, o quotidiano dos habitantes e a relação com a comunidade envolvente.

Neste sentido, os espaços de *encontro pontual* procuram dinamizar o quotidiano das pessoas com PEA através de atividades específicas que permitem diferentes formas de participação e envolvimento dos habitantes com a comunidade.



[Fig. 121; 122] *Serpentine Pavilion 2011*, Londres, 2011, Peter Zumthor, in <https://www.qoca.co/blog/2021/6/7/serpentine-pavilion-2011>

[Fig. 123] *Sweetwater Spectrum Community*, Sonoma, California, 2013, Leddy Maytum Stacy Architects Architects, in <https://www.terrain.org/2023/unsprawl/>

[Fig. 124; 125] *Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso*, Chaves, 2015, Álvaro Siza Vieira. Fotografia de autoria de Fernando Guerra in <https://www.portuguesematters.com/blog/2016/7/8/nadir-afonso>



121 122
123
124
125

Face à diversidade de atividades associadas aos espaços de *encontro pontual*, o **Cubo** e a **Cortina** assumem-se como dispositivos capazes de adaptar os ambientes a diferentes formas de utilização.

O Cubo apresenta uma geometria simples e estável, características particularmente relevantes no contexto da PEA, permitindo, através da sua rotação, sobreposição ou associação entre módulos, diferentes transformações e utilizações; funcionando intuitivamente como banco [a], caixa de arrumação [b] ou vaso [c]. Nesta lógica, propõe-se para os espaços de *encontro pontual* o cubo em madeira com dimensões de 0,43 x 0,43 m, revestido em duas das faces com linóleo colorido e aberto numa das faces, tornando-o oco e mais leve [Des.37]. A repetição desta unidade ao longo dos diferentes programas reduz a complexidade do espaço e contribui para a sua apropriação. Quando utilizado como assento [a] na *sala de música* e na *sala plana*, o interior do banco acolhe um segundo cubo em burel de 0,40 x 0,40 m [Fig. 130-135], que pode ser retirado e usado separadamente e que, para além de introduzir uma superfície mais confortável, tem diferentes cores e texturas que podem contribuir positivamente para a regulação sensorial das pessoas com PEA; esta lógica de encaixe introduz ainda uma dimensão lúdica e pedagógica, incentivando a escolha e a autonomia. Já na Sala e de Workshops, os cubos podem utilizar-se como caixa de material [b], transformar-se em superfícies de trabalho [b'] ou em elementos de arrumação e separação [b'']. Por fim, na oficina de jardinagem e na horta, o cubo, pode funcionar como vaso [d] e caixa de material [b]. Estas diferentes configurações permitem adaptar o espaço às necessidades de cada atividade, mantendo uma linguagem comum e uma utilização intuitiva.

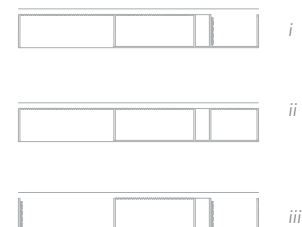
A acompanhar os espaços de *encontro pontual* interiores - Sala de Música, Sala Plana e Sala de Workshops - utilizam-se também cortinas em burel, que permitem, novamente, transformar as condições de utilização de cada programa através do controlo da acústica, da iluminação e de diferentes graus de exposição ou resguardo [i; ii; iii]. Na Sala Plana, por exemplo, permitem escurecer e encerrar o espaço para cinema e noutros momentos abri-lo completamente, permitindo que a luz, o som e as atividades se prolonguem para os espaços adjacentes d'A CASA. À semelhança do *Velvet and Silk Cafe* e do *Pabellón de Barcelona* de Ludwig Mies van der Rohe y Lilly Reich [Fig.126,127], a cortina torna-se um elemento capaz de redefinir continuamente o espaço.

Deste modo, o Cubo e a Cortina permitem diferentes configurações e dinâmicas de uso, acompanhando as necessidades de cada pessoa e atividade, disseminando-se progressivamente pelos diferentes ambientes d'A CASA, entre estimulação sensorial e divertimento.



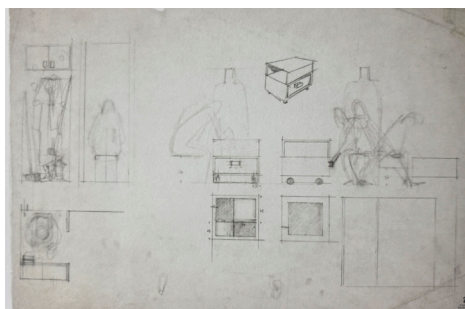
[Fig. 126] *Velvet and Silk Cafe, Berlin, 1927*, Mies van der Rohe and Lilly Reich. Para as cortinas utiliza-se seda e veludo. in Melgarejo Belenguier, M. (2011). *La arquitectura desde el interior 1925-1937 : Lilly Reich y Charlotte Perriand*. Barcelona: Fundación Caja de arquitectos. p.145.

[Fig. 127] *Pabellón Alemán de Barcelona, Barcelona, 1929*, Ludwig Mies van der Rohe y Lilly Reich. <https://miesbcn.com/project/lluis-casals-reflexions-mies/>.

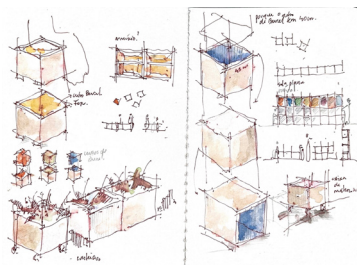


[Des.34] Possíveis configurações das cortinas da Sala de Música, Sala Plana e Sala de Workshops.

[Fig. 128] *Desenhos estudo de mobiliário*, 1959, Le Corbusier. in Ison, F., & Alison, F. (2006). *Le Corbusier: interior of the cabanon*. Le Corbusier 1952-Cassina 2006. Milano: Electa.



[Fig. 129] *Maison du Brésil*, Cité Internationale Universitaire, Paris, França, 1952-1959, Le Corbusier. in <https://www.fondationlecorbusier.fr/en/work-architecture/achievements-maison-du-bresil-cite-internationale-universitaire-paris-france-1952-1959>

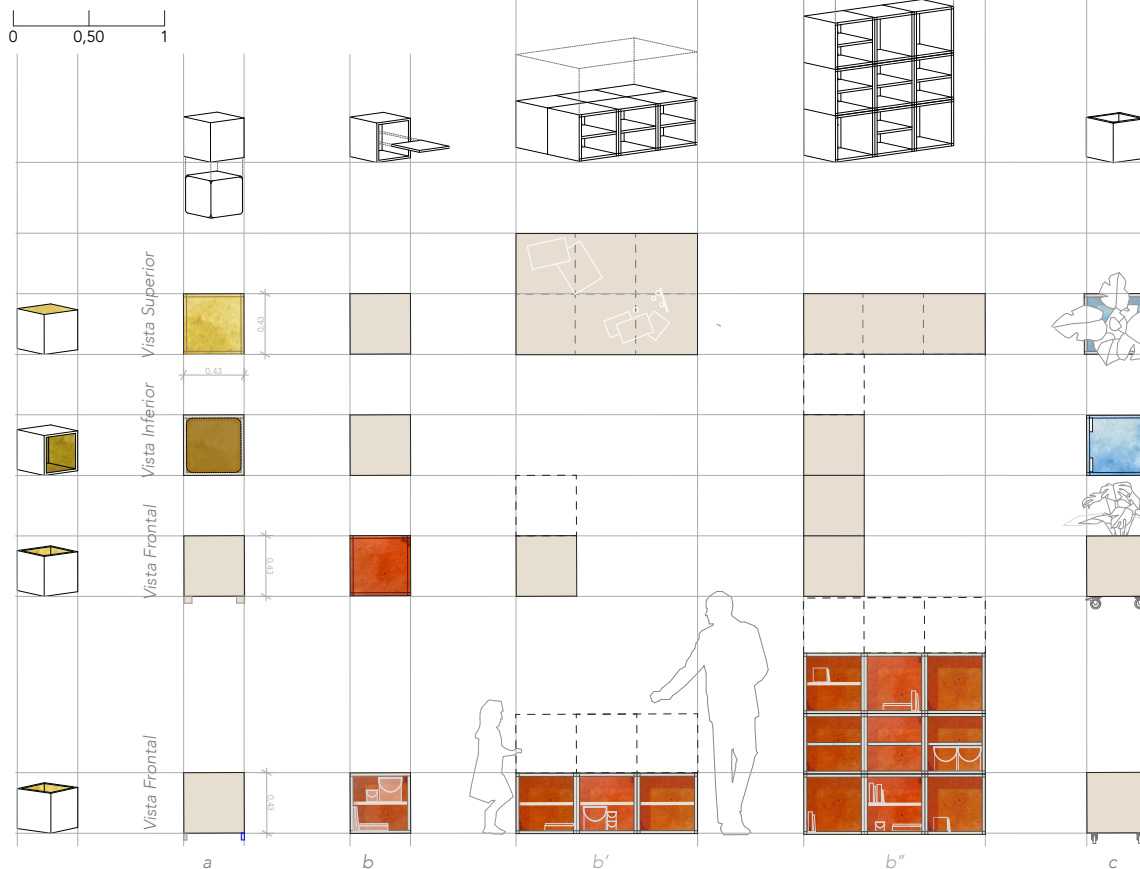


[Fig. 130; 131; 132; 133; 134; 135] *Cubo de Burel em 6 cores*. in <https://burelfactory.com/collections/puffs-stools/products/puff-origami?variant=54298900136281>.



[Des. 36] *Desenhos estudo do Cubo*.

[Des. 37] *O desenho do Cubo*. Estrutura de contraplacado de bétula, com assento e interior revestido a linóleo colorido: lilás; laranja; verde; amarelo; vermelho ou azul.



128 129
126
127 130-135
Des.36
Des.37

O ruído que antes construía comunidade torna-se agora excessivo e o estímulo partilhado transforma-se em sobrecarga. À medida que se sobe para o segundo piso do *volume de Suporte*, o som fica para trás, a exposição ao outro diminui e o ambiente torna-se progressivamente mais calmo e controlado.

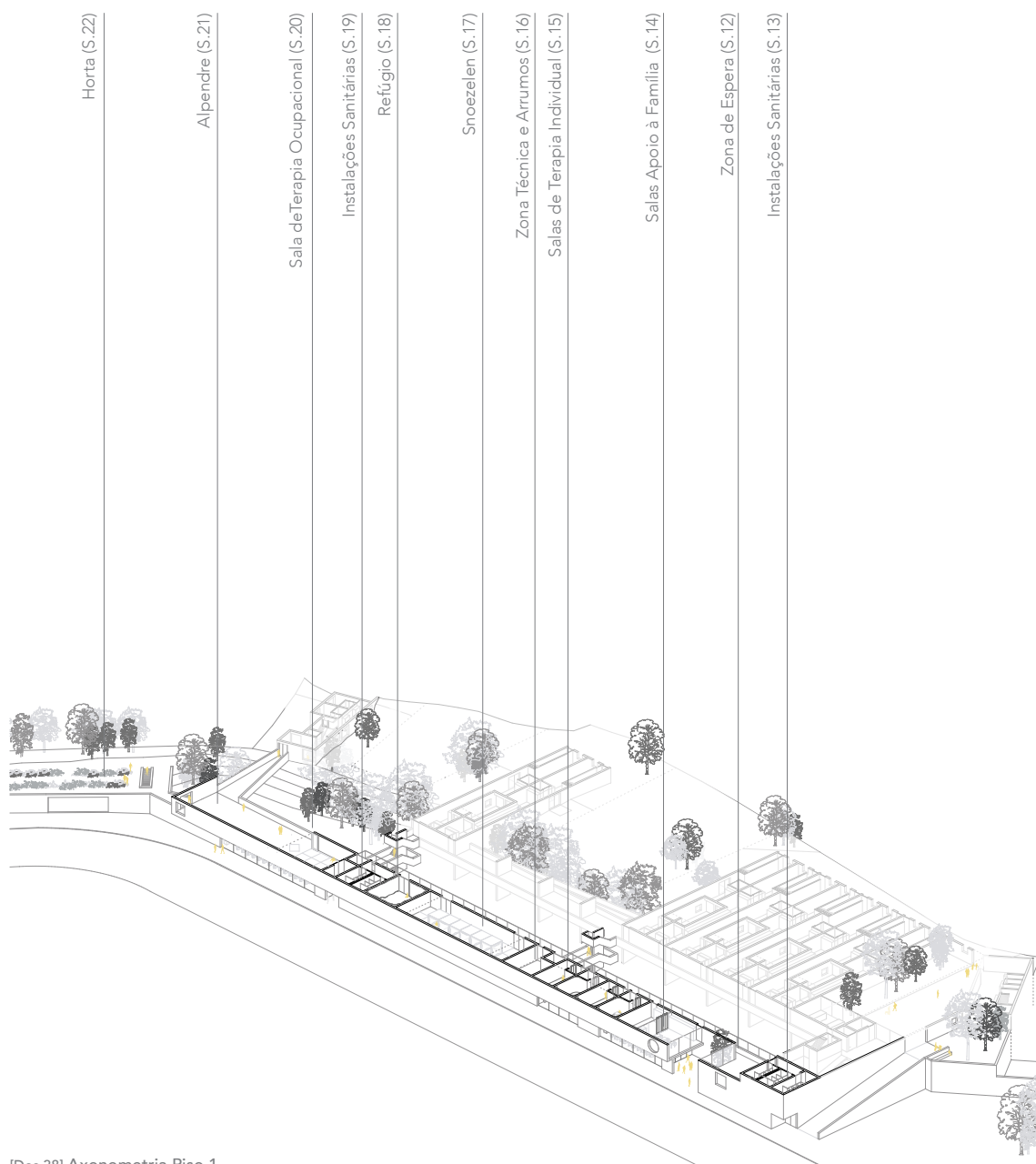
Em contraste com o piso inferior, desenvolvem-se *programas de Suporte* mais técnicos, específicos e individualizados, ligados ao quotidiano doméstico e às rotinas das pessoas com PEA e das suas famílias, acompanhados por profissionais de saúde, técnicos e professores.

Neste sentido, a intensidade do Piso Térreo dilui-se numa maior serenidade, em contraste com a *estimulação comportamental* associada aos espaços coletivos, o Piso 1 é marcado pela *estimulação sensorial*, onde os espaços respondem às necessidades e sensibilidades de cada habitante. Aqui, o ritmo abrande e os programas tornam-se mais previsíveis e reconhecíveis, onde a permanência se prolonga e os usos se repetem diariamente.

Os programas de Suporte sucedem-se segundo uma lógica progressiva - *Zona de Espera* (S.12); Salas de Apoio à Família (S.14), Salas de Terapia Individual (S.15), Snoezelen (S.17), Refúgio (S.18), Sala de Terapia Ocupacional (S.20) e Alpendre (S.21) - organizando-se entre espaços de *apoio sensorial* (S.14, S.15), associados ao acompanhamento quotidiano e a rotinas estruturadas, e espaços de *apoio multisensorial* (S.17, S.18, S.20, S.21), destinados a momentos de regulação sensorial, relacionados tanto com a procura como com a necessidade de redução de estímulos.

Apesar da proximidade do volume de *Suporte* com a Avenida do Parque, os espaços deste piso voltam-se para o interior d'A CASA, estabelecendo uma relação direta com o Pátio através de uma galeria, privilegiando a clareza dos percursos, reforçando a sensação de segurança e controlo.

A ligação à zona de *Acolhimento* faz-se também pela galeria - que funciona como elemento de transição entre os programas de *Suporte* e os espaços de habitação, permitindo uma passagem gradual entre diferentes ambientes e níveis de exposição - ou através do pequeno anfiteatro - que funciona como um espaço intermédio de encontro, reforçando o carácter contínuo dos programas.



[Des.38] Axonometria Piso 1.

Por cima do Café e dos programas de *encontro pontual*, localizam-se os *Espaços de Apoio Sensorial* que acompanham o dia a dia dos habitantes e das suas famílias.

A **Sala de Apoio à Família** (S.14) organiza-se em dois espaços complementares - um mais amplo e aberto (s.14.1) e um mais pequeno e reservado (S.14.2), separados por um vidro são pensados para acolher diferentes dinâmicas familiares e momentos de acompanhamento. Estes espaços abrem-se visualmente para o Pátio da Entrada, permitindo uma relação visual contínua com o exterior. Estes programas procuram responder à importância do apoio familiar no processo de diagnóstico, desenvolvimento e ganho de autonomia das pessoas com PEA.

Em contrapartida, nas **Salas de Terapia Individual** (S.15), a relação com o exterior anula-se, centrando-se nas necessidades específicas dos habitantes, nomeadamente em especialidades como a terapia da fala, o apoio psicológico, entre outras. Através da série *Atypical*, do documentário *The reason I jump* e das Conversas, percebe-se a importância destes momentos no quotidiano das pessoas com PEA, justificando a criação de quatro espaços preparados para esse efeito [Fig.136-139] e permitindo que diferentes terapias decorram em simultâneo.

Antes de entrar numa das Salas de Terapia Individual, existe um primeiro momento de transição: um pequeno espaço regulador, encerrado por uma cortina, que permite desacelerar e preparar de forma gradual a mudança de ambiente (S.15.1), marcando a passagem entre a galeria - mais exposta, ruidosa e sensorialmente ativa - e um interior mais contido, cujo ambiente se torna previsível, evitando estímulos e distração.

Na mesma lógica, o revestimento das paredes em cortiça, material natural e nacional, reforça esta sensação de estabilidade através de uma materialidade quente, com qualidades táteis e olfativas que contribuem para um ambiente mais silencioso, confortável e acolhedor. Os cantos arredondados das salas atenuam igualmente a rigidez do espaço, promovendo uma compreensão mais contínua e menos agressiva do ambiente envolvente.

Neste contexto, a luz natural assume particular destaque, entrando de forma controlada através de uma clarabóia, que cria um ambiente homogéneo e estável, organizando o espaço e a atenção da pessoa com PEA.



[Fig. 136] Frame do documentário: *Makayla's Voice: A Letter to the World* (2024). Realizado por Julio Palacio. Estados Unidos. Min. 00:18:22. In <https://www.netflix.com/pt/title/81926434>

[Fig. 137] Frame do documentário: *The Reason I Jump* (2020), Realizado por Jerry Rothwell. Estados Unidos da América e Reino Unido. Min. 00:48:18. In <https://www.imdb.com/title/tt9098928/>



[Fig. 138] Frame do documentário: *The Reason I Jump* (2020), Realizado por Jerry Rothwell. Estados Unidos da América e Reino Unido. Min. 00:50:26. In <https://www.imdb.com/title/tt9098928/>



[Fig. 139] Frame da série *ATYPICAL* (2021), realizado por Robia Rashid. 4 temporadas. Estados Unidos da América. Episódio 5 da Temporada 2 Min. 00:27:31 In <https://www.netflix.com/pt/title/80117540>.

136
137
138
139

À semelhança da Mesa, do Cubo e das Cortinas, também nas Salas de Terapia Individual é introduzido um dispositivo capaz de influenciar a utilização do espaço: a Clarabóia.

Num contexto terapêutico onde a redução dos estímulos¹⁰³ é fundamental para promover a estabilidade e a concentração, a **Clarabóia** de 1,8 m de diâmetro [Des. 39], assume-se como instrumento ativo de regulação e de orientação da pessoa com PEA. Partindo deste princípio, *"(...) ao manipular o tamanho, o número e a orientação das janelas, a cor e a localização (...) os arquitetos e os residentes podem tornar as condições de vida mais saudáveis"*¹⁰⁴.

A utilização de uma única entrada de luz permite criar um ambiente visualmente controlado, favorecendo o foco e o equilíbrio sensorial durante os momentos de terapia. Por outro lado, a dimensão, a profundidade e a geometria cônica da clarabóia permitem controlar a incidência da luz solar e atenuar contrastes excessivos de luminosidade, procurando, à semelhança das clarabóias do *Couvent de La Tourette* de Le Corbusier [Fig.140] e da Biblioteca da Universidade de Aveiro, de Álvaro Siza Vieira [Fig.141] oferecer uma luz contínua e homogênea.

Neste sentido, a luz natural¹⁰⁵ define diretamente a experiência sensorial da pessoa com PEA e a atmosfera da Sala de Terapia, assumindo-se como protagonista do espaço. Introduzida através de uma clarabóia centrada na sala, a luz zenital acompanha e orienta a permanência do corpo - sentado, deitado ou em pé - e torna perceptível a passagem do tempo, funcionando como elemento organizador da utilização e da permanência no interior.

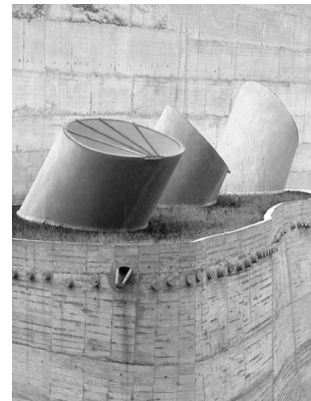
Na série de trabalhos *Skyspaces* de James Turrell [Fig.142], a luz e a cor assumem-se como matéria e elementos centrais da experiência espacial através de um recorte geométrico rigoroso, que elimina referências estruturais visíveis e torna o céu parte integrante da atmosfera. Partindo desta relação, também nas Salas de Terapia Individual a iluminação deixa de ser apenas uma necessidade funcional e passa a participar na construção do programa. Para além disso propõe-se a incorporação de um filtro na clarabóia que, à semelhança da importância da cor na obra de Turrell [Fig.143 -145], permita alterar pontualmente a tonalidade da luz e adaptar o ambiente às diferentes necessidades sensoriais da pessoa com PEA.

A luz assume-se aqui como parte integrante da materialidade d'A CASA, participando diretamente na definição do ambiente da Sala de Terapia Individual.

103. *"(...) ao limitar a quantidade de estímulos visuais e de movimento durante a realização de tarefas individuais os estudos demonstram maior sucesso na sua conclusão"*. Álvarez, A. (2020). *Design handbook for autism*. p.50. in https://issuu.com/andreaalvarez083/docs/some_pages_test.

104. in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press, p.68.

105. *"Qualidades ambientais como a iluminação natural afetam a saúde e o bem-estar dos indivíduos"* in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press, p.60.

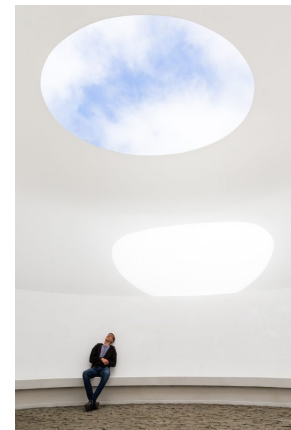


[Fig. 140] Couvent de La Tourette, *The canons à lumière*, Eveux, França, 1953-1960, Le Corbusier. in https://www.docomomo.pt/wp-content/uploads/2019/04/Docomomo-Journal53_2015_RGrignolo.pdf

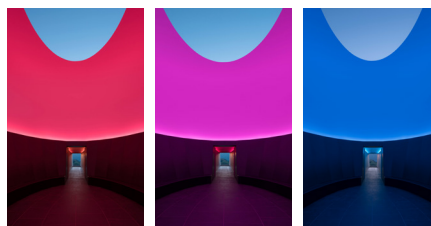


[Fig. 141] Biblioteca da Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal, 1995, Álvaro Siza Vieira in <https://liberquarterly.eu/article/download/10178/12683?inline=1>

[Fig. 142] Skyspace, Lech am Alberg, Áustria, 2017, James Turrell. in <https://www.ignant.com/2018/10/04/james-turrells-skyspace-a-light-installation-in-the-austrian-mountains/>

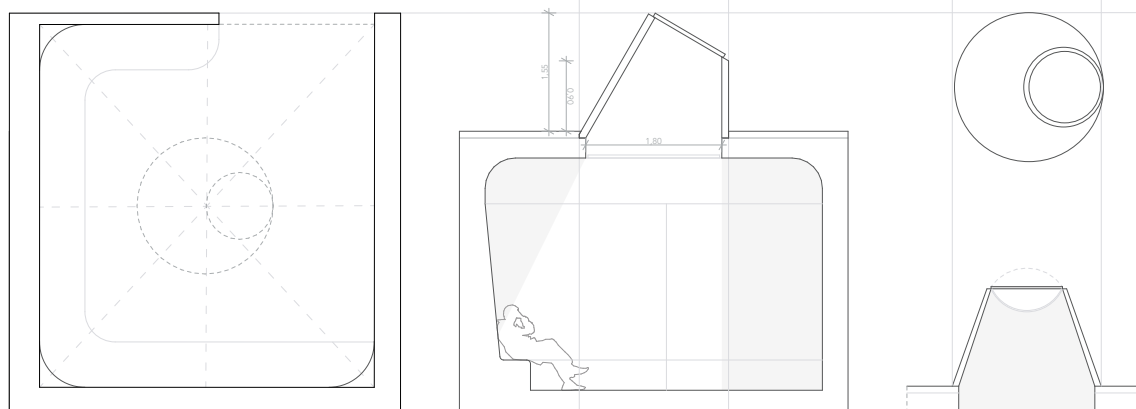


[Fig. 143; 144; 145] Skyspace Piz Uter, 2005, Zoug, Suíça, James Turrell. in <https://www.tremenheere.co.uk/james-turrell/>



[Des. 39] Desenho clarabóia da Sala de Terapia Individual.

0 1 2 m



140
141
142
143 - 145
Des.39

03.02.02 ESPAÇOS DE APOIO MULTISSENSORIAL

Para além dos *Espaços de Apoio Sensorial*, introduzem-se no Piso 1 *Espaços de Apoio Multissensorial*, dedicados à regulação e estimulação multissensorial, onde a relação deixa de ser mediada por outra pessoa e passa a centrar-se na relação da pessoa com PEA com o próprio espaço.

O Refúgio e o Snoezelen procuram criar condições para estabilizar, desacelerar ou reequilibrar as pessoas com PEA, ajustando a intensidade da experiência sensorial entre momentos de grande contenção e momentos de grande estimulação, construindo um sistema que permite regular a relação com o ambiente e consigo mesmo.

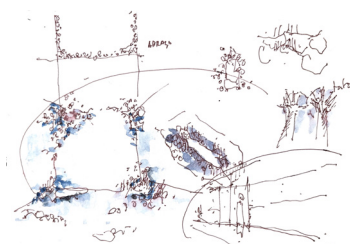
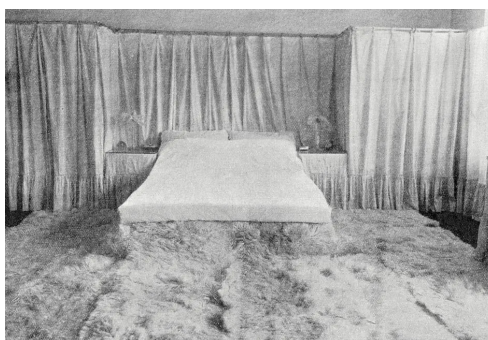
De dimensão reduzida e sem qualquer ligação com o exterior, o **Refúgio** (S.18) limita a exposição a estímulos, considerando apenas os visuais e táteis, contribuindo desse modo, para um ambiente previsível e controlado. Inspirado num dos princípios desenvolvidos no índice *ASPECTS* de Magda Mostafa¹⁰⁶, propõe-se a criação de um lugar onde a pessoa com PEA pode reconhecer uma condição constante de segurança, independente de variações externas. Ao entrar, o corpo é imediatamente envolvido por uma presença têxtil, cuja proximidade e densidade reforçam a sensação de abrigo e contenção, criando um ambiente tátil contínuo e confortável, semelhante a um ninho. Tal como no *quarto da esposa* de Adolf Loos [Fig.146], revestido por tapetes de pele de carneiro e cortinas de linho, também aqui o espaço procura envolver o corpo numa atmosfera contínua e acolhedora, reforçando a sensação de abrigo e aconchego.

Nesse sentido, a materialidade assume um papel central na experiência sensorial tal como no projeto *Tactile*, desenvolvido pelo DLR Group e por Sammy Rupp, [Fig.147-149] e inserido na exposição *Time Space Existence* (2025). *Tactile*, explora o potencial dos materiais têxteis na criação de ambientes sensoriais para pessoas neurodivergentes, nomeadamente no contexto do autismo. Inspirado neste projeto, também o Refúgio utiliza esferas envolvidas em tecido que procuram estimular o corpo através do toque, substituindo-se, porém, o tecido sintético pelo burel em tons de azul e branco, apoiando experiências sensoriais positivas que valorizem diversas formas de sensibilidade do espaço.¹⁰⁷

A escolha do burel [Fig.150;151] tanto neste espaço como noutros programas d'A CASA, prende-se com a forma como o material contribui para a construção do espaço. Oriundo da Serra da Estrela e composto por 100% lã, combina propriedades térmicas e acústicas, contribuindo para um ambiente mais silencioso e estável, com propriedades táteis e visuais, permitindo obter uma grande variedade de texturas e cores.

106. No *Índice ASPECTSS*, Magda Mostafa, apresenta entre as 7 diretrizes, o refúgio. in Mostafa, M. *ASPECTSS* <https://www.autism.archi/aspectss>

107. "Há anos que os designers procuram moldar os espaços de forma a envolver os sentidos. Ao articular arte e ciência através de uma abordagem de design fundamentada na investigação, torna-se possível oferecer a indivíduos neurodivergentes estímulos mais adequados." in DLR Group. *Designing Spaces for Neuro-Inclusivity: The "Tactile" Exhibit*. <https://www.dlrgroup.com/firm-news/tactile-exhibit-time-space-existence/>



[Fig. 146] Loos Apartament, Quarto da Esposa, Viena, 1903, Adolf Loos. in Monteys, X. (2014). *La habitación más allá de la sala de estar*. Barcelona: Gustavo Gili. p.79.

[Fig. 147; 148; 149] *Designing Spaces for Neuro-Inclusivity: The Tactile Exhibit*, 2025, DLR Group, Sammy Rupp, Time Space Existence. in <https://www.dlrgroup.com/firm-news/tactile-exhibit-time-space-existence/>.

[Fig. 150; 151] Amostras Burel. in <https://burelfactory.com/pages/spatial-solutions>

[Fig.152] Burel Factory. Fotografia da Autora, 2023.

[Des. 40] Desenho de estudo do Refúgio.



146 147
148 149
150
151 152
Des. 40

03.02.02

O **Snoezelen** (S.17) surge como uma necessidade quando, para algumas pessoas com PEA, o mundo chega demasiado depressa e permanecer nos restantes espaços se torna impossível.¹⁰⁸ A aproximação ao Snoezelen acontece de forma gradual, permitindo um afastamento progressivo do ruído e da agitação. Tiram-se os sapatos, pousam-se os casacos¹⁰⁹ e elimina-se o contacto com o exterior, dando tempo e espaço para que o corpo se prepare para a transição. Ao entrar, a sala revela-se de forma clara e legível, dando a possibilidade de ver antes de experimentar, que permite reduzir a ansiedade perante o desconhecido. Neste sentido, não há estímulos abruptos nem impostos; elementos como luzes, projeções, tubos de água etc., são usados de acordo com cada situação¹¹⁰, permitindo à pessoa abandonar o estado de alerta, enquanto o acompanhante observa os movimentos e partilha a experiência sem a interromper.¹¹¹ No documentário *The Reason I Jump*, Joss visita várias vezes espaços sensoriais semelhantes ao Snoezelen, que o ajudam na sua regulação sensorial. [Fig.153;154]

Experienciar o Snoezelen é a oportunidade de *explorar* e *relaxar*¹¹², possibilidade desenvolvida no final da década de 1970 por Jan Hulsegge e Ad Verheul. Estes terapeutas holandeses desenvolveram as primeiras experiências de ambientes sensoriais controlados, criados artificialmente onde são oferecidas múltiplas possibilidades de estimulação, ajustadas às necessidades específicas de cada pessoa, promovendo o bem-estar emocional e a participação ativa.¹¹³ A visita a uma sala Snoezelen [Fig. 155-159], bem como a análise do projeto do Snoezelen para o CRIF [Fig.160], contribuíram para o desenho do espaço. Assim, desenharam-se estruturas modulares de madeira para acolherem diferentes *microambientes* que permitem organizar continuamente o Snoezelen através da deslocação dos módulos e de tapetes, num jogo inspirado em combinações de *tatamis*.

*"Cada experiência emocionante da arquitetura é multi-sensorial; as qualidades do espaço, da matéria e da escala medem-se em partes iguais pelo olho, pelo ouvido, pelo nariz, pela pele, pela língua, pelo esqueleto e pelos músculos."*¹¹⁴

Por fim, o corpo deixa de procurar, a luz torna-se constante, os sons perdem intensidade e ao sair, o percurso refaz-se, ou não. O mundo exterior não mudou, mas a forma de o habitar altera-se, como se, por instantes, a pessoa com PEA tivesse encontrado um lugar onde pode existir por inteiro e onde sabe que pode regressar. No fim deste percurso pelo Piso 1, a **Sala de Terapia Ocupacional** (S.20) retoma a lógica modular e flexível do Snoezelen, associando-se ao desenvolvimento motor e ao ensaio de atividades do quotidiano, enquanto se abre para o **Alpendre** (S.21) e para a luz natural de nascente e de sul, criando um ambiente mais aberto e permeável ao exterior.

108. "Para ajudar (...) a gerir os estímulos sensoriais, providencie uma sala separada equipada com elementos que os residentes possam manipular e controlar." in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press, p.134.

109. "Cabide e prateleira de sapatos em frente a sala" in Eijgendaal et al., (2010) *MSE/Snoezelen: A Definition and Guidelines*, p.17 in <https://www.isna-mse.org/assets/mse-position-paper-idea-forum.2010vs1.pdf>

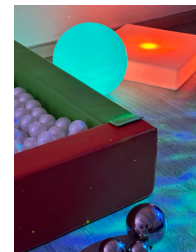
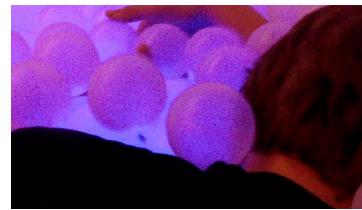
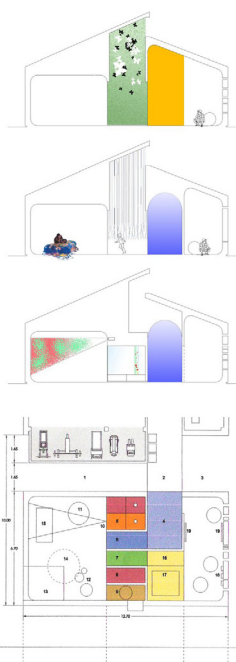
110. in Eijgendaal et al., *MSE/Snoezelen: A Definition and Guidelines*, 2010, p.11, in <https://www.isna-mse.org/assets/mse-position-paper-idea-forum.2010vs1.pdf>

111. "O acompanhante proporciona uma interação empática, não interferindo na escolha e no ritmo" in Eijgendaal et al., *MSE/Snoezelen: A Definition and Guidelines*, 2010, p.9 in <https://www.isna-mse.org/assets/mse-position-paper-idea-forum.2010vs1.pdf>

112. O termo resulta da junção dos verbos holandeses *suffelen* e *doezelen*, *explorar* e *relaxar*, respetivamente. International Snoezelen Association, Snoezelen in <https://isna-mse.org>.

113. "Snoezelen é definido como um conjunto dinâmico de propriedade intelectual baseado numa relação sensível e contínua entre o utilizador, o acompanhante qualificado e um espaço cuidadosamente controlado, onde são oferecidas múltiplas possibilidades de estimulação sensorial. Tem como objetivo proporcionar estímulos ajustados ao perfil sensorial de cada pessoa, promovendo o bem-estar emocional, o conforto e participação ativa no espaço." in International Snoezelen Association, Snoezelen in <https://isna-mse.org>.

114. Pallasmaa, J. (2022). *Los ojos de la piel: La arquitectura y los sentidos*. Barcelona: Editorial GG, p.54.



153 154
160 155 156
157 158
159

[Fig. 153; 154] The reason I jump (2020), Realizado por Jerry Rothwell. Estados Unidos da America e Reino Unido. Fig.153 Min. 01:09:20; Fig.154 Min. 01:09:40.

[Fig.155; 156; 157; 158; 159] Visita à Sala Snoezelen do Centro de apoio à aprendizagem, Escola Cónego Clementino Brito Pinto do Agrupamento de Escolas de Almancil, Algarve. Portugal. Fotografias da Autora.

[Fig. 160] Sala Snoezelen, CRIF (Centro de Reabilitação e Integração de Fátima). Arquiteta Marta Rocha e Fabien Vacelet. Não construído.



No Snoezelen, seis Microambientes condensam diferentes experiências multissensoriais, permitindo distintas formas de utilização e apropriação do espaço, dos dispositivos e aparelhos de snoezelen.

Os módulos dos **Microambientes** [Des. 41], com dimensões de 2,4 x 2,4 metros, organizam o espaço através de estruturas cúbicas de madeira, que como um dossel se caracterizam através de superfícies têxteis tensionadas. Cada módulo assume uma configuração própria - através da cor, da transparência, da abertura, do dispositivo ou aparelho sensorial integrado¹¹⁵ - permitindo criar diferentes atmosferas.

A partir desta base modular, a estimulação pode ser *"intensificada, reduzida, apresentada isoladamente ou em combinação, para interação ativa ou passiva, ajustada para compreender a motivação, interesses e necessidades recreativas/educacionais do utilizador"*¹¹⁶.

Percorrer estas estruturas, implica múltiplas aproximações: o corpo baixa-se, gatinha, encolhe-se, levanta-se, rebola, em total liberdade, numa condição em que *"a alegria arquitetónica podia definir-se como a experiência de existir materialmente dentro de outro corpo que convida e estimula as capacidades do nosso."*¹¹⁷

À semelhança da *Sensory [STRUCTURE]* [Fig. 161], de Sean Ahlquist, desenvolvida para ambientes multissensoriais destinados a crianças com PEA, e de instalações como *Piques Suspense* e *Ovaloids* [Fig.162], os Microambientes utilizam licra, um material elástico, confortável e translúcido, cuja resposta ao toque e à luz acompanha a aproximação do corpo, produzindo separações suaves, permeáveis e visualmente contínuas. Para além disso, os cantos agudos são substituídos por elementos de madeira com secção circular, reforçando a continuidade do espaço e a segurança.

A organização clara e modular do Snoezelen permite transformações ao longo do tempo, [i; ii; iii] evitando a saturação e favorecendo a renovação desta experiência terapêutica. A mutação é assumida como condição do desenho sem comprometer a coerência do espaço, sendo que estes volumes deslizam pela sala. As restantes superfícies, de parede ou pavimento, podem receber projeções ou permanecer neutras.

O Snoezelen configura-se, assim, como um ambiente regulador, capaz de se adaptar continuamente às necessidades e ao ritmo de cada habitante d'A CASA.



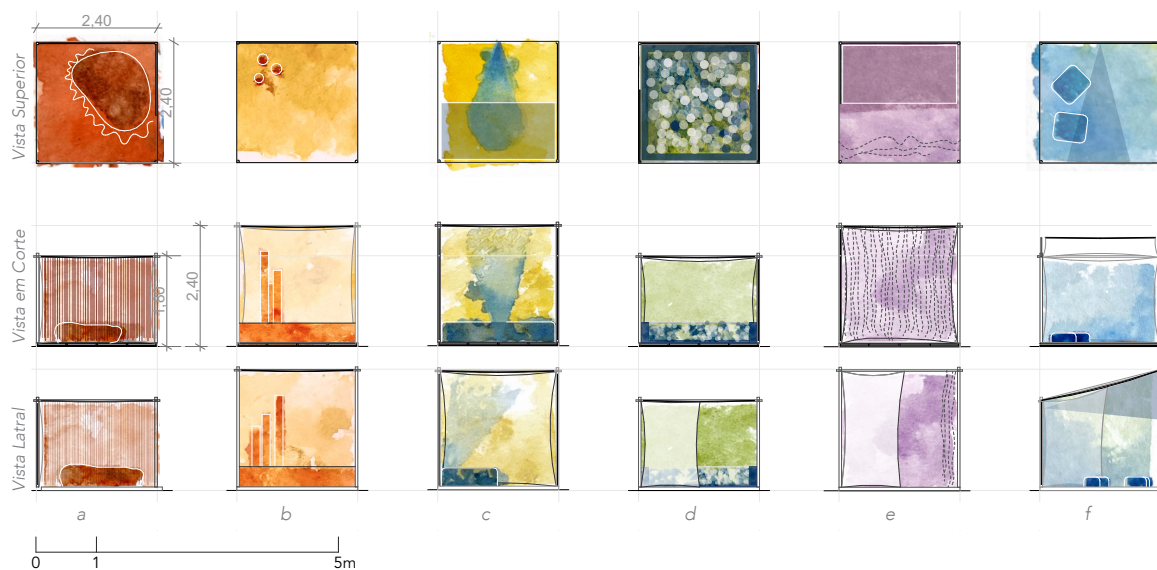
[Fig. 161] *Sensory [STRUCTURE]*, 2015, University of Michigan, Sean Ahlquist. Estrutura híbrida em tecido e hastes de polímero reforçado com fibra de vidro para ambientes multissensoriais destinados a crianças com PEA. in <https://www.materialarchitectures.com/social-sensory>

[Fig.162] *Navedenga and the Ovaloids*, Nova Iorque, 1998, Ernesto Neto. in <https://www.tanyabonakdargallery.com/exhibitions/27-ernesto-neto-navedenga-and-the-ovaloids-tanya-bonakdar-gallery-new-york/>

115. "Cama de água; Tubo de bolas; Bola espelhada e luz focal, Projetores; Fibra ótica, cortina ou fonte; Caixas de som; luz negra; Mangueiras Fluorescentes; Armário com materiais. in Eijgen daal et al., *MSE/Snoezelen: A Definition and Guidelines*, 2010, p.17 in <https://www.isna-ms.org/assets/mse-position-paper-idea-forum.2010vs1.pdf>

116. in Eijgen daal et al., *MSE/Snoezelen: A Definition and Guidelines*, 2010, p.11, in <https://www.isna-ms.org/assets/mse-position-paper-idea-forum.2010vs1.pdf>

117. Bartolomé, J. (2025) *Alegria arquitectónica (o cómo emocionar diseñando edificios para la sociedad contemporánea)*. Madrid: Ediciones Asimétricas, p.51.



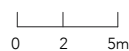
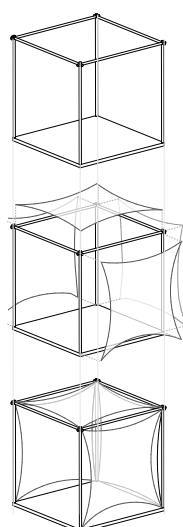
[Des. 41] Microambiente: Estruturas modulares de madeira de bétula, com 2,40 m x 2,40 m, e membranas de lã tensionadas.

- a. Cortina fibra ótica + ilha fofa.
- b. Tubos de bolhas.
- c. Projetores LED de slides.
- d. Piscina de bolas.
- e. Cama de água + Fibras ótica ultra-violeta.
- f. Projetor laser efeito céu + cubo LED.

Todos estes equipamentos podem ser encontrados no catálogo da Rompa in https://www.rompa.com/media/pdf/catalogues/2025/Rompa_Catalogue_2025.pdf

[Des. 42] Três transformações espaciais, do snoezelen possíveis: i, ii; iii.

[Des. 43] Axonometria da estrutura dos Microambientes.



Des.41
161
162 Des.42
Des.43

Para além dos espaços de *Suporte* do volume tangente à Avenida do Parque, n'A CASA organizam-se ainda dois volumes autónomos: a Residência Temporária e o Centro de Formação, dirigidos a familiares, cuidadores e profissionais, reconhecendo o papel fundamental que desempenham no quotidiano das pessoas com PEA.

Chega-se à **Residência Temporária** (S.23) através de uma Ponte (S.24) que, a partir do Alpendre (S.21), prolonga a galeria do Piso 1 do edifício de Suporte ou através da sua Entrada Principal (S.23.0) na Rua António Aroso. Implantada no interstício entre as construções preexistentes, a Residência Temporária combina a proximidade aos programas de suporte com um funcionamento mais autónomo e doméstico. Desenvolve-se em três pisos, compostos por quatro quartos individuais e um espaço comum que promove a vivência coletiva entre os residentes, incentivando a partilha, o convívio e a criação de relações de apoio mútuo. *"Localizar habitações em comunidades próximas das famílias dos residentes reduz o peso das viagens para as famílias, além de aumentar as oportunidades de envolvimento familiar com os residentes."*¹¹⁸

Em contextos associados à saúde, a necessidade de permanência próxima das unidades de tratamento levou ao surgimento de estruturas de apoio temporário destinadas a doentes e familiares. Em Portugal, por exemplo, as casas da *Associação Acreditar*, em Lisboa e no Porto, permitem a permanência de famílias durante períodos de tratamento oncológico pediátrico [Fig.163;164]. Igualmente, no *Sanatório de Paimio*, a existência de espaços domésticos destinados a médicos, enfermeiros e restante equipa reconhece a importância da proximidade e da continuidade do acompanhamento, entendendo o cuidado para além do momento estritamente terapêutico [Fig.165].

No extremo oposto à Residência Temporária desenvolve-se o **Centro de Formação** (S.27), cuja Entrada (S.27.0) se faz através da **Praça** (S.31) situada a sudoeste do terreno, acessível pela Rua António Aroso, pela Avenida do Parque e pelo piso 1 do edifício d'A CASA. Para além deste acesso mais público, o Centro estabelece também uma ligação direta ao volume principal, através do Terraço (A.10), localizada no Piso 2 junto à Administração (A.9). Desenvolve-se igualmente em três pisos, afirmando-se como um espaço de encontro e partilha de conhecimento entre técnicos, profissionais, familiares e todos os envolvidos no acompanhamento quotidiano das pessoas com PEA d'A CASA, mas também externos. Esta complementaridade entre espaços de cuidado e de formação encontra paralelo no *Hospital Infantil de Zurique*, de Herzog & Meuron [Fig.166], onde o Hospital e o Centro de Investigação, funcionam de forma independente, coexistindo como partes do mesmo sistema.

A Residência Temporária e o Centro de Formação ampliam o sistema de Suporte d'A CASA, reconhecendo que o acompanhamento se estende para além dos momentos estritamente terapêuticos.

118. in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press, p.86.

[Fig.163] Casa Acreditar, Lisboa, Portugal, 2018-2025, ALA.rquitectos. in <https://alarquitectos.pt/construidos/casa-acreditar-de-lisboa>

[Fig.164] Casa Acreditar, Porto Portugal, 2016, ALA.rquitectos. in <https://alarquitectos.pt/construidos/casa-acreditar-do-porto>

[Fig.165] Casas geminadas para médicos. Sanatório de Paimo, Finlândia (1929-1933). Alvar Aalto e Aino Aalto. in <https://archeyes.com/paimio-sanatorium-alvar-aalto/>

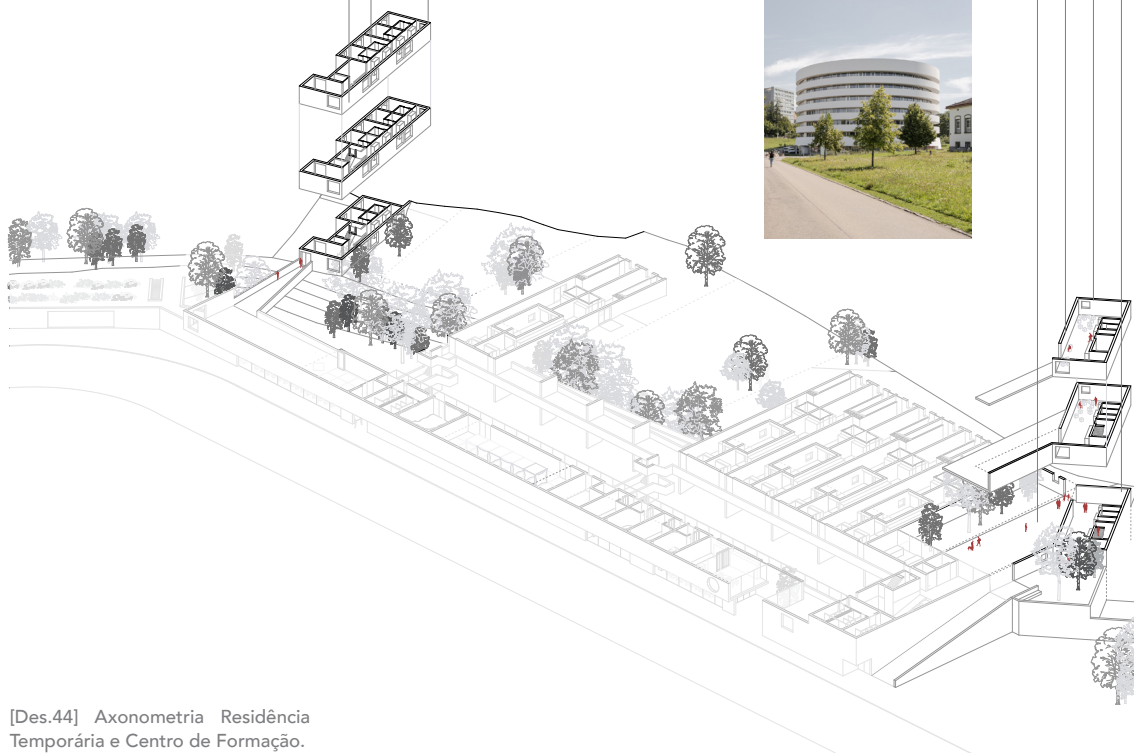
[Fig.166] Hospital Infantil de Zurique, Suíça. 2014-2024. in <https://www.herzogdemeuron.com/projects/165-rehab-clinic-for-neurorehabilitation-and-paraplegiology/>.

Zonas Comuns (S.26)
Quartos Partilhados (S.25)

Residência Temporária (S.23)



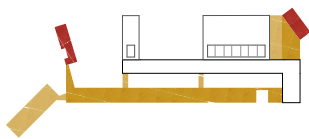
Terraço (A.11)
Sala de Formação (S.30)
Centro de formação (S.27)
Recepção (S.28)



[Des.44] Axonometria Residência Temporária e Centro de Formação.

163
164
165
166
Des.44

03.



PISO 0 1500 m²

S.0 Entrada Principal

S.1 Recepção e Loja 53 m²

S.2 Instalações Sanitárias 40 m²

S.3 Café 120 m²

S.3.0 Entrada Café

S.3.1 Zona de Consumo 90 m²

S.3.2 Copa 12 m²

S.3.3 Armazém 12 m²

S.4 Sala de Música 70 m²

S.4.1 Arrumos de Instrumentos
10 m²

S.5 Sala Plana 100 m²

S.6 Sala de Workshops 30 m² x 4.

S.7 Instalações Sanitárias 40 m²

S.8 Refeitório 250 m²

S.8.0 Entrada Controlada Refei-
tório

S.8.1 Zona de Refeições 180 m²

S.8.2 Zona de Balcão 20 m²

S.8.3 Cozinha 30 m²

S.8.4 Armazém 20 m²

S.9 Oficina de Jardinagem 20 m²

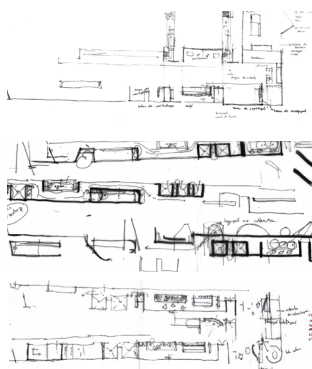
S.10 Lixos e Zona Técnica 25 m²

S.11 Garagem 80 m²

S.11.0 Entrada de Serviço

A.0 Entrada Secundária Acolhi-
mento

A.1 Sala de Apoio ao Pátio 180 m²

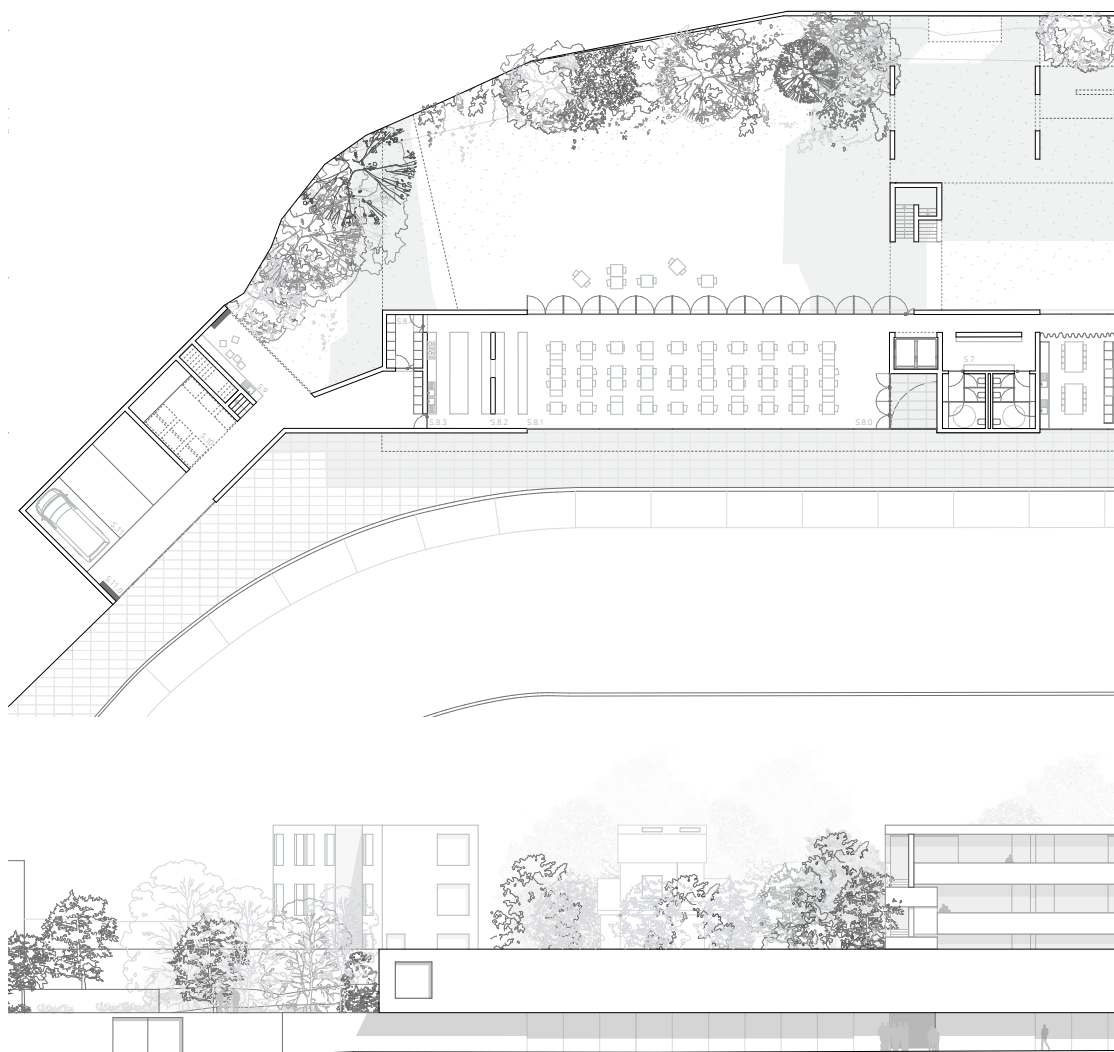


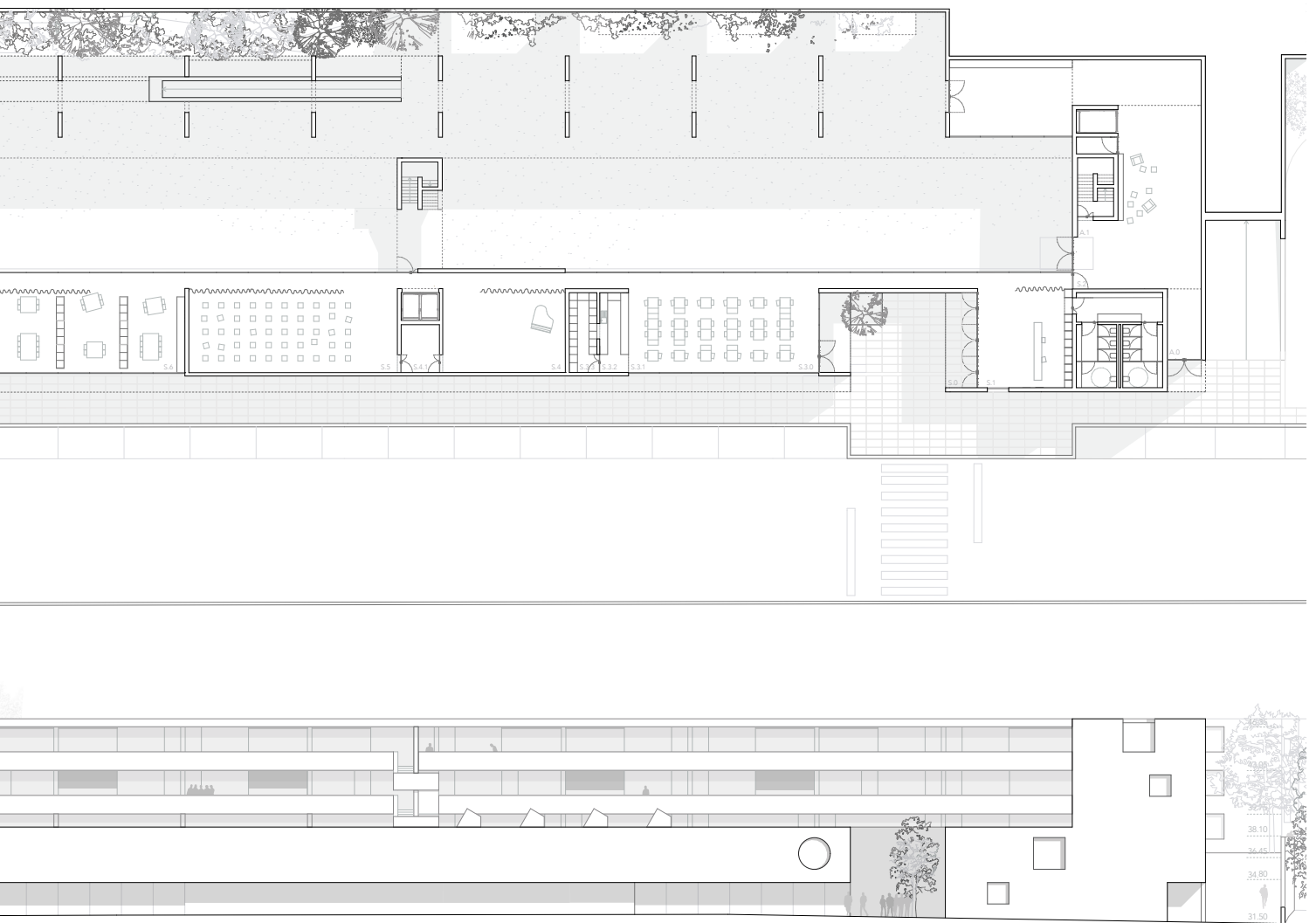
[Des45] Esquissos de pensamento
espaços de Suporte.

[Planta 2] Planta Piso Térreo, à
cota 34.00. Escala 1:500

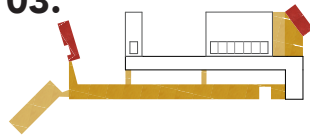
[Alçado 1] Avenida do Parque

0 1 5 10 20m





03.



PISO 1 Suporte 1335 m²

S.12 Zona de Espera 70 m²

S.13 Instalações Sanitárias e Chuveiros 70 m²

S.14 Sala de Apoio à Família 85 m²

S.14.1 Grupo 50 m²

S.14.2 Individual 35 m²

S.15 Sala de Terapia Individual 30m² (x4)

S.15.1 Zona de Baixa Estimulação e Transição 5m²

S.16 Zona Técnica e Arrumos 40m²

S.17 Snoezelen 130 m²

S.17.1 Faixas Técnicas de Arrumo dos Dispositivos 40m²

S.18 Refúgio 50 m²

S.19 Instalações sanitárias 40 m²

S.20 Sala de Terapia Ocupacional 84 m²

S.20.1 Arrumo para Colchões e Materiais 14 m²

S.21 Alpendre 200 m²

S.22 Horta 440 m²

S.23 Residência Temporária

S.23.0 Entrada Principal

S.24 Ponte e Entrada Poente

S.25 Quartos Partilhados 15m²;

S.25.1 Instalação Sanitária 4,5 m²

S.26 Zonas Comuns 20m²

S.27 Centro de formação

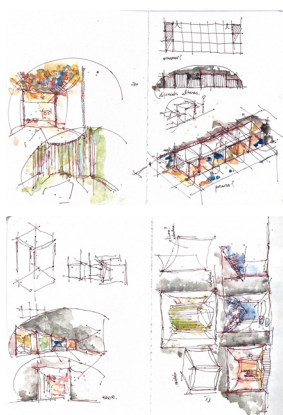
S.27.0 Entrada pela Praça

S.28 Receção 15m²

S.29 Salas de Formação 80m²

S.30 Instalações Sanitárias 10m²

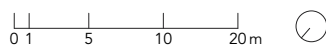
S.31 Praça 450 m²

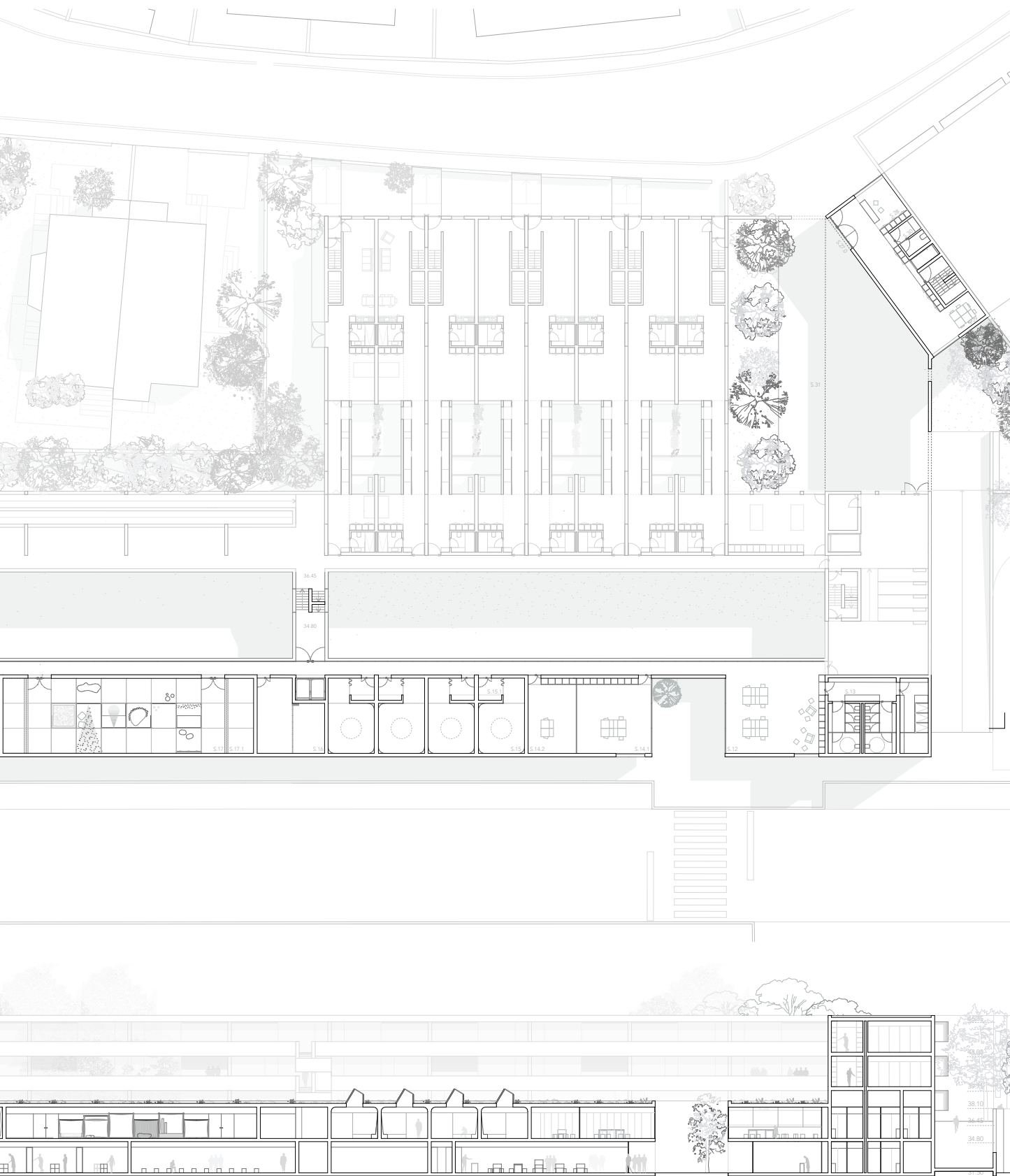


[Fig.46] Esquissos de pensamento Snoezelen.

[Planta 3] Planta Piso 1 à cota 38.00
Escala 1.500

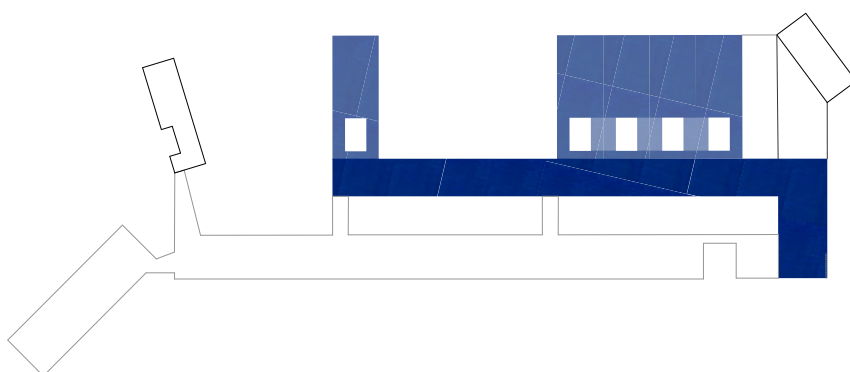
[Corte 1] Longitudinal





04

ACOLHIMENTO



Na ausência de soluções habitacionais adequadas às necessidades das pessoas com PEA, a institucionalização surge frequentemente como solução. Perante esta lacuna, propõe-se o desenho de espaços domésticos, capazes de acompanhar o desenvolvimento destas pessoas desde o diagnóstico na infância e ao longo de toda a vida adulta, respondendo à diversidade do espectro sem necessidade de ruptura ou deslocação. A observação das ações domésticas, através do cinema, revela a importância da casa no quotidiano das pessoas com PEA, contribuindo para a compreensão das suas necessidades espaciais. [Fig.167-176]

Esta intenção materializa-se no *volume de Acolhimento d'A CASA*, que se implanta entre a Rua António Aroso e o Pátio. Os volumes voltados para a Rua António Aroso asseguram a ligação direta à rua e permitem acessos independentes ao conjunto. Em contraste, o volume central, onde moram as pessoas com PEA afasta-se dos limites mais expostos da Avenida do Parque e da Rua António Aroso, criando uma condição de maior segurança, associada a uma relação mais controlada com a envolvente.

O volume central organiza-se verticalmente em três pisos que correspondem a três escalas distintas de habitar: **Habitação em Núcleo Familiar** (A.7, A.8); **Coabitação** (A.12) e **Habitação Independente** (A.15). Cada nível traduz uma forma específica de relação entre a pessoa com PEA, os outros e o espaço, articulando situações de maior necessidade de suporte com contextos de crescente autonomia e independência. Para além dos espaços habitacionais, cada piso integra pequenos programas complementares de suporte que acompanham o quotidiano doméstico: no Piso 1, uma Lavandaria (A.5) e uma zona de convívio em Anfiteatro (A.2); no Piso 2, a Administração (A.9); e no Piso 3, uma Cozinha Comum (A.13) e um Quarto destinado a Cuidadores (A.14).

Ao longo dos pisos, galerias exteriores articuladas por escadas que ligam ao Pátio Central asseguram a ligação entre as diferentes habitações e a continuidade n'A CASA de todos os espaços entre si. As três formas de habitar constituem, assim, um sistema contínuo que permite ajustar a oferta habitacional a diferentes momentos da vida da pessoa com PEA, garantindo a sua permanência n'A CASA, sem necessidade de ruptura, e simultaneamente acolher 32 pessoas, numa enorme diversidade de situações e idades.

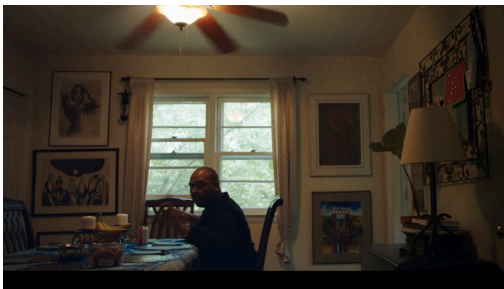
[Fig. 167;168;169] Frame do documentário: *The Reason I jump* (2020), Realizado por Jerry Rothwell. Estados Unidos da America e Reino Unido. Min. 00:29:42; Min. 00:57:44; Min. 00:38:35;

[Fig. 170; 171] Frame do Documentário: *Makayla's Voice: A Letter to the World* (2024). Realizado por Julio Palacio. Estados Unidos. Min. 00:13:55; Min. 00:17:45; In <https://www.netflix.com/pt/title/81926434>

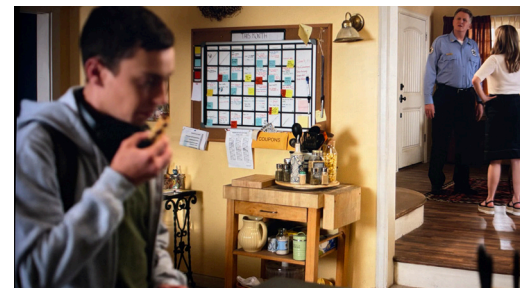
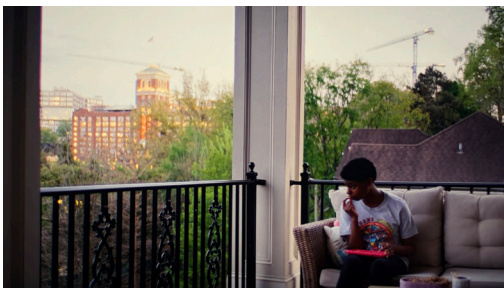
[Fig. 172; 173] Frame do filme: *El Faro de las Orcas* (2016), realizado por Gerardo Olivares. Espanha e Argentina. Min. 00:12:30; Min. 00:15:17. In <https://www.netflix.com/pt/title/80105690>

[Fig. 174] Frame do filme: *La Belle Étincelle* (2023), realizado por Hervé Mimran. França. Min 00:51:00.

[Fig. 175;176] Frame da Série: *ATYPICAL* (2021), realizado por Robia Rashid. 4 temporadas. Estados Unidos da America. Episódio 2 da temporada 3. Min 00:15:18; Min 00:11:38; In <https://www.netflix.com/pt/title/80117540>.



167 172
168 173
169 174
170 175
171 176



04.01.01 A CASA EM CRESCIMENTO, HABITAÇÃO EM NÚCLEO FAMILIAR

A **Habitação em Núcleo Familiar** (A.7; A.8) localiza-se no primeiro piso do *volume de Acolhimento*, estendendo-se até à Rua António Aroso. Esta escala de habitar destina-se a 14 crianças com PEA, entre os 2 e os 18 anos de idade e às suas famílias, acompanhando o período inicial de desenvolvimento até ao momento em que seja possível a transição para uma escala de maior autonomia.

Surge como resposta à ausência de soluções habitacionais após o diagnóstico de autismo, num contexto em que as existentes implicam frequentemente uma rutura abrupta do vínculo familiar através da institucionalização. Em oposição, propõe-se uma estrutura que permite manter a presença da família, reconhecendo a importância que o contexto familiar assume durante a infância, período em que a casa se constitui como o principal espaço de referência para crianças com PEA. É neste ambiente que se constroem as primeiras bases de estabilidade, segurança e relação com o espaço. O ambiente doméstico acolhe a vida em família, onde “(...) todos se apoiam mutuamente”¹¹⁹ e se desenha uma “*moldura para a vida*”¹²⁰. Para além disso, durante esta fase inicial, frequentemente marcada por situações de fragilidade e instabilidade, a integração n’A CASA permite que, além da pessoa com PEA, também a sua família encontre maior acompanhamento e suporte através da convivência e partilha com outras famílias e profissionais. Em consequência, as habitações articulam-se diretamente com os *Espaços de ações Terapêutica*, ligados pela galeria e pelo pequeno *Anfiteatro*, também apropriável para usos informais como, por exemplo, *cinema ou teatro em casa*.

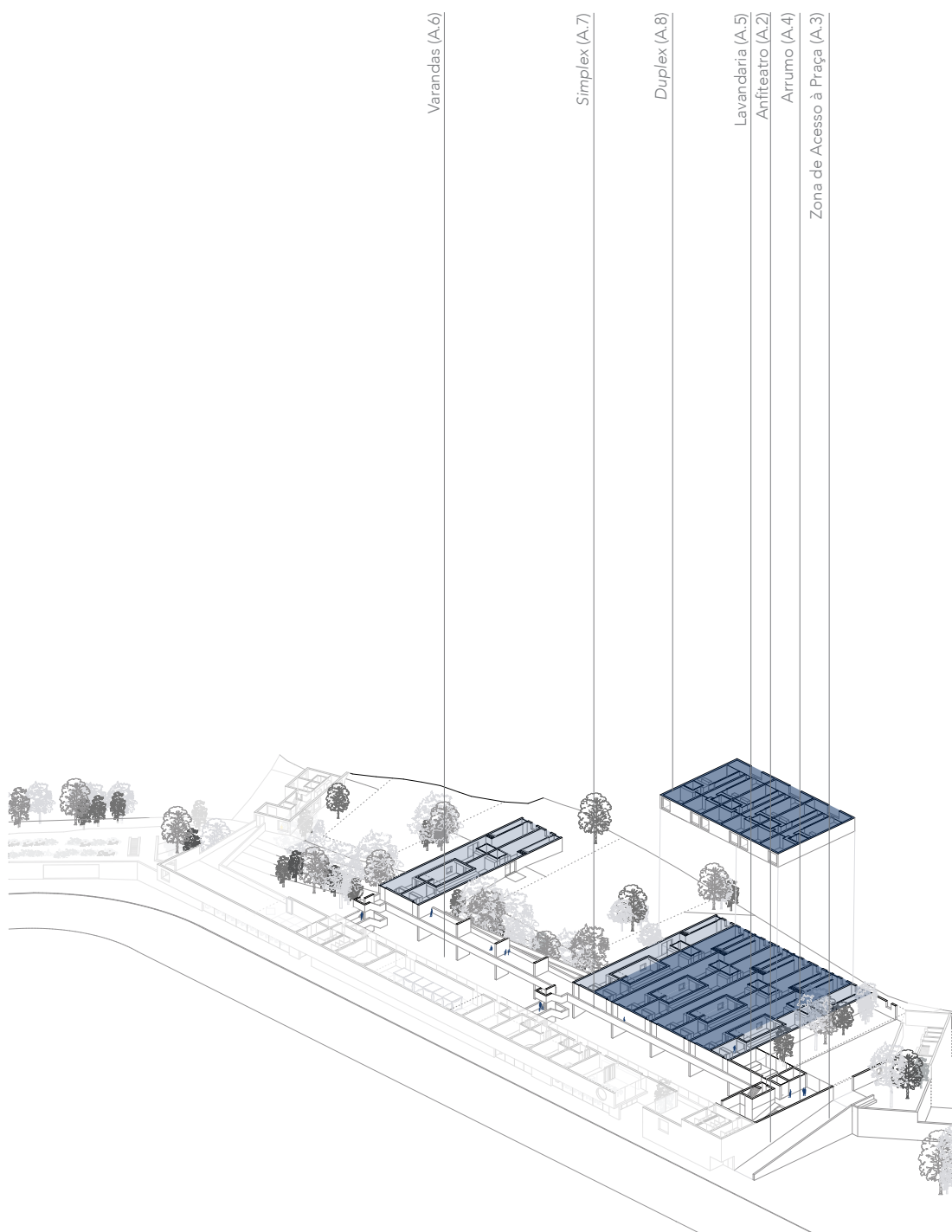
As Habitações em Núcleo Familiar procuram responder a estas necessidades através da divisão em 6 *duplex* e 8 *simplex*, que se encontram tanto no Piso 1 como no Piso 2. Implantados a nascente no terreno, tiram partido da topografia para integrar duas entradas distintas¹²¹ associados a diferentes formas de acesso. A entrada pela Rua António Aroso (A.7.0; A.8.0) caracteriza-se por um ambiente mais íntimo e reservado, predominantemente utilizado pelas famílias. Por outro lado, o acesso a partir da Avenida do Parque (A.7.6.0; A.8.6.0) estabelece um sistema mais controlado e seguro, uma vez que o percurso atravessa sucessivos espaços coletivos d’A CASA, permitindo uma transição gradual entre o espaço público e o espaço doméstico, especialmente importante para pessoas com PEA. A entrada pela Rua António Aroso realiza-se através de rampas que atravessam um pequeno jardim e conduzem a sete entradas distintas, posteriormente subdivididas em dez acessos às habitações.

A partir deste ponto, a habitação revela-se progressivamente: a **Sala** (A.7.1; A.8.1) surge como primeiro espaço, prolongando-se para a **Cozinha** e conduzindo ao **Quarto dos Pais** (A.7.3; A.8.3), ao **Corredor**

119. in Miguel, J. M. C. (2003). *A casa*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. p.22.

120. Rasmussen, S. E. (2007). *Viver a arquitectura*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, p.143.

121. “O número de acessos, o de portas interiores, a sua forma de uso, constituem uma rede de dispositivos que são a expressão sofisticada da variedade de usos de uma casa (...) das invariantes menos questionadas até hoje nas casas é sem dúvida a existência de uma única porta de entrada” in Montey, X., & Fuertes, P. (2001). *Casa collage : un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, p.72.



Des.47

[Des.47] Axonometria Piso 1

04.01.01

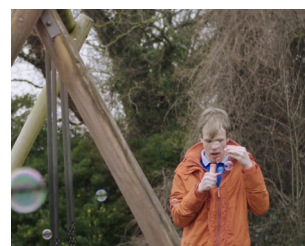
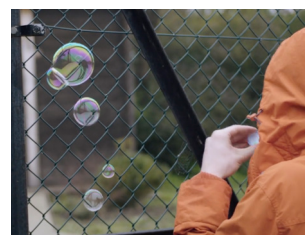
(A.7.4; A.8.4) e, por fim, ao **QuartoPEA1** (A.7.6; A.8.6) À medida que o percurso avança, os espaços tornam-se gradualmente mais contidos e resguardados, acompanhando diferentes níveis de intimidade e permanência. A organização doméstica estrutura-se em torno de um Jardim que regula diferentes graus de proximidade e afastamento entre os habitantes, ao mesmo tempo que estabelece uma ligação direta com o Corredor. Este assume particular importância no contexto da PEA, uma vez que a mudança de ambientes pode representar um momento de maior exigência sensorial.

Para além de organizar a casa, o **Jardim** (A.7.5, A.8.5) introduz uma relação com o exterior, permitindo diferentes formas de contacto com a natureza. Numa fase inicial da vida da pessoa com PEA, os jardins em pátios representam “(...) uma boa opção, pois são legíveis, privativos, seguros e protegidos”¹²², possibilitando uma aproximação gradual ao exterior sem sair de casa¹²³, tornando possível cruzar o olhar com os vizinhos ou brincar com o amigo do lado. Posteriormente, à medida que aumenta a necessidade de autonomia, o Jardim transforma-se num filtro visual e físico, regulando diferentes graus de relação com o exterior e com os restantes habitantes do núcleo familiar.

É junto ao Jardim, no **Corredor** (A.7.4; A.8.4) entre o Quarto dos Pais e o QuartoPEA1, que se localiza o Armário que permite adaptar a configuração da habitação, assegurando a sua continuidade ou possibilitando a subdivisão em duas unidades autónomas - uma destinada à família e outra à criança com PEA. Deste modo, torna-se possível ajustar gradualmente os níveis de partilha ou autonomia [Des.48], ao mesmo tempo que o Armário introduz uma dimensão mais lúdica, próxima de um brinquedo, criando a possibilidade de criar um *refúgio* para a criança dentro do espaço doméstico.

O habitar em Núcleo Familiar constrói-se como uma coreografia lenta, onde cada um encontra o seu lugar. É neste sentido que, a esta escala, a casa deixa de ser entendida como um espaço fixo e definitivo e passa a acompanhar mudanças de rotina, diferentes níveis de autonomia e diferentes fases de desenvolvimento da pessoa com PEA.

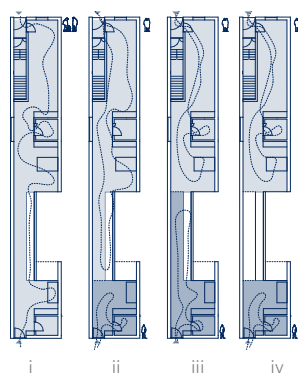
O percurso de Joss apresentado no documentário *The Reason I Jump* evidencia como a habitação pode revelar dificuldades em acompanhar episódios de desregulação da criança com PEA [Fig 177; 178]. Nestes momentos, torna-se evidente a importância de integrar, no ambiente doméstico, elementos capazes de proporcionar abrigo, redução de estímulos e uma maior sensação de controlo sensorial, através de formas mais lúdicas e informais de apropriação do espaço.



[Fig.177;178] Frames do Documentário: *The reason I jump* (2020), Realizado por Jerry Rothwell. 1h22. Estados Unidos da America e Reino Unido. Min. 00:33:29; 00:33:35.

122. in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.98.

123. in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.125.



[Des.48] Esquema das possibilidades de proximidade ou afastamento proporcionadas pelo Armário enquanto elemento de separação, bem como das duas entradas independentes e dos possíveis percursos no interior da habitação.

Entrada Galeria Exterior (A.7.6.0)
Instalação Sanitária (A.7.6.1)

QuartoPEA1 (A.7.6)

Armário

Jardim (A.7.5)

Quarto 4 (A.8.8)

Corredor (A.7.4)

Quarto dos Pais (A.7.3)

Instalação Sanitária (A.8.9)

Instalação Sanitária (A.7.2)

Quarto 3 (A.8.7)

Sala e Cozinha (A.7.1)

Entrada Rua Antônio Aroso (A.7.0)



[Des.49] Axonometria de um *Du-plex* e um *Simplex*, da escala do Núcleo Familiar. Escala 1.300.

177
178 Des.48
Des.49

O Armário consiste num dispositivo capaz de acompanhar diferentes necessidades ao longo da infância, funcionando simultaneamente como espaço seguro e regulador em momentos de desregulação, e como elemento lúdico.

Numa casa pensada para a infância associada à PEA, pensar no ambiente doméstico à escala da criança implica alterar profundamente o *ponto de vista*¹²⁴, onde não há funções definidas e o *brincar*¹²⁵ se torna forma de explorar o espaço através do corpo¹²⁶, divertindo-se ao mesmo tempo que "(...) desenvolve importantes habilidades cognitivas e emocionais."¹²⁷ A casa pode transformar-se num "jogo"¹²⁸ de descoberta e imaginação. O chão, as superfícies baixas e os percursos tornam-se referências constantes, estruturando um plano contínuo de exploração, exigindo uma atenção particular "(...) naqueles elementos, como as portas, os armários e as janelas, para poder melhorar o uso e a aprendizagem das crianças sobre a casa"¹²⁹. É a partir desta atenção ao detalhe e à dimensão do habitante que surge o Armário, que para além de ser capaz de alterar as relações dentro da casa, é um brinquedo habitável.

Neste sentido, aproxima-se tanto dos brinquedos desenvolvidos por Alma Siedhoff-Buscher no contexto da Bauhaus, que defende que "as crianças devem, se possível, ter um espaço onde possam ser o que quiserem. Tudo nele lhes pertence, a imaginação molda-o"¹³⁰ [Fig. 181-183]; como das experiências pedagógicas de Herman Hertzberger na *Montessori School Delft*, estabelecendo uma relação entre mobiliário, jogo e apropriação do espaço, onde elementos simples e manipuláveis estimulam a exploração. [Fig. 179, 180]

Junto ao Armário, o Corredor estreita-se e a luz que vem do exterior altera-se, desenhando sombras no chão¹³¹ e tornando a relação com o Jardim contida e regulada. O Armário [Des.50], uma estrutura de madeira com 9,0 metros de comprimento, 0,80 metros de largura e 2,4 m de altura integra diferentes possibilidades: o corpo aproxima-se, toca e ajusta-se, tornando o interior apropriável de múltiplas formas. Pode entrar-se por um lado e sair-se por outro; atravessar-se rapidamente ou permanecer-se parado a meio; ocupar-se o nicho a olhar para o exterior ou brincar com os blocos de madeira soltos; pode-se encontrar uma passagem secreta, um esconderijo ou um refúgio onde os estímulos podem ser controlados e manipulados pela própria criança. Neste mesmo ambiente, um baloiço suspenso introduz movimentos serenos; uns tecidos pendurados criam sombra. O uso do Armário constrói-se através da imaginação. O espaço transforma-se, podendo acolher tanto a agitação como o recolhimento. Como uma *bande ative*¹³², o Armário é uma estrutura de vida doméstica, um lugar habitável, entre o interior e o exterior, entre a vida em família ou a autonomia.

124. in Monteys, X., & Fuertes, P. (2001). *Casa collage : un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, p.36.

125. "Herbert Spencer e Karl Groose, definiram o brincar em termos biológicos e teleológicos como um instinto inato que prepara o organismo para a vida adulta ou permite a descarga de energias excedentes." in Kozlovsky, R. (2013). *The architectures of childhood : children, modern architecture and reconstruction in postwar England*. Farnham, Surrey: Ashgate, p.51.

126. "(...) a exploração através do corpo é muito rica em informação e alegre porque é variada e, de alguma maneira, complexa e exigente fisicamente, as crianças normalmente não se divertem com superfícies planas, comodas e estáticas" in Bartolomé, J. (2025). *Alegría arquitectónica (o cómo emocionar diseñando edificios para la sociedad contemporánea)*. Madrid: Ediciones Asimétricas, p.65.

127. in Bartolomé, J. (2025). *Alegría arquitectónica (o cómo emocionar diseñando edificios para la sociedad contemporánea)*. Madrid: Ediciones Asimétricas, p.65.

128. in Monteys, X., & Fuertes, P. (2001). *Casa collage : un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, p.30.

129. in Monteys, X., & Fuertes, P. (2001). *Casa collage : un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, p.41.

130. in *The Architectural Review*. Alma Siedhoff-Buscher (1899-1944) <https://www.architectural-review.com/essays/reputations/alma-siedhoff-buscher-1899-1944>

131. "(...) opte por corredores (...) com janelas ou portas que se abram para espaços compartilhados ou pátio." in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.53.

132. Léger, J.-M., & Darugar, G. (2006). *Yves Lion : logements avec architecte*. Paris: Creaphis.



[Fig. 179; 180] Escola Montessori, Delft, Países Baixos, 1960-66, Hertzberger. in Hertzberger, H., & Rike, I. (1991). *Lessons for students in architecture*. Rotterdam: 010 Publishers, p.154.

[Fig. 181] Armário Infantil multiusos, para o quarto infantil de Haus am Horn, 1923, Alma Siedhoff-Buscher. in <https://www.architectural-review.com/essays/reputations/alma-siedhoff-buscher-1899-1944>

[Fig. 182] Desenhos do projeto para o quarto infantil da Haus am Horn, 1923, Alma Siedhoff-Buscher in <https://www.architectural-review.com/essays/reputations/alma-siedhoff-buscher-1899-1944>

[Fig. 183] Caixas de brinquedos infantis, Alma Siedhoff-Buscher, 1925. in https://www.modern-xx.com/alles/varia/00129/index_1.html

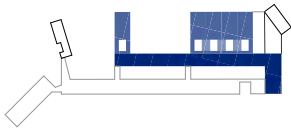
[Fig. 184] Jardim de infância, Ishikawa, Japão, 2013, Kengo Kuma. in divisare, <https://divisare.com/projects/231413-kengo-kuma-and-associates-kids-academy-taiyogaoka-hoikuen>

[Des. 50] Armário: Madeira natural, módulo de 60 x 80 cm e linóleo colorido.



179 180 181
182 183 184
Des.50

04.



PISO 1 Acolhimento - 2150 m²

A.2 Anfiteatro 100 m²

A.3 Zona de Acesso à Praça 35 m²

A.4 Arrumo 10m²

A.5. Lavandaria 55 m²

A.6 Varandas

A.7. SIMPLEX 100 m²

A.7.0 Entrada Rua Antônio Aroso

A.7.1 Sala e Cozinha 35 m²

A.7.2 Instalação Sanitária 5 m²

A.7.3 Quarto dos Pais 25 m²

A.7.4 Corredor 20 m²

A.7.5 Jardim 34 m²

A.7.6 QuartoPEA1 25 m²

A.7.6.0 Entrada Galeria Exterior

A.7.6.1 Instalação Sanitária 5 m²

A.7.7 Quarto2 25 m²

A.8. DUPLEX 260 m²

Piso 1

A.8.0 Entrada Rua Antônio Aroso

A.8.1 Sala e Cozinha 35 m²

A.8.2 Instalação Sanitária 5 m²

A.8.3 Quarto dos Pais ou Escritório 25 m²

A.8.4 Corredor 20 m²

A.8.5 Jardim 34 m²

A.8.6 QuartoPEA1 25 m²

A.8.6.0 Entrada Galeria Exterior

A.8.6.1 Instalação Sanitária 5 m²

Piso 2

A.8.7 Quarto3 20 m²

A.8.8 Quarto4 20 m²

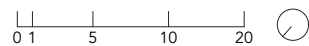
A.8.9 Instalação Sanitária 5 m²

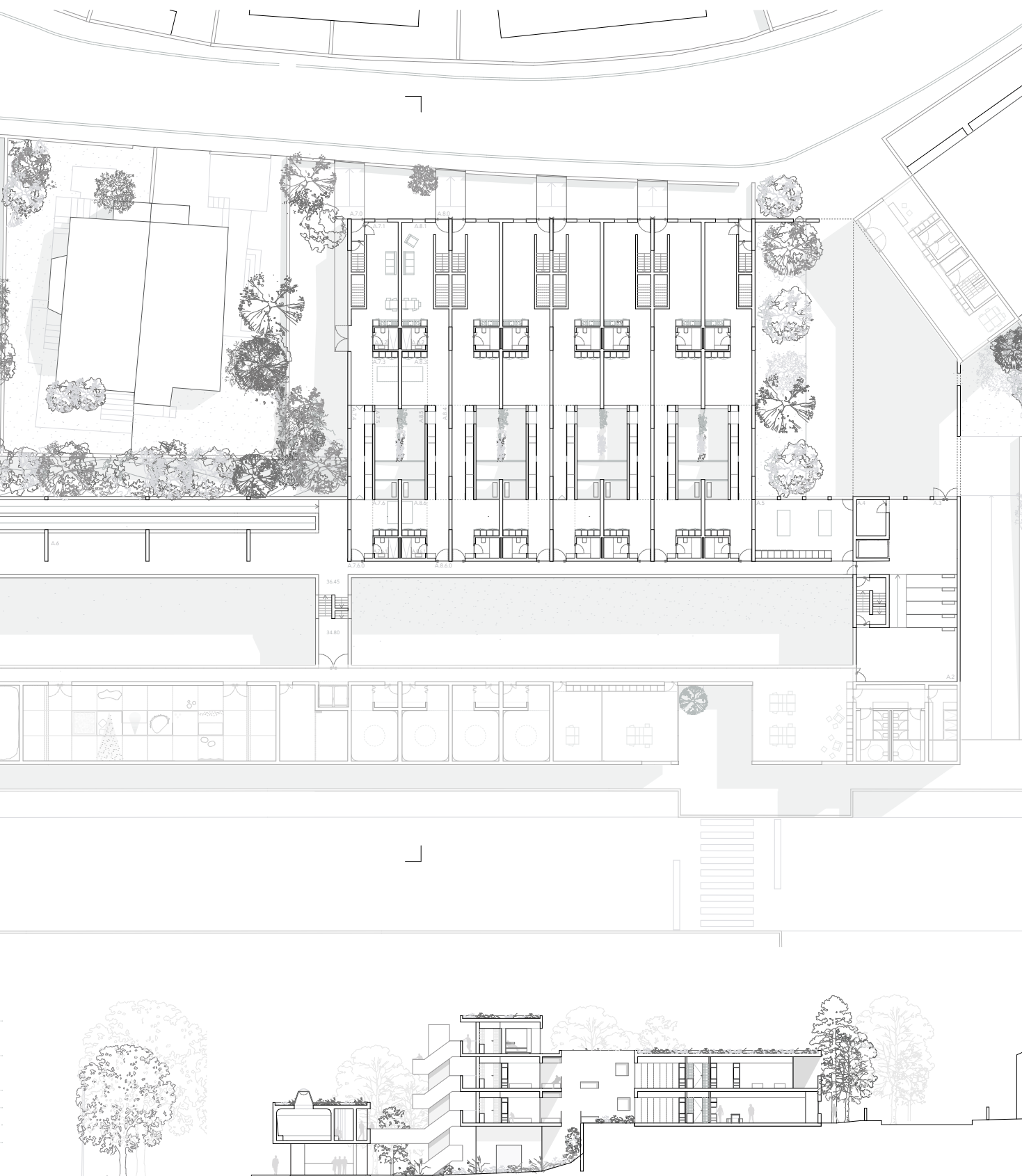


[Planta 3] Planta Piso 1, à cota 38.00

Escala 1.500

[Corte 2; 3] Cortes Transversais





04.01.02 A CASA COMO PARTILHA E CONSTRUÇÃO DE AUTONOMIA, COABITAÇÃO

A **Cohabitação** (A.12) localiza-se no segundo piso do volume de *Acolhimento*. Esta escala de habitar destina-se a 8 jovens ou adultos com PEA, a partir dos 18 anos, acompanhando um momento de transição entre o contexto familiar e formas de vida mais autónomas.

Para muitos destes habitantes a relação com outras pessoas não é imediata; aproximar-se, iniciar contacto, manter interações sociais ou participar em atividades partilhadas pode exigir um esforço constante. O isolamento torna-se frequente, como resposta à dificuldade de gerir estímulos e expectativas sociais, permanecendo o desejo de pertencer, de contribuir e de fazer parte de uma comunidade, acreditando que, quando positivas, todas as experiências de partilha trazem benefícios significativos.¹³³

Ao contrário de viver no Núcleo Familiar, onde a presença e o apoio são constantes, propõem-se que na oportunidade de *Cohabitar*¹³⁴, a proximidade não se imponha, mas se torne uma condição possível que pode variar consoante a vontade e disponibilidade dos habitantes, “desde não querer nenhum contacto social em certos momentos (...) até querer algum contacto social (...) ou ainda precisar de um contacto excessivamente constante”¹³⁵. A vida quotidiana organiza-se na procura de um equilíbrio entre o privado e o comum, “(...) entre o recolhimento num espaço próprio e a presença em público, entre uma relação fechada e uma totalmente aberta ao outro”.¹³⁶ Um exemplo que traduz esta lógica de entreaajuda é o *Sweetwater Spectrum*, projetado pelo atelier LMS Architects (2013), na Califórnia. [Fig. 185]

Coabitar implica pensar na casa em permanente transformação onde as relações se constroem progressivamente com o tempo, evitando ruturas abruptas e permitindo que a relação com o outro ocorra de forma gradual. Assume-se como uma “questão de longevidade”¹³⁷, onde “(...) os acordos de todos os tipos e as negociações visam tornar a coabitação viável, sustentável e desejável”.¹³⁸ A autonomia não se afirma na separação, mas na capacidade de coexistir, na interajuda e na interdependência que estruturam o quotidiano.¹³⁹

O desenho da *Cohabitação* n’A CASA, estrutura-se a partir de dois momentos distintos: o individual e o comum, que formam um conjunto. O primeiro corresponde a dois **QuartoPEA2** (A.12.1) entendidos como os espaços de privacidade e autonomia, onde cada habitante pode controlar o seu ambiente e os seus ritmos.

133. “Vários adultos e adolescentes sentem-se isolados, têm dificuldades em iniciar contacto e interação social e raramente participam em atividades sociais e recreativas. No entanto, (...) alguns expressam o desejo de contribuir para a comunidade.” in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.54.

134. “(...) ato de viver juntos sem laços românticos, na mesma habitação ou em habitações coletivas com territórios pessoais e espaços partilhados.” Eleb, M., & Bendimérad, S. (2018). *Ensemble et séparation: Des lieux pour cohabiter*. Bruxelles: Éditions Mardaga. p.11.

135. in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.54.

136. “Ideia de coabitar” de Mare Breviglieri in Eleb, M., & Bendimérad, S. (2018). *Ensemble et séparation: Des lieux pour cohabiter*. Bruxelles: Éditions Mardaga. p.23.

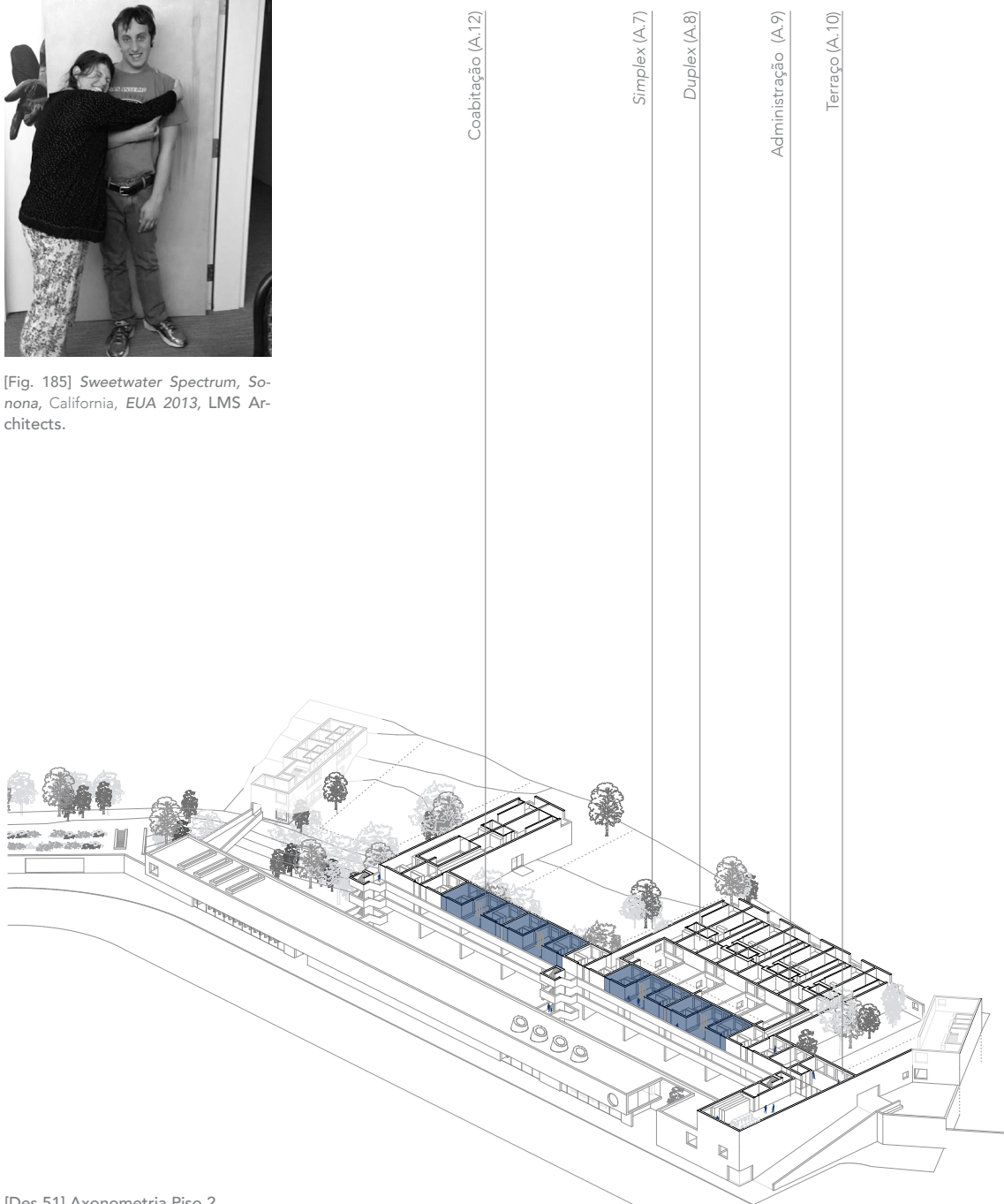
137. Eleb, M., & Bendimérad, S. (2018). *Ensemble et séparation: Des lieux pour cohabiter*. Bruxelles: Éditions Mardaga. p.14.

138. Eleb, M., & Bendimérad, S. (2018). *Ensemble et séparation: Des lieux pour cohabiter*. Bruxelles: Éditions Mardaga. p.14.

139. “A base da coabitação está, portanto, na sua adoção de interdependência, que ressoa profundamente com o espírito dos direitos das pessoas com deficiência” in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p. 185.



[Fig. 185] *Sweetwater Spectrum*, Sonoma, California, EUA 2013, LMS Architects.



[Des.51] Axonometria Piso 2.

Des.51

04.01.02

Cada quarto possui uma Entrada Independente (A.12.1.0) a partir da galeria exterior, permitindo entrar e sair sem atravessar necessariamente o espaço partilhado e possibilitando diferentes níveis de proximidade e convivência.

Entre os dois quartos surge a **Saleta** (A.12.2), que, por um lado, se afirma como espaço comum - lugar de encontro e de construção de relações, onde a presença do outro se torna possível, mas não obrigatória; e por outro, introduz um afastamento entre as áreas mais íntimas, porque "incluir diversas áreas de convívio de tamanhos variados para permitir que os residentes escolham quando socializar ou não e não se sintam aglomerados".¹⁴⁰ Tal como acontece na relação entre Emma e Ben no documentário *The Reason I Jump*, a convivência constrói-se através da presença e da partilha quotidiana do espaço, sem exigir uma interação permanente. [Fig. 186; 187]. Configurada por planos móveis de madeira que a isolam, ou não, dos dois quartos e por planos de vidro voltados para o exterior a nascente e a poente, a Saleta apresenta um desenho contido e permeável. Através dos planos de vidro, abre-se para a galeria que, entendida nos outros pisos como espaço de distribuição entre casas e cruzamento entre habitantes, é aqui reinterpretada como extensão do habitar, incorporando através do seu alargamento pontual, possibilidades de permanência e convivência. Entre o espaço doméstico e a galeria cria-se, assim, uma **Varanda** (A.12.3) que é um espaço de *intervalo* capaz de eliminar a divisão rígida entre áreas com diferentes *demarcações territoriais*¹⁴¹ [Des.52]. A Varanda não pertence totalmente a nenhum dos dois domínios que articula, permite a "(...) acomodação entre mundos contíguos"¹⁴² e suspensa entre dentro e fora, entre o doméstico e o comum, assume-se como "(...) um espaço de boas-vindas e de despedidas e, portanto, a tradução, em termos arquitetónicos, da hospitalidade".¹⁴³ Esta ideia aproxima-se dos espaços de entrada do lar de idosos *De Drie Hoven*, de 1971, projetado por Herman Hertzberger, onde pequenos alargamentos antes das entradas das habitações funcionam como lugares de interações sociais. Por outro lado, à semelhança do alojamento para estudantes *Weesperstraat Housing*, do mesmo arquiteto, também aqui a galeria deixa de funcionar apenas como circulação, tornando-se um espaço comum de convivência quotidiana.[Fig. 188;189]

A partir da Varanda, ouvem-se portas a abrir e a fechar, e o cruzamento espontâneo e informal entre vizinhos acontece. Hoje a conversa surge aqui, amanhã será noutro lugar. Mais do que um espaço de chegada ou saída da casa, a galeria aproxima-se da ideia de rua, ao possibilitar a vivência partilhada entre os habitantes e transformando-se continuamente ao longo do dia. Com o fecho sucessivo das portas, os 4 apartamentos da Coabitação encerram-se sobre si mesmos, suspendendo a relação com o exterior, até que um novo dia comece.



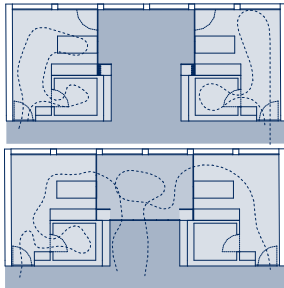
[Fig. 186,187] Frames do documentário: *The reason I jump* (2020), Realizado por Jerry Rothwell. 1h22. Estados Unidos da America e Reino Unido. Min. 00:45:37 e 00:45:08.

140. in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.99.

141. "Uma área aberta, um quarto ou um espaço podem ser concebidos como um lugar mais ou menos privado ou como uma área pública, dependendo do grau de acesso, da forma supervisão, de quem o utiliza, de quem toma conta dele e de suas respectivas responsabilidades." in Hertzberger, H. (1996). *Lições de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes.p.14.

142. in Hertzberger, H. (1996). *Lições de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes.p.35.

143. in Hertzberger, H. (1996). *Lições de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, p.35.



[Des.52] Esquemas de possibilidades de aberturas dos Paineis. Varandas e espaços de intervalo.

[Fig.188] *Lar de idosos de Drie Hoven, Holanda, 1971, Herman Hertzberger.* "Os corredores servem como ruas num edifício que deve funcionar como uma cidade para os seus moradores" in Hertzberger, H. (1996). *Lições de arquitetura.* São Paulo: Martins Fontes. p.40.

[Fig.189] *Alojamento para estudantes, Weesperstraat, Holanda, 1959, Herman Hertzberger.* "(...) uma rua-galeria, que poderia ser vista como um protótipo para uma rua de convivência" in Hertzberger, H. (1996). *Lições de arquitetura.* São Paulo: Martins Fontes, p.54.



Varanda (A.12.3)

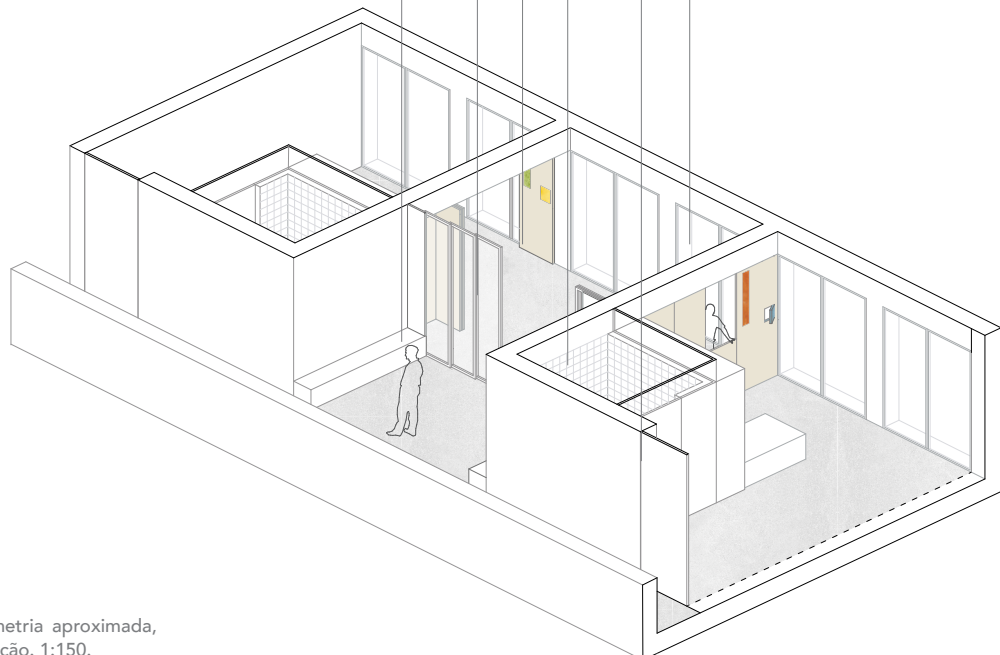
Saleta (A.12.2)

Painel

Instalação Sanitária (A.12.1.1)

Entrada QuartoPEA2 (A.12.1.0)

QuartoPEA 2 (A.12.1)



[Des.53] Axonometria aproximada, Módulo coabituação. 1:150.

188 189
Des 52
187
186
Des 53

Entre o espaço individual e o espaço partilhado de cada apartamento de Coabitação, o **Painel** permite ajustar a relação com o outro e com o espaço de forma gradual.

A partir do QuartoPEA2 observa-se a Saleta através das possíveis aberturas do Painel¹⁴⁴ [Des. 54], constituído por 4 folhas móveis - 3 de 0,60 metros, e uma Porta de 1 metro de largura. Através deste, percebe-se o ambiente, vê-se ainda sem ser visto, permitindo antecipar, controlar e preparar a relação com o outro espaço e com o coabitante. A interação constrói-se gradualmente, regulada por distâncias e por limites que deixam escolher quando estar presente.¹⁴⁵

Agarra-se o puxador e a Porta começa a abrir lentamente, marcando a distância necessária entre o estar só e o estar acompanhado. Não é apenas uma passagem nem deve *"(...) ser aqui considerada como um objeto ou uma simples abertura, mas sim como um limiar e um espaço de transição com toda a sua profundidade"*¹⁴⁶. Para as pessoas com PEA, a Porta não é um elemento neutro: quando impõe uma separação abrupta ou impede a leitura do espaço, pode intensificar a sensação de imprevisibilidade e gerar desconforto ou ansiedade. Assim, *"o espaço da coabitação requer transições, espaços intermédios, luz e sombra, uma mistura de opacidade e transparência (...) Trata-se, acima de tudo de equilíbrio, de graduar a partilha"*¹⁴⁷.

A flexibilidade do espaço torna-se fundamental tornando a posição da Painele determinante: quando fechado, define limites e autonomiza os espaços; quando aberto, dissolve essa separação, permitindo a passagem e uma relação contínua entre os QuartoPEA2 e a Saleta. Os painéis podem fechar-se totalmente [i], abrir apenas a Porta [ii]; permitir apenas a abertura das zonas superiores [iii] ou abrir-se completamente [iv]. Na Porta, surgem ainda pequenas aberturas que, mesmo quando os painéis se encontram totalmente fechados, permitem espreitar para a Saleta. À semelhança das propostas de Herman Hertzberger para os lares *De Drie Hoven* e *De Overloop*, as várias formas de abertura das Portas, permitem estabelecer contacto, conversar ou participar no espaço comum, mantendo simultaneamente uma certa proteção e recolhimento. [Fig.190 - 192]

Assim, mais do que uma abertura física, a Porta afirma-se como *"um elemento central da organização espacial"*¹⁴⁸.

144. "Em casas com vários moradores, é importante incluir uma janela de visualização ou luz lateral nas portas dos quartos para permitir que os moradores visualizem o corredor antes de entrar. Para privacidade, uma pequena cortina ou persiana pode ser instalada." in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.104.

145. "A forma como o ambiente construído é estruturado pode facilitar ou dificultar a regulação da distribuição de informações, das quais dependem a interação social e a privacidade. (...) O acesso visual é a capacidade de monitorizar o ambiente espacial imediato através da visão, em função da presença de portas, paredes, espelhos e superfícies opacas ou refletoras, bem como da posição do indivíduo." in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.58.

146. Eleb, M., & Bendimérad, S. (2018). *Ensemble et séparation: Des lieux pour cohabiter*. Bruxelles: Éditions Mardaga. p.104

147. Eleb, M., & Bendimérad, S. (2018). *Ensemble et séparation: Des lieux pour cohabiter*. Bruxelles: Éditions Mardaga. p.110.

148. Eleb, M., & Bendimérad, S. (2018). *Ensemble et séparation: Des lieux pour cohabiter*. Bruxelles: Éditions Mardaga. p.107.



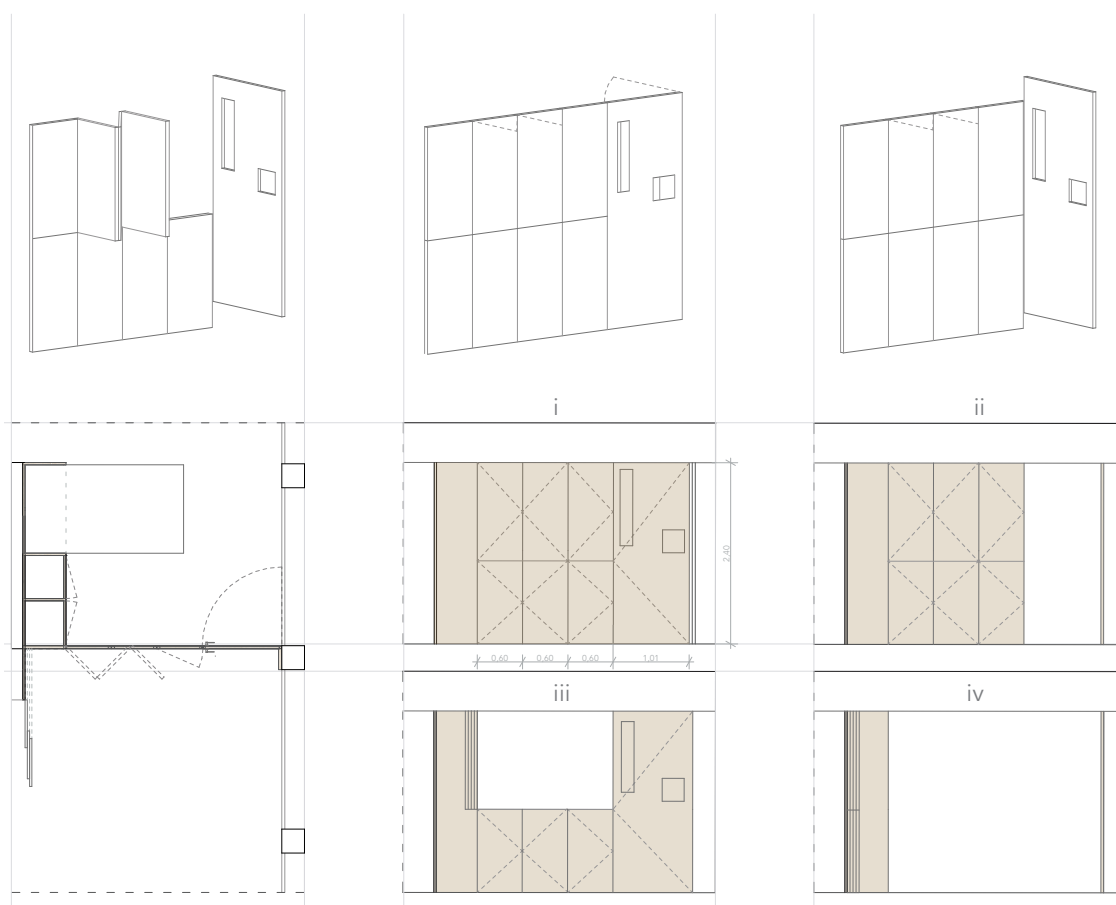
[Fig. 190;191] Lar de idosos de Drie Hoven, Holanda, 1971, Herman Hertzberger. in <https://hicarquitectura.com/2024/05/herman-hertzberger-housing-for-old-and-disabled-people/>

[Fig.192] De Overloop, Home for the Elderly, 1980-1984, Holanda, Herman Hertzberger.

[Des.54] Axonometria do painel e da Porta.

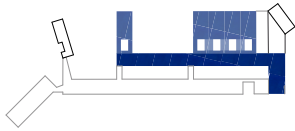


0 1 5m



190 191
192
Des 54

04.



PISO 2 Acolhimento - 2000 m²

A.9 Administração 150 m²

A.9.1 Gabinete 10 m²

A.9.2 Arquivo 20 m²

A.10 Terraço

A.10.0 Acesso ao Terraço 50 m²

A.11. Zona Técnica e Arrumos

A.7. *SIMPLEX* 100 m²

A.7.0 Entrada Rua Antônio Aroso

A.7.1 Sala e Cozinha 35 m²

A.7.2 Instalação Sanitária 5 m²

A.7.3 Quarto dos Pais 25 m²

A.7.4 Corredor 20 m²

A.7.5 Jardim 34 m²

A.7.6 QuartoPEA1 25 m²

A.7.6.0 Entrada Galeria Exterior

A.7.6.1 Instalação Sanitária 5 m²

A.7.7 Quarto 2 25 m²

A.8. *DUPLEX* 260 m²

Piso 1

A.8.0 Entrada Rua Antônio Aroso

A.8.1 Sala e Cozinha 35 m²

A.8.2 Instalação Sanitária 5 m²

A.8.3 Quarto dos Pais ou Escritório 25 m²

A.8.4 Corredor 20 m²

A.8.5 Jardim 34 m²

A.8.6 QuartoPEA1 25 m²

A.8.6.0 Entrada Galeria Exterior

A.8.6.1 Instalação Sanitária 5 m²

Piso 2

A.8.7 Quarto3 20 m²

A.8.8 Quarto4 20 m²

A.8.9 Instalação Sanitária 5 m²

A.12. Coabitação 76 m²

A.12.1 QuartoPEA2 25 m²

A.12.1.0 Entrada QuartoPEA2

A.12.1.1 Instalação Sanitária 5 m²

A.12.2 Saleta 17 m²

A.12.3 Varanda 10 m²

S.23 Residência Temporária

S.23.0 Entrada Principal

S.24 Ponte e Entrada Poente

S.25 Quartos Partilhados 15m²;

S.25.1 Instalações sanitárias 4,5 m²

S.26 Zonas comuns 20m²

S.27 Centro de Formação:

S.27.0 Entrada pela Praça

S.28 Recepção 15m²

S.29 Salas de Formação 80m²

S.30 Instalações Sanitárias 10m²;

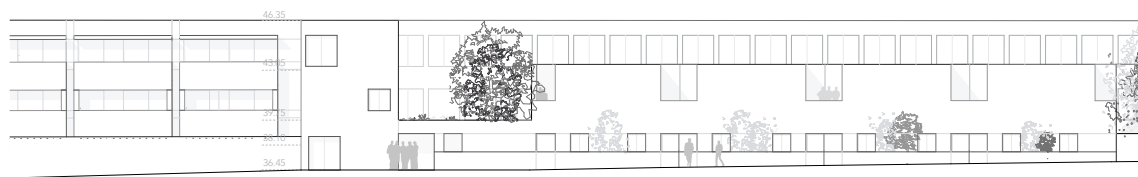
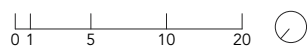
S.31 Praça 450 m²



[Planta 3] Planta Piso 2 à cota

41.00; Escala 1:500

[Alçado 2] Rua Antônio Aroso





A **Habitação Independente** (A.15) localiza-se no último piso do *volume de Acolhimento*. Esta escala de habitar destina-se a 10 jovens ou adultos com PEA, a partir dos 18 anos, e corresponde a uma circunstância de maior autonomia, onde o habitar se afasta progressivamente dos espaços de *Suporte* e se aproxima de uma vivência mais independente.

Ser autônomo não se limita à capacidade de realizar tarefas cotidianas. Para pessoas no espectro do autismo, pode também significar poder exercer controlo sobre o próprio espaço individual,¹⁴⁹ ajustando o ambiente às suas necessidades e às variações da vida e do quotidiano, como por exemplo, poder regular a intensidade da luz, do ruído e a organização dos objetos. O espaço individual deixa de ser apenas cenário e torna-se extensão da pessoa, passando a refletir a identidade, e a forma singular de cada um habitar o mundo.

O **QuartoPEA3** (A.15) assume-se como *“um ninho seguro - um espaço conhecido à nossa volta, onde sabemos que as nossas coisas estão seguras e onde podemos concentrar-nos sem sermos perturbados pelos outros. (...) Todos precisam de uma espécie de ninho para pousar”*¹⁵⁰. Neste sentido, o espaço íntimo, é um território onde o corpo e a mente podem regular-se, como um mecanismo de equilíbrio¹⁵¹, capaz de reduzir a ansiedade.

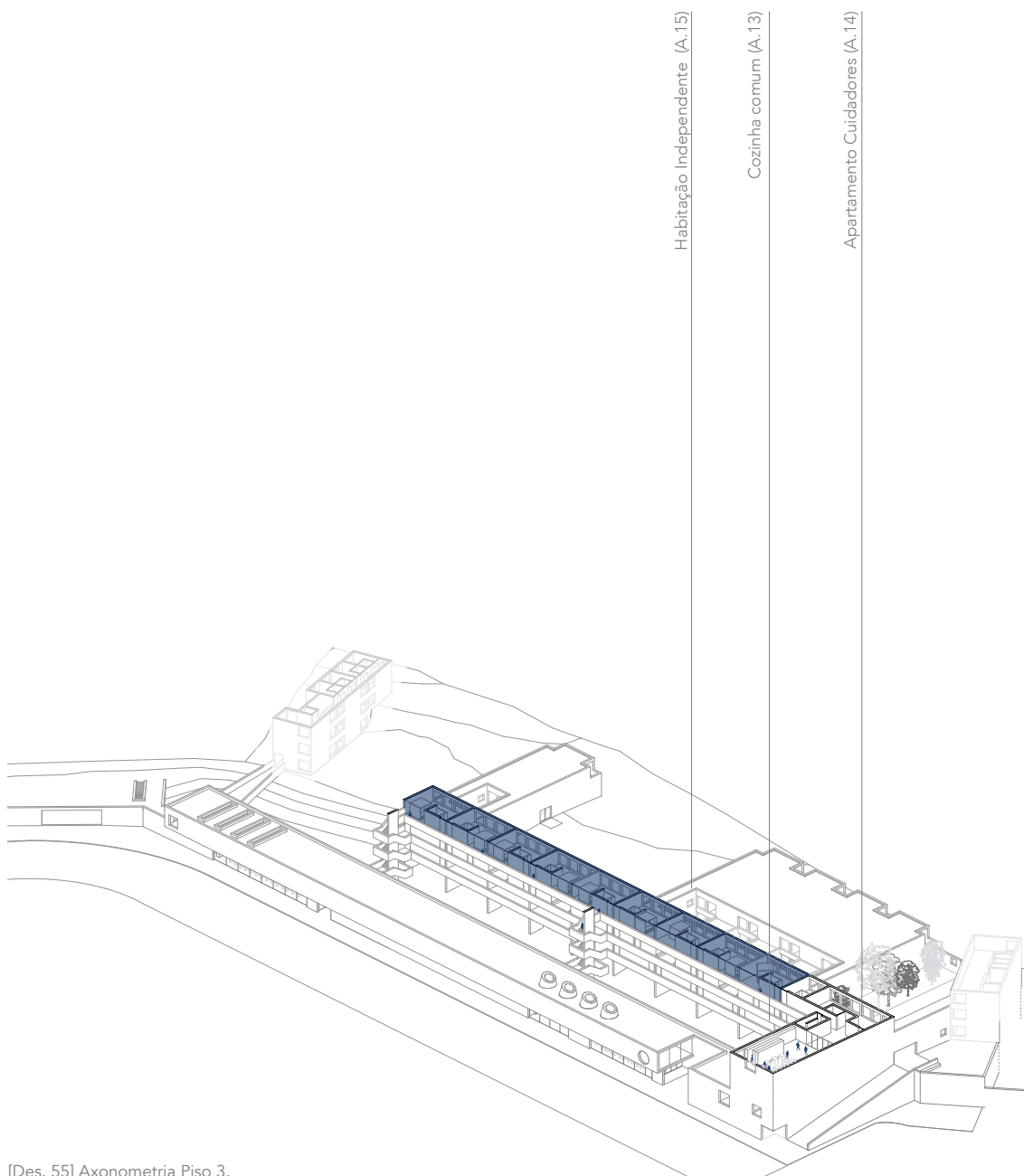
Assim, n’A CASA, viver de forma individual corresponde à possibilidade de transitar para uma unidade habitacional própria, individual, dentro do mesmo sistema habitacional, preservando a rede de suporte construída ao longo do tempo e a convivência coletiva, mas construindo um modo próprio de habitar.

O terceiro piso integra, ainda, um **Apartamento destinado a cuidadores** (A.14), permitindo responder a momentos de maior vulnerabilidade ou necessidade de apoio sem comprometer a vivência autónoma dos habitantes do Piso 2 e 3. Integra também uma **Cozinha Comum** (A.13) que, apesar da maior independência desta escala de habitar, procura manter possibilidades de convivência quotidiana entre os habitantes do Piso 3 e eventualmente do Piso 2. Sem exigir a deslocação ao refeitório e às zonas de *Suporte*, este espaço permite pequenos momentos de encontro e partilha, evitando que a vivência mais autónoma se encerre totalmente no espaço individual.

149. “(...) ter um apartamento próprio pode ser visto como uma marca de independência e autonomia por muitos jovens adultos.” in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.69.

150. Hertzberger, H. (1996). *Lições de arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes.p.28.

151. “Quando o ambiente físico é planeado para permitir que os residentes utilizem as capacidades e competências que possuem, os residentes alcançam um nível de independência e um sentimento de realização.” in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.63..



[Des. 55] Axonometria Piso 3.

Des. 55

04.01.03

Viver sozinho representa um desafio, mas n'A CASA corresponde a um processo gradual de aprendizagem, adaptação e construção de competências, onde a autonomia se afirma como continuidade e não como rutura ou isolamento. Se na primeira escala no Núcleo Familiar o apoio é assegurado pela presença constante da família e na Coabituação se constrói através da partilha quotidiana e da interdependência, na Habitação Independente viver sozinho afirma-se na possibilidade de deixar de exigir uma adaptação constante ao outro, permitindo estabelecer um ritmo próprio e uma relação mais pessoal com o quotidiano. No documentário *The Reason I Jump*, Ben descreve precisamente este processo de transição para uma vida mais autónoma até chegar a viver sozinho. [Fig. 193; 194]

O QuartoPEA3 organiza-se como um microapartamento personalizável, onde a configuração do espaço pode ser alterada ao longo do tempo. A ausência de uma organização rígida permite que o mesmo espaço assuma diferentes formas de utilização, possibilitando a construção de pequenas áreas de estar, maiores zonas de circulação ou ambientes mais recolhidos e contidos.

Estas transformações, acontecem através de um **Nicho organizador**¹⁵², assente sobre rodas capaz de estruturar percursos, definir limites e reorganizar o espaço [Des.56]. A sua deslocação permite alterar a relação entre as diferentes áreas do apartamento, aproximando ou afastando zonas de permanência, redefinindo enquadramentos e modificando a proximidade entre o corpo e o exterior. O microapartamento reage ao movimento permitindo ao habitante testar diferentes configurações e estabelecer a posição mais adequada a cada momento da sua vida. Nada é imposto e a autonomia manifesta-se na possibilidade de escolher como o posicionar¹⁵³.

Esta oportunidade de adaptação permite que o espaço responda às mudanças, sendo fundamental que "(...) as características de desenho e espaciais sejam suficientemente flexíveis para que possam ser alteradas de acordo com as necessidades mutáveis dos moradores"¹⁵⁴. Esta flexibilidade, fundamental no contexto da PEA, permite ajustar o QuartoPEA3 aos diferentes estados emotivos e sensoriais e promove uma maior sensação de controlo e estabilidade.

Assim, o microapartamento afasta-se de uma organização hierárquica rígida, assumindo-se como um sistema aberto e personalizável, onde o uso e a apropriação não são totalmente pré-determinados, mas construídos pelos habitantes, possibilitando a transformação mútua entre a pessoa e o espaço.

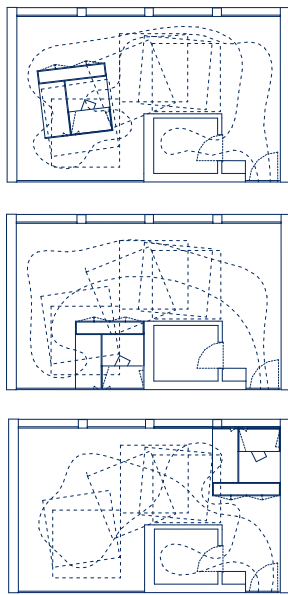


[Fig. 193; 194] Frames do documentário: *The reason I jump* (2020), Realizado por Jerry Rothwell. Estados Unidos da America e Reino Unido. Min. 01:12:32 e 01:14:15.

152. "(...) permitir que as características de desenho e espaciais sejam suficientemente flexíveis para que possam ser alteradas de acordo com as necessidades mutáveis dos moradores." in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.62.

153. "O projeto da habitação deve ser flexível, permitindo alterações para atender às necessidades individuais e personalizar a casa para novos residentes." in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.92.

154. "Considerando o espaço total da casa como um terreno livre, propusemos ocupá-lo com uma colonização transumante, semelhante à empregue pelos povos nômadas, para quem a ocupação de um espaço habitacional se realiza estacionando um espaço fechado - por vezes a mesma carroça em que viajam - e uma série de ações que se dispersam à sua volta." in Montey, X., & Fuertes, P. (2001). *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, p.69.

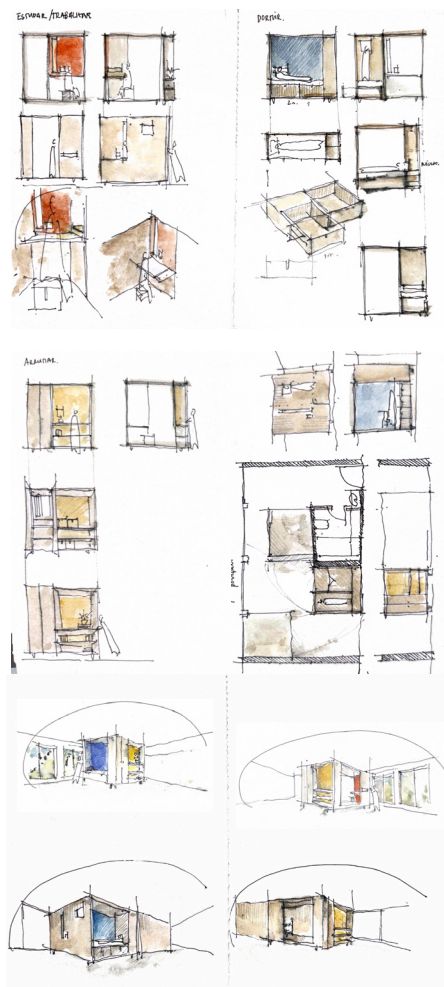


[Des.56] Esquemas de adaptação do microapartamento.

Entrada pela Galeria Exterior (A.15.0)

Instalação Sanitária (A.15.1)

Nicho



[Des. 57] Desenhos de estudo do QuartoPEA3 e do Nicho.

[Des. 58] Axonometria Habitação Independente.
Escala 1.150

193 Des 56 Des 57
194
Des 58

No centro da Habitação Independente o **Nicho** reforça a autonomia ao permitir ajustar o ambiente ao corpo e aos modos de habitar da pessoa com PEA.

A partir desta lógica, propõe-se um volume cúbico [Des. 59], de 2,4 por 2,4 metros, em madeira maciça e derivados, que concentra em si grande parte do que é necessário ao espaço individual, onde cada face, cor e textura corresponde a um momento específico: zona de descanso revestida a cortiça azul, zona de trabalho com Burel vermelho, e zona de arrumação com feltro amarelo, estabelecendo uma hierarquia entre o descansar, trabalhar e arrumar¹⁵⁵.

À semelhança do *Abitacolo* de Bruno Munari [Fig. 195], ou do *Studio-mobile e la charriotte à coucher* [Fig.196], o Nicho concentra diferentes ações quotidianas numa única estrutura habitável, permitindo que o espaço seja apropriado e vivido de formas distintas ao longo do dia.

De um lado, a cama como “*espaço individual por excelência*”¹⁵⁶ associado à necessidade mais básica do corpo - o repouso. Para além de um objeto, a cama pode ser entendida como um espaço em si mesma, recolhida numa *alcova* ou *aposenso*, assume um papel fundamental no QuartoPEA3, afirmando-se como o seu núcleo mais íntimo, onde a vulnerabilidade se expõe e o corpo abranda. Tal como nas alcovas presentes em *Monticello de Thomas Jefferson* [Fig.198] ou nos *Hospices de Beaune* [Fig. 199], define um espaço próprio, mais contido e protegido. Ao deitar, o espaço comprime-se, os limites aproximam-se do corpo e a escala torna-se mais íntima¹⁵⁷. Junto à cama, pousam-se os objetos do quotidiano no pequeno nicho mantendo ao alcance do corpo apenas o essencial.

Do lado oposto, é possível sentar-se no banco diante da mesa rebatível, onde o corpo pode trabalhar e estar atento. O QuartoPEA3 permanece visível, mas fora do campo imediato de ação. Pequenas aberturas, à altura do olhar, permitem que a luz atravesse o volume e estabelecem ligações visuais com a envolvente através dele. Por fim, no remate do volume cúbico, encontra-se o armário, permitindo organizar os objetos do quotidiano e contribuir para uma maior sensação de ordem e estabilidade no espaço.¹⁵⁸

Dormir de um lado, trabalhar do outro, unidos por pequenas aberturas transversais, mas com uma separação clara. Esta compartimentação torna-se particularmente importante num contexto de hipersensibilidade aos estímulos, permitindo reduzir interferências entre atividades e favorecer momentos de maior concentração e regulação. Esta separação entre diferentes zonas sensoriais aproxima-se também das investigações desenvolvidas por Magda Mostafa para quartos individuais para estudantes no contexto do autismo.¹⁵⁹

O Nicho contém o dia inteiro, o dia começa e termina aqui.

155. “O objetivo geral do projeto conceptual do quarto adaptado para estudantes com autismo é criar um santuário (...) um equilíbrio entre um espaço de descanso e um ambiente produtivo. Deve ser um espaço com paletas de cores suaves e uma base neutra sobre a qual os estudantes possam expressar as suas preferências sensoriais. Deve suportar as funções primárias do quarto - dormir, estudar e cuidar de si - em espaços compartimentados e distintos, para que cada atividade seja realizada sem a influência das outras”. in Mostafa, M. (2021). *The autism friendly university design guide*. Dublin, Ireland: Autism Friendly DCU, Dublin City University, p.92.

156. “A cama é o espaço individual por excelência, o espaço fundamental do corpo, aquele que até a pessoa mais endividada tem o direito de manter.” in Perec, G. (1974). *Espèces d'espaces*. França: Éditions Galilée. p.26.

157. “De certa forma, esta [a cama] já pode ser considerada um invólucro e possui, tanto nos berços como nas tradicionais camas de dossel, uma forma e um espírito próximos da representação de uma casa. Nesse sentido, é a condensação do espaço íntimo em que o facto de ter um teto desempenha um papel fundamental.” in Monteys, X., & Fuertes, P. (2001). *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, p.72.

158. “Os quartos devem ser concebidos para incluir arrumação substancial, uma secretária ou área de estar (...)” in Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press. p.124.

159. “Ao criar espaços separados, mas acessíveis para cada atividade, espera-se que o aluno consiga deixar os estudos de lado quando opta por dormir e vice-versa. (...) isto é particularmente relevante para alunos autistas” in Mostafa, M. *The Autism Friendly University Design Guide*. Dublin City University. p.93.

[Fig. 195] *Abitacolo*, Bruno Munari, 1971. in CSAC. Centro de Estudos de Comunicação, Universidade de Parma in <https://www.march.es/en/cuenca/exhibitions/bruno-munari-38242>

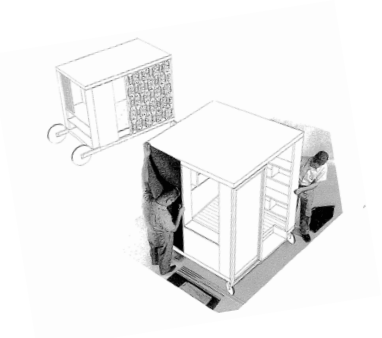
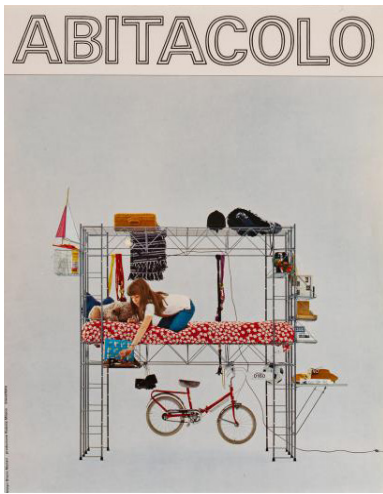
[Fig.196] *Studiolomobile e La chariotte à coucher* in Montey, X., & Fuertes, P. (2001). *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, p.70.

[Fig.197] *Quarto de Estudante adaptado para pessoas com PEA* in Mostafa, M. (2021). *The autism friendly university design guide*. Autism Friendly DCU, Dublin City University, p.96.

[Fig.198] Thomas Jefferson, Monticello, Estados Unidos, 1768-1809. "A habitação de Thomas Jefferson parece estar construída minuciosamente em torno da cama" in Montey, X. (2014) *La habitación más allá de la sala de estar*. Barcelona: Gustavo Gili, p.86.

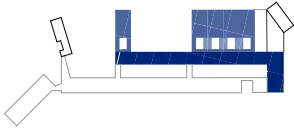
[Fig.199] *Les Hospices de Beaune* ou *Hôtel-Dieu de Beaune*, França, 1443. Fundado em 1443 por Nicolas Rolin organiza-se em enfermaria comum, onde cada cama define um espaço individual no interior de uma lógica coletiva. in <https://www.france-voyage.com/franca-turismo/fotos-museu-ho>

[Des 59] *Nicho*, estrutura de madeira 2,4 x 2,4 metros



195 196
197 198
199
Des 59

04.



Piso 3 Acolhimento - 840 m²

A.13 Cozinha Comum 120 m²

A.14 Apartamento Cuidadores 50 m²

A.14.1 Quarto 20 m²

A.14.2 Sala 25 m²

A.14.3 Instalação Sanitária 5 m²

A.15 Habitação Independente 50m²

A.15.0 Entrada pela Galeria exterior

A.15.1 Instalação Sanitária 5 m²

S.23 Residência Temporária

S.23.0 Entrada Principal

S.24 Ponte e Entrada Poente

S.25 Quartos Partilhados 15m²;

S.25.01 Instalação Sanitária 4,5 m²

S.26 Zonas Comuns 20m²

S.27 Centro de formação:

S.27.0 Entrada pela Praça

S.28 Recepção 15m²

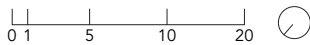
S.29 Salas de Formação 80m²

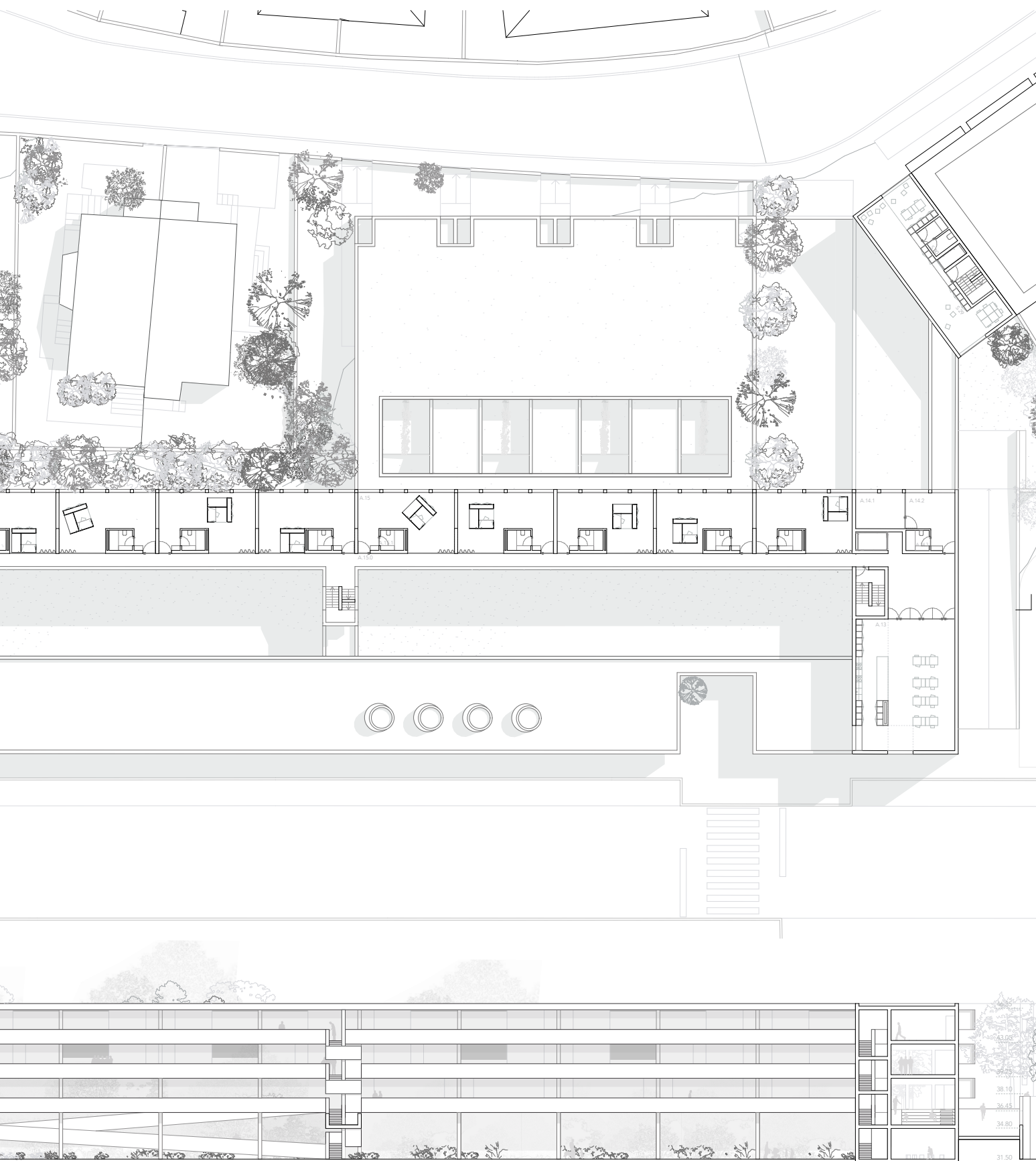
S.30 Instalações Sanitárias 10m²

S.31 Praça 450 m²



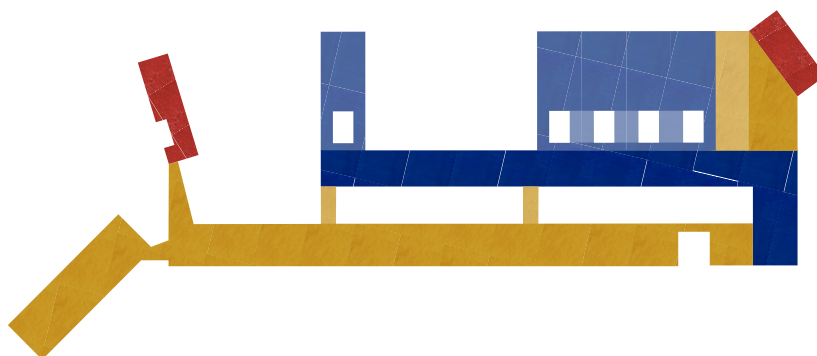
[Planta 3] Planta Piso 3 à cota
45.00; Escala 1:500
[Corte 4] Longitudinal





ii

HABITAR COM SENTIDO





No texto dirigido aos estudantes, Hertzberger, escreve: *“Se achas que não podes melhorar o mundo com o teu trabalho, pelo menos não o piores. A arte da arquitetura não consiste apenas em fazer coisas belas - nem em fazer coisas úteis, mas em fazer ambas ao mesmo tempo - como um alfaiate que faz roupas bonitas e que servem. E, se possível, roupas que todos possam usar, não apenas o Imperador.”*¹⁶⁰

Num contexto contemporâneo marcado pela aceleração, pela dualidade e por uma crescente insensibilidade perante o outro, parece continuamente urgente refletir sobre o modo como os modelos habitacionais respondem à vulnerabilidade e às diferentes formas de estar no mundo. O âmbito da Perturbação do Espectro do Autismo é mais um dos cenários onde o papel da arquitetura da casa pode e deve ter um impacto positivo real.

A CASA surge como uma reflexão desenhada sobre a ausência de respostas capazes de acompanhar estas pessoas ao longo da vida, defendendo que responder a necessidades específicas do autismo, não implica criar espaços isolados ou segregados. Pelo contrário, reconhecer a diversidade humana constitui uma oportunidade para construir formas de habitar mais inclusivas, confortáveis e abertas a todos. Magda Mostafa, arquiteta e investigadora na área da arquitetura para o autismo reforça esta ideia ao afirmar que é precisamente a diversidade que cria um terreno fértil para o pensamento crítico e para a transformação da sociedade¹⁶¹.

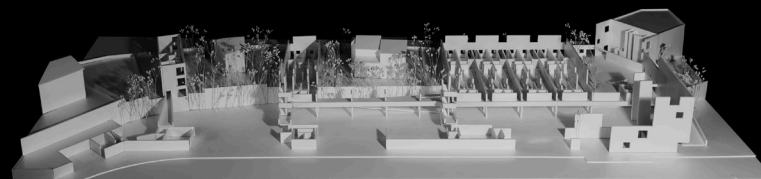
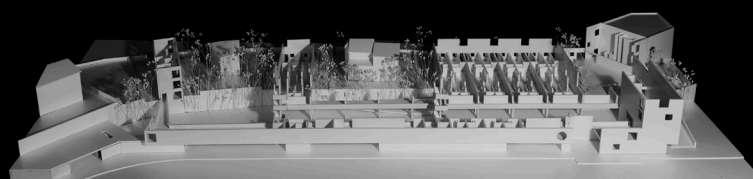
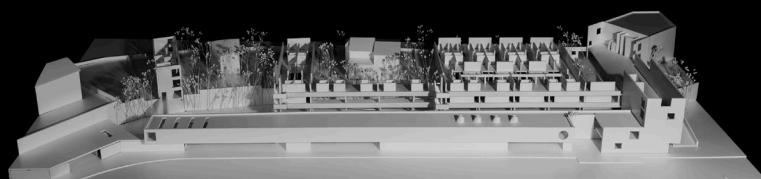
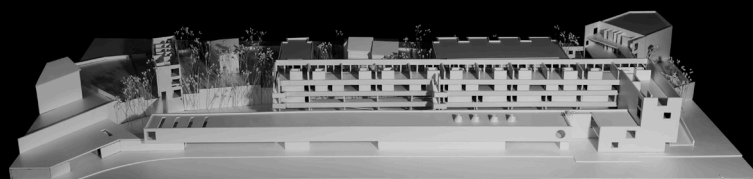
Para além disso, acredita-se que estas questões exigem uma abordagem interdisciplinar, na qual a arquitetura assume um papel ativo pela sua capacidade de articular diferentes escalas - do objeto ao edifício e do edifício à cidade. A ambição d'A CASA ultrapassa, assim, a escala do objeto arquitetónico, apontando para a necessidade de um enquadramento mais alargado, nomeadamente ao nível das políticas públicas. Neste sentido, torna-se pertinente questionar a ausência de instrumentos legislativos, programáticos e institucionais capazes de responder à complexidade associada à PEA.

À luz destes princípios, A CASA não procura definir uma solução única ou definitiva, mas antes explorar diferentes abordagens para o habitar autista, promovendo proximidade, participação e convivência. Desenvolvida para o contexto do Porto, assenta na ideia de que os princípios aqui explorados podem contribuir para futuras reflexões e intervenções noutros lugares.

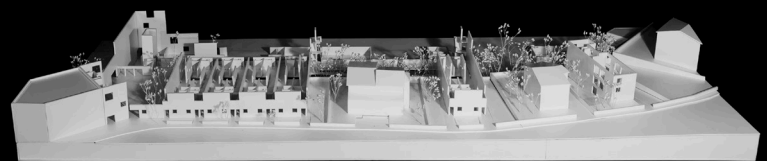
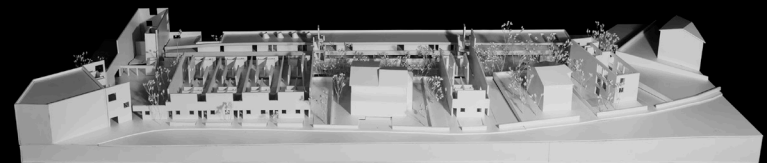
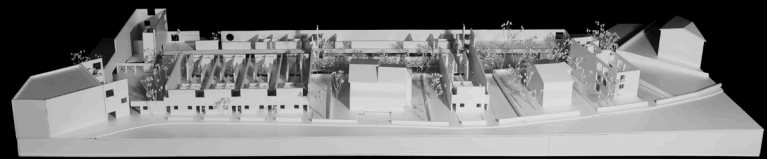
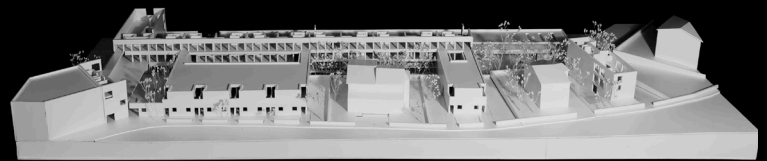
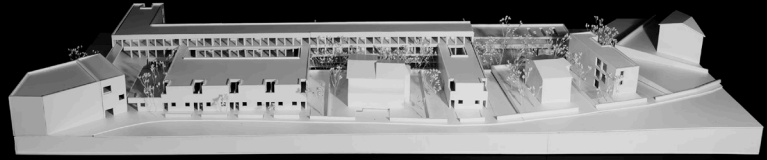
A CASA surge como uma proposta assente no **Conhecimento**, na **Avaliação**, no **Suporte** e no **Acolhimento**, procurando tornar mais simples a complexidade da PEA. Habitar A CASA é Habitar com sentido.

160. Hertzberger, H., & Rike, I. (1991). *Lessons for students in architecture*. Rotterdam: 010 Publishers. p.174.

161. Mostafa, M. (2021), *Autism Design and Architecture For All: Architecture for a Differently Abled World*. IQD: Inside Quality Design. p.63. in https://issuu.com/magda-mostafa/docs/iqd_65_lowres



[Maquete 5] A CASA 1.200.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Sobre arquitetura e a saúde:

Ayers, A. *Sick Architecture and the Spatial Politics of Disease*, PIN-UP Magazine. Disponível em <https://www.pinupmagazine.org/articles/sick-architecture-exhibit-brussels-beatriz-colomina/>

Colomina, B. (2019). *X-Ray Architecture*. Zürich: Lars Müller Publishers

Colomina, B. (2025, abril). *The Architectural Review*, nº1520 - Health.

Colomina, B., Axel., N & Hirsch, N. (2022) *Sick Architecture*. E-flux Architecture. Disponível em: <https://www.e-flux.com/architecture/sick-architecture/>

Colomina, B., & Hirsch, N. *How Sick Is Architecture?* ARCH+. Disponível em https://archplus.net/en/how-sick-is-architecture/#_msoanchor_1

Sobre a Perturbação do Espectro do Autismo:

Álvarez, A. (2020). *Design handbook for autism*. Disponível em: https://issuu.com/andreaalvarez083/docs/some_pages_test.

American Psychiatric Association, *What Is the DSM?*. Disponível em: <https://www.psychiatry.org/patients-families/what-is-the-dsm>

APPDA Lisboa. Disponível em: <https://www.appda-lisboa.org.pt/>

APPDA Norte. Disponível em: <https://appda-norte.org.pt/>

Autism Research Institute, *Sensory integration*. Disponível em: <https://autism.org/sensory-itegration/>

Café Joyeux. Disponível em: <https://www.nit.pt/comida/cafes-e-bares/joyeux-cafe-inclusivo-chegou-norte>

Carta social. Disponível em: <https://www.cartasocial.pt/o-que-e>

Dançando com a diferença. Disponível em: <https://danca-inclusiva.com/>

DLR GROUP. (2025) *Designing Spaces for Neuro-Inclusivity: The "Tactile" Exhibit*. Disponível em: <https://www.dlrgroup.com/firm-news/tactile-exhibit-time-space-existence/>

Eijgendaal M et al., (2010) *MSE/Snoezelen: A Definition and Guidelines*. International Snoezelen Association. Disponível em: <https://www.isna-mse.org/assets/mse-position-paper-idea-forum.2010vs1.pdf>

Federação Portuguesa do Autismo. *O longo caminho percorrido de Leo kanner ao ICD-11: Autismo 1943-2022*. Disponível em: <https://www.fpda.pt/post/um-longo-caminho-percorrido-de-leo-kanner-ao-icd11-autismo-1943-a-2022>

Fojcik, A.-M. T. (2017). *Les maisons d'Aria: La musique, l'autisme et l'espace*. École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris-Malaquais.

Grandin, T., & Panek, R. (2014). *The autistic brain: Exploring the strength of a different kind of mind*. United Kingdom: Ebury Publishing.

International Snoezelen Association. Disponível em: <https://isna-mse.org>.

Jaajoco, P. (2022). *Sick Architecture: Autistic spatiality and the limits of care*. NY: E-flux Architecture. Disponível em: <https://www.e-flux.com/architecture/sick-architecture/>

Mimran, H. (2023) *La Belle Étincelle [Filme]*. Visualizado na RTP Play em

Janeiro de 2026: in <https://www.rtp.pt/play/p16018/e918589/la-belle-e-tincelle-brilho-com-sabor>

Mostafa, M. *ASPECTS: The autism design index*. Disponível em: <https://www.autism.archi/aspects>

Mostafa, M. (2021). *The autism friendly university design guide*. Autism Friendly DCU, Dublin City University.

Mostafa, M. (2021) *Autism Design and Architecture For All: Architecture for a Differently Abled World*. IQD: *Inside Quality Design*. Disponível em https://issuu.com/magdamostafa/docs/iqd_65_lowres

Olivares, G. (2016) *El Faro de las Orcas* [Filme] Espanha e Argentina. Disponível em: <https://www.netflix.com/>

Palacio, J. (2024) *Makayla's Voice: A Letter to the World* [Documentário]. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81926434>

Pastelaria Teatro dos sonhos. Disponível em: <https://teatrodossonhos.pt>

Portaria n.º 59/2015, de 2 de março. (2015). *Diário da República*. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/59-2015-66639520>

Portaria n.º 77/2022, de 3 de fevereiro. (2022) *Diário da República*. in <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/77-2022-178602021>

Portaria n.º 205/2025, de 30 de abril. (2025). *Diário da República*. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/205-2025-916383943>

Rashid, R. (2017-2021) *ATYPICAL, 4 temporadas* [Série]. Estados Unidos da América. Disponível em: <https://www.netflix.com/pt/title/80117540>.

Rasga, C. et al. (2020). *Prevalência da Perturbação do Espectro do Autismo na região Centro de Portugal: Um estudo no âmbito do projeto ASDEU. - nº27*. Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge.

Rothwell, J. (2020) *The Reason I Jump* [Documentário].

Steele, K., & Ahrentzen, S. (2016). *At home with autism: Designing housing for the spectrum*. Bristol: Policy Press.

Trancoso, M., & Cavalcante, N. (2017). Autismo e conforto ambiental: 16º ERGODESIGN USIHC - Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-Tecnologia. CINAHPA. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/autismo-e-conforto-ambiental-25798>

Vencer Autismo. Disponível em: <https://www.vencerautismo.org>

World Health Organization. *Autism spectrum disorders*. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>

Sobre o lugar, as sensações e o espaço:

Bachelard, G. (1998). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.

Bartolomé, J. (2025) *Alegria arquitectónica (o cómo emocionar diseñando edificios para la sociedad contemporánea)*. Madrid: Ediciones Asimétricas.

Cláudio, M. (2016). *Um Éden de bolso: Parque da Cidade* [Catálogo de exposição]. Câmara Municipal do Porto.

Hertzberger, H., & Rike, I. (1991). *Lessons for students in architecture*. Rotterdam: 010 Publishers.

Hertzberger, H. (1996). *Lições de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes.

Hertzberger, H. (2000). *Space and the architect: Lessons in architecture 2*. Rotterdam: 010 Publishers.

Le Corbusier (2005), *Mensagem aos estudantes de arquitetura*, São Paulo: Martins Fontes.

Melgarejo Belenguer, M. (2011). *La arquitectura desde el interior 1925-1937 : Lilly Reich y Charlotte Perriand*. Barcelona: Fundación Caja de arquitectos.

Norberg-Schulz, C., & Norberg-Schulz, A. M.. (1986). *Genius Loci : Paesaggio, ambiente, architettura*. Milano: Electa

Pallasmaa, J. (2022). *Los ojos de la piel: La arquitectura y los sentidos*. Barcelona: Editorial GG.

Perec, G. (1974). *Espèces d'espaces*. France: Éditions Galilée.

Rasmussen, S. E. (2007). *Viver a arquitetura*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Zumthor, P. (2006). *Atmosferas: Entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam*. Barcelona: Gustavo Gili.

Sobre habitar:

Adcock, C. E. (1990). *James Turrell: The art of light and space*. Berkeley: University of California Press.

Eleb, M., & Bendimérad, S. (2018). *Ensemble et séparation: Des lieux pour cohabiter*. Bruxelles: Éditions Mardaga.

Miguel, J. M. C. (2003). *A casa*. Imprensa. São Paulo: Oficial do Estado.

Monteys, X., & Fuertes, P. (2001). *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG.

Monteys, X. (2014) *La habitación más allá de la sala de estar*. Barcelona: Gustavo Gili.

Torres Tur, E. (1993). *Luz cenital* [Tese de doutoramento]. Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya, Barcelona, Espanha.

Sobre a criança:

The Architectural Review. *Alma Siedhoff-Buscher (1899-1944)*. Disponível em: <https://www.architectural-review.com/essays/reputations/alma-siedhoff-buscher-1899-1944>

Kozlovsky, R. (2013). *The architectures of childhood: children, modern architecture and reconstruction in postwar England*. Farnham, Surrey: Ashgate.

Todas as referências foram consultadas entre março de 2025 e fevereiro de 2026.

Habitar com Sentido:
A CASA para a Perturbação do Espectro do Autismo
Bárbara Nunes Reis

FACULDADE DE ARQUITETURA

